



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Luísa Lopes da Silva Tomé

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Educação Financeira e a publicidade: proposta didática para o 2º
e 3º ano de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Lina Fonseca

fevereiro de 2017

“A educação é um processo social, é desenvolvimento.

Não é preparação para a vida: é a própria vida.”

John Dewey

Agradecimentos

A concretização deste trabalho simboliza o culminar de um percurso repleto de aprendizagens que me fez crescer e tornar-me aquilo que sou hoje. Vivenciei momentos de alegria, tristeza, esperança, trabalho, dedicação, motivação e desmotivação e que me fizeram crescer como pessoa e como profissional. Apesar do seu cariz individual, o desenvolvimento deste trabalho não seria possível sem o envolvimento de algumas pessoas que estiveram presentes em muitos destes momentos e que de forma direta ou indireta deram o seu contributo. Assim agradeço...

À minha orientadora, Professora Doutora Lina Fonseca pelo privilégio que foi trabalhar ao seu lado para o culminar deste estudo. Pela sua dedicação na coordenação deste mestrado, pela sua inteira disponibilidade, pelo seu incentivo, pelas suas palavras que chegavam sempre na hora certa e pelo exemplo que é enquanto pessoa e sobretudo enquanto professora. Muito obrigada pela sua partilha de saberes que muito contribuíram para o meu crescimento tanto a nível profissional como a nível pessoal.

Aos restantes docentes que acompanharam o meu percurso na PES I e PES II, por todos os ensinamentos que transmitiram, foram cruciais para o término deste percurso.

Ao meu par pedagógico, Cristina Rodrigues, que sempre me acompanhou em todos os momentos difíceis desta longa caminhada. Pela constante partilha de saberes, de ideias, de situações difíceis e de momentos felizes. Por todo o companheirismo e sobretudo pela forte amizade que foi construída.

Aos meus pais pelo apoio incondicional ao longo da minha vida e por me apoiarem nas decisões mais difíceis.

Ao Rogério pelas palavras de incentivo, pela motivação, pela sua paciência e pela partilha de momentos e emoções. Por me fazer acreditar que sou capaz de concretizar os meus sonhos e pela sua frontalidade que fez com que me tornasse mais forte.

À Natália que me incentivou sempre a nunca baixar os braços, mesmo nos momentos em que tudo parecia tão difícil. Por todos os momentos passados ao longo da redação deste trabalho, pelos desabaços e sobretudo pelos seus conselhos nos momentos de desabaço.

À Marta por todos os momentos de desabaço, pelas brincadeiras, pelos seus conhecimentos tecnológicos e sobretudo por esta amizade que nos une.

À Cinda pelos seus conhecimentos na língua inglesa, pela sua disponibilidade, pelos desabaços e pelos seus conselhos que me ajudam a crescer.

À Professora cooperante pelo seu profissionalismo, incentivo e pela partilha de conhecimentos que contribuiu para o enriquecimento da minha formação.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II). A prática foi desenvolvida numa escola de 1.º ciclo no distrito de Viana do Castelo, num 2º e 3º ano de escolaridade ao longo de quinze semanas.

O projeto de investigação desenvolvido tem como tema central a Educação Financeira, sendo que a proposta didática se focou na influência da publicidade no que diz respeito ao ato de consumo. O estudo envolveu a participação de 12 alunos do 2º e 3º ano e pretendeu desenvolver conhecimentos dos alunos sobre a educação financeira e um olhar crítico no que concerne à publicidade. Para orientar o estudo definiram-se as seguintes questões: 1) Que conhecimentos manifestaram os alunos sobre a Educação Financeira?; 2) Em que aspetos se focaram quando analisaram a publicidade?; 3) Em que se basearam os alunos para tomar decisões?; 4) Que significados atribuíram os alunos aos conceitos trabalhados?. Com a sequência de tarefas implementada e analisada pretendeu-se ajudar os alunos a alcançar os seguintes objetivos: a) Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”; b) Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas; c) Compreender a noção de rendimento; d) Compreender a moeda enquanto meio de pagamento; e) Simular pagamentos e efetuar trocos com notas e moedas; f) Reconhecer a importância de notas e moedas para adquirir bens; g) Reconhecer criticamente a compra por impulso; h) Analisar publicidade; i) Tomar decisões fundamentadas.

Tendo em conta as questões de orientação e os objetivos definidos optou-se por um estudo desenvolvido no paradigma interpretativo, seguindo a metodologia qualitativa e o método descritivo e interpretativo, com objetivo exploratório. A recolha de dados foi realizada através de observação participante, questionários, meios audiovisuais e documentos dos alunos produzidos durante a realização das tarefas. Para a análise dos dados foram definidas categorias que tiveram por base as questões orientadoras.

Após a análise dos resultados constatou-se que o envolvimento da Educação Financeira nas escolas é uma mais-valia para a formação dos futuros cidadãos, na medida em que são dadas as bases para que os alunos possam desenvolver capacidades e confiança para tomar decisões e fazer escolhas refletidas/ conscientes em relação ao seu bem-estar financeiro (OCDE, 2006).

Palavras-chaves: Educação Financeira; Matemática; Publicidade; Consumo; Proposta didática.

Abstract

The following report was conducted within the framework of the Pedagogic Supervised Practise II (Prática Pedagógica Supervisionada II – PES II). This practice was developed in a Primary School of the district of Viana do Castelo, with Second and Third Grade level classes over a period of 15 weeks.

The ensuing research project has as its main theme Financial Education and the Didactic Proposal focused on the influence of advertising upon the act of consumerism. The study involved the participation of 12 students of the Second and Third Grade and intended to develop students' knowledge concerning Financial Education and a critical eye towards advertising. For this study the following guidelines were defined: 1) What knowledge did the students express concerning Financial Education?; 2) In which aspects did they focus when they analysed the advertisements?; 3) In what did the students base themselves when it came to making decisions?; 4) What meanings did the students assign to the concepts they worked with?. The intention of the implemented and analysed sequence of tasks was to help students achieve the following objectives: a) To establish the difference between "needing" and "wanting"; b) To distinguish and exemplify necessary expenses and superfluous expenses; c) To understand the concept of income; d) To understand currency as a means of payment; e) To simulate payments and make change with bills and coins; f) To recognise the importance of bills and coins to purchase goods; g) To critically recognise impulse buying; h) To analyse advertising; i) To make informed decisions.

Taking into account the orienting guidelines and the defined objectives we opted to develop the study in an interpretative paradigm, following the qualitative methodology and descriptive and interpretive method, with an exploratory objective. Data collection was performed through participant observation, questionnaires, audiovisual media and documents produced by the students during the tasks. Categories were defined for the analysis of the data, based on the orienting guidelines.

After the analysis of the results it was concluded that the integration of Financial Education in schools is an asset for the development of future citizens, considering that the students are given the foundation so they can develop the skills and confidence to make decisions and make conscious and pondered choices when concerning their financial well-being (OCDE, 2006).

Keywords: Financial Education; Mathematics; Advertising; Consumerism; Didactic Proposal

ÍNDICE

| | |
|---|------|
| Agradecimentos | I |
| Resumo..... | III |
| Abstract | V |
| Lista de Siglas e Abreviaturas | XIII |
| Introdução | 1 |
| CAPITULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II | 3 |
| CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO | 5 |
| Caracterização do Meio Envolverte..... | 5 |
| Caracterização da instituição | 6 |
| Caracterização da turma | 6 |
| Áreas de intervenção | 8 |
| CAPITULO II- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO | 13 |
| PERTINÊNCIA DO ESTUDO..... | 15 |
| PROBLEMA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO..... | 16 |
| REVISÃO DE LITERATURA | 19 |
| Literacia Financeira e Educação Financeira..... | 19 |
| Importância da Educação Financeira | 20 |
| O papel das escolas na Educação Financeira | 22 |
| A relação da Educação Financeira com a Matemática..... | 24 |
| Educar para o consumo..... | 25 |
| Influência da publicidade na sociedade de consumo | 27 |
| Estudos empíricos | 29 |
| METODOLOGIA..... | 33 |
| Opções Metodológicas..... | 33 |
| Participantes..... | 35 |
| Recolha de dados | 36 |
| Intervenção Educativa..... | 40 |
| Análise dos dados..... | 46 |
| APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS..... | 49 |
| Questionário inicial | 49 |
| Tarefa 1- Conhecer o dinheiro do meu país..... | 58 |
| Tarefa 2 - O que é supérfluo e necessário?..... | 62 |
| Tarefa 3 - A lista de compras..... | 64 |
| Tarefa 4 - Construção do catálogo de publicidade..... | 68 |

| | |
|---|-----|
| Tarefa 5 - Mercadinho..... | 72 |
| Questionário Final..... | 80 |
| CONCLUSÕES..... | 91 |
| Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações | 95 |
| CAPITULO III – REFLEXÃO FINAL DA PES I E PES II..... | 97 |
| Reflexão final da PES I e PES II..... | 99 |
| Anexos..... | 107 |
| Anexo 1 – Planificação de referência | 109 |
| Anexo 2 – Questionário inicial | 126 |
| Anexo 3 – Questionário final..... | 130 |
| Anexo 4 – Entrevista à professora titular de turma..... | 133 |
| Anexo 5 – Pedido de autorização..... | 135 |
| Anexo 6 – Notas e moedas..... | 136 |
| Anexo 7 – Imagens dos alimentos da tarefa 2 | 136 |
| Anexo 8 – Catálogo publicitário da tarefa 2..... | 137 |
| Anexo 9 – Catálogos publicitários da tarefa 3..... | 137 |

Índice de figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1- Imagem da cidade de Viana do Castelo | 5 |
| Figura 2 - Recebes dinheiro dos teus pais? | 50 |
| Figura 3 - Recebes dinheiro dos teus familiares?..... | 51 |
| Figura 4 - Para que serve o dinheiro? | 52 |
| Figura 5 - Costumas ver os catálogos das lojas? | 54 |
| Figura 6- Evidencia do aluno A 3/1..... | 57 |
| Figura 7- Evidencia do aluno A 3/3..... | 57 |
| Figura 8- Evidência da estratégia de resolução do aluno 2/4 | 61 |
| Figura 9- Evidencia da aluna 3/ 5 | 63 |
| Figura 10- Evidencia do aluno 3/1..... | 63 |
| Figura 11- Evidencia do aluno 2/5..... | 64 |
| Figura 12- Catálogos da tarefa 3 | 65 |
| Figura 13- Evidência da aluna 3/1 | 66 |
| Figura 14- Evidência do aluno 3/3..... | 67 |
| Figura 15 - Evidência do aluno 2/3..... | 68 |
| Figura 16- Exemplos dos catálogos mostrados aos alunos. | 69 |
| Figura 17- Catálogo publicitário feito pela turma. | 72 |
| Figura 18- Disposição dos produtos no mercadinho..... | 73 |
| Figura 19 - 1.º lista e 2.º lista dos alunos 2/1 e 2/4 | 74 |
| Figura 20 - 1.º lista e 2.º lista dos alunos 3/3 e 3/5 | 75 |
| Figura 21 - 1.º lista e 2.º lista dos alunos 3/4 e 2/3 | 76 |
| Figura 22 - 1.º lista e 2.º lista dos alunos 2/6 e 2/7 | 77 |
| Figura 23 - 2º lista dos alunos 3/1 e 2/5 | 78 |
| Figura 24 - 1.º lista dos alunos 3/1 e 2/5 | 78 |
| Figura 25 - Para que serve o dinheiro? | 81 |
| Figura 26 - Costumas ver os catálogos de publicidade? | 81 |
| Figura 27 - O que gostarias de comprar? | 82 |
| Figura 28- Evidência do aluno 2/5..... | 84 |
| Figura 29- Evidência do aluno 3/1..... | 84 |
| Figura 30- Evidência do aluno 3/2..... | 85 |
| Figura 31 - O que aprendeste com a Educação Financeira? | 86 |
| Figura 32 - Para que serve o dinheiro? | 87 |

Índice de quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 1- Tarefas desenvolvidas e respetivos objetivos..... | 42 |
| Quadro 2 - Calendarização do estudo..... | 48 |
| Quadro 3 - Nomes criados para o mercadinho e slogans. | 70 |
| Quadro 4 - Comparação dos grupos na tarefa 5..... | 79 |

Lista de Siglas e Abreviaturas

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor

DGE – Direção Geral de Educação

MEC – Ministério da Educação e Ciência

OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico

PE – Professora estagiária

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNFF – Plano Nacional da Formação Financeira

PTT – Professora titular de turma

REF- Referencial de Educação Financeira

UC – Unidade Curricular

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

O relatório está organizado em três capítulos. O primeiro refere-se ao enquadramento da PES II, onde é caracterizado o contexto educativo, o meio envolvente, a instituição, a sala de aula e a turma. Segue-se a descrição das áreas de intervenção em que se evidencia todo o trabalho realizado e os conteúdos abordados.

O segundo capítulo refere-se ao Trabalho de Investigação desenvolvido no âmbito da Educação Financeira e está subdividido em secções. Este capítulo inicia com a pertinência do estudo, a definição do problema e as questões e objetivos de investigação. Segue-se a revisão de literatura, onde é apresentada a fundamentação teórica do presente trabalho, com o intuito de aprofundar o conhecimento relativamente ao tema escolhido. A secção seguinte refere-se às opções metodológicas, à caracterização do grupo de participantes, às técnicas de recolha de dados, à descrição das tarefas que constituem a proposta didática, aos procedimentos de análise de dados e à calendarização do estudo. A última secção refere-se à análise dos dados e à conclusão do estudo.

O terceiro capítulo apresenta uma reflexão global da PES I e da PES II, onde são evidenciadas as aprendizagens adquiridas neste percurso.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

No presente capítulo são apresentados aspetos do contexto onde se desenvolveu o estudo. É apresentado em primeiro lugar a caracterização do meio que envolve a escola, seguindo-se a caracterização da instituição, da sala e da turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II.

Caracterização do Meio Envolverte

A escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II pertence a um agrupamento de escolas do concelho de Viana do Castelo. Esta cidade, situada na foz do Lima é muito rica em tradições, festividades religiosas.

O município de Viana do Castelo tem aproximadamente 91 000 habitantes e está subdividido em 27 freguesias. Possui um conjunto de espaços culturais modernizados, teatros, cinemas, biblioteca e museus, proporcionando condições de enriquecimento cultural a residentes e visitantes. A freguesia em que se situa a escola onde decorreu este estudo tem cerca de 7 805 habitantes e possui como principais atividades económicas a indústria, a construção naval, comércio, pesca fluvial e hotelaria.



Figura 1- Imagem da cidade de Viana do Castelo

Caracterização da instituição

A escola encontra-se em bom estado de conservação, uma vez que foi restaurada recentemente. Relativamente ao espaço físico, esta escola está dividida em dois pisos. No primeiro piso encontra-se a cantina, a sala de Professores, a sala de multimédia/biblioteca, o ginásio com vários recursos (bolas, arcos, colchões, cordas, pinos de bowling, etc.), os balneários, a sala destinada ao Jardim de Infância, a sala de U.A.E.M. (Unidade de Apoio Educativo à Multideficiência), um hall entre estas duas salas e três casas de banho, uma para o grupo do pré – escolar, outra para os meninos da sala de U.A.E.M. e uma para os professores e funcionários. O segundo piso é destinado ao 1º ciclo havendo três salas, a sala do 1º ano, a sala do 2º e 3º ano e a sala do 3º e 4º ano. Entre estas salas existe um hall onde se encontram vários armários com diversos materiais didáticos para as várias áreas curriculares, de entre os quais se destacam: geoplanos, compassos, blocos lógicos, material Cuisenaire, sólidos geométricos, figuras geométricas, materiais multibase, miras, dominós, régua de frações, jogos, o corpo humano desmontável e em grandes dimensões, puzzles, entre outros. Neste piso existem duas casas de banho, uma para as meninas e outra para os meninos. O recreio é um espaço bastante amplo, com uma parte cimentada, uma parte em terra, outra com relva e um pinhal. Entre o pinhal existe um espaço destinado à horta pedagógica que é tratada pela coordenadora, com a colaboração dos alunos. O recreio também possui um campo de jogos e um pequeno parque com baloiços e escorregas.

O horário letivo deste estabelecimento começa às 9h e termina às 16h, no entanto algumas crianças ficam no prolongamento de horário, das quatro horas às seis horas com atividades de apoio ao estudo.

Caracterização da turma

A turma onde realizei este estágio era composta por alunos que se encontravam em dois anos de escolaridade: 2º e 3º anos. O grupo de alunos do 3º ano é constituído por cinco crianças, três meninas e dois meninos e o do segundo ano é constituído por onze crianças, quatro meninas e sete meninos, sendo um total de dezassete alunos. Uma criança da sala da U.A.E.M vinha à sala uma hora por dia sempre acompanhado por uma

auxiliar de ação educativa. No grupo de alunos do 2º ano havia duas crianças como necessidades educativas especiais estando a trabalhar ao nível do 1º ano.

Os alunos têm idades compreendidas entre os setes e os nove anos.

Duas vezes por semanas, os alunos do 3º ano tem 1h de Inglês, enquanto isso os restantes alunos estão com a professora de apoio ao estudo. Algum destes alunos ficam todos os dias nas atividades extra curriculares.

O grupo de alunos mostra interesse em aprender novos conteúdos, contudo existem algumas crianças que se distraem com muita facilidade e mostram dificuldade em assimilar novas aprendizagens. As regras estabelecidas pela professora para a sala de aula, para a cantina e para o recreio são geralmente cumpridas.

Todos os alunos se relacionam bem, entreajudam-se e preocupam-se com o bem estar dos colegas. No entanto existem, por vezes pequenos conflitos. Quando confrontados com as atitudes erradas que tomaram, os alunos são capazes de admitir o seu erro e refletir sobre o mesmo pedindo desculpas.

Em geral mostram dificuldades em trabalhar em grupo, distraíndo-se do trabalho que lhes foi solicitado, contudo existem elementos que se sobressaem-se, conseguindo trabalhar e conjunto refletindo-se no produto final que apresentam.

Existem crianças cujos pais se encontram separados e que já formaram família com outra pessoa, a criança mostra lidar bem com a situação, porém em certos momentos mostram carência solicitando atenção através de algumas atitudes. Tratam-se na sua maioria de famílias pequenas, com apenas um filho, havendo duas crianças com dois irmãos. Apenas as duas crianças com NEE tem algumas carências socioeconómicas. Ao nível da alimentação existe preocupação por parte de alguns pais em estabelecer hábitos de alimentação saudável, o que se reflete no lanche que preparam.

Relativamente às aprendizagens dos alunos nas diferentes áreas curriculares posso afirmar que a Educação Física e era a área que mais captava o interesse do grupo. Em Expressão Plástica os alunos revelavam gosto pelos seus trabalhos, tendo sempre criatividade para conjugar e utilizar todos os materiais que lhes eram disponibilizados. Na área de Expressão Dramática os alunos apresentavam pouco à vontade em realizar os desafios que lhes eram proposto, tornando por vezes o que faziam muito pobre. A área em que apresentavam mais conhecimentos prévios era a do Estudo do Meio, os

alunos demonstravam sempre grande curiosidade no novo conteúdo inserido nesta área, principalmente quando era abordado através de uma experiência/ atividade prática. O “ O meu corpo” foi o conteúdo que os alunos mostraram mais interesse em aprender, tanto os do 3º ano como os do 2º ano. Na área de Português os alunos mostravam muitas dificuldades, principalmente na redação de frases e de textos, dando bastantes erros, tanto ortográficos como de construção frásica. Alguns alunos tinham muitas dificuldades na leitura, fazendo bastantes pausas entre as sílabas das palavras, no entanto sentiam muito gosto e interesse em levar para casa, livros de requisitavam na biblioteca. A quando a leitura dos textos os alunos sublinhavam o que achavam importante o que ajudava na sua interpretação, assim esta era uma tarefa que na maioria das vezes era feita com sucesso. Um aluno mostrava bastante criatividade para fazer rimas e para inventar histórias em torno de várias personagens. O cálculo mental, o algoritmo e a resolução de problemas eram tarefas que a maioria da turma revelavam bastantes dificuldades, em especial os alunos do 2º ano.

Áreas de intervenção

O percurso ocorrido no âmbito da PES II iniciou-se por um período de três semanas de observação que foi crucial para iniciar o meu papel de professora investigadora. Durante estas semanas de observação foi possível conhecer o grupo de alunos com o qual ia trabalhar e a forma como a Professora titular de turma interagia com estes e como contornava o facto de ser uma turma muito heterogénea. O facto de ser um período de observação não me impediu de interagir com os alunos e de realizar pequenas atividades com eles. Esta sugestão dada pela professora cooperante foi uma grande ajuda aquando o início da fase seguinte, onze semanas de regência que englobavam três dias consecutivos de implementação, que permitiu-nos aplicar todo o conhecimento sobre a arte de ensinar adquirido até ao momento. Estas onze semanas de regência eram alternadas com o par pedagógico, a intervenção na primeira semana foi dada em conjunto e as restantes cinco semanas de cada par foram regidas de forma individual, havendo uma semana completa de regência para cada elemento do par pedagógico. Esta semana completa de regência foi crucial no meu percurso, pois

permitiu-me uma maior perceção do trabalho contínuo de um professor ao longo da semana.

O planeamento das sessões realizou-se através de um trabalho colaborativo entre os elementos do par pedagógico, a professora titular de turma e os professores orientadores das várias áreas curriculares. Antes de iniciarmos a planificação das sessões, era discutido e analisado com a PTT os conteúdos programáticos a serem abordados ao nível de todas as áreas curriculares. Para melhor orientar o nosso trabalho foi-nos fornecido o horário semanal da turma, no qual estava discriminado o tempo letivo para cada área curricular e o momento da semana em que eram abordadas. Contudo foi-nos dada a oportunidade para gerirmos da melhor forma este horário, desde que respeitasse-mos as horas destinadas a cada área. Este trabalho tornou-se um pouco mais difícil pelo facto de ser uma turma com dois níveis de escolaridade em que por vezes os conteúdos de aprendizagens eram diferentes.

Ao nível da Matemática e de acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E.C,2013), foram trabalhados os vários domínios de conteúdos designados para o 1º ciclo: Números e Operações, Geometria e Medida e Organização e Tratamento de Dados. Relativamente ao 2º ano de escolaridade dentro do domínio de Números e operações foram trabalhados os numerais ordinais, os números pares e os números ímpares, contagens de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10 e de 100 em 100, a adição e subtração, utilizando várias estratégias de cálculo, como a decomposição, a reta numérica e a tabela do 100, o cálculo mental, a multiplicação e a resolução de problemas. Dentro do domínio Geometria e Medida foram abordados os seguintes conteúdos: Figuras geométricas, mais concretamente, retas e semirretas, polígonos e linhas poligonais, parte interna e externa de linhas planas fechadas, triângulos isósceles, equiláteros e escalenos, quadriláteros, sólidos geométricos poliedros e não poliedros, que foram trabalhados com recurso ao geoplano, ao tangram e a sólidos geométricos reais. Para além deste conteúdo foi também abordado o tempo e o dinheiro, mais precisamente a contagem de dinheiro em euros e cêntimos, conteúdo que serviu de ponte para o início do presente estudo. No que diz respeito ao 3º ano, no domínio dos Números e Operações foram trabalhados os números ordinais até centésimo, o algoritmo da adição e subtração, a multiplicação de números naturais, segmentos de reta paralelos e perpendiculares, figuras geométricas, mais concretamente

circunferência, círculo e eixos de simetria de figuras planas, áreas, tempo e adição e subtração de quantias de dinheiro.

Em relação ao Português foram também trabalhados os vários domínios presentes no Programa e Metas curriculares de Português do Ensino Básico (M.E.C., 2015): Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária ou Iniciação à Educação Literária (2º ano) e Gramática. Estes domínios foram trabalhados de forma transversal em todas as atividades que tinham como principal foco a área do Português. A quando a leitura dos textos e das suas redações os alunos trabalhavam a sua oralidade, tendo em conta o seu tom de voz, a articulação das palavras, a entoação e o ritmo de leitura. No domínio da Leitura e Escrita, foi abordado a consciência fonética, o alfabeto e os grafemas, a ortografia e pontuação e a compreensão do texto. Estes últimos conteúdos eram os que os alunos demonstravam mais dificuldades, estes alunos não conseguiam organizar as suas ideias para a redação de um texto, nem articular factos e ideias. No primeiro contacto com este grupo, aquando a redação de um pequeno texto, as PE constataram que era crucial introduzir nesta turma atividades que englobassem a redação de texto, sendo que numa primeira fase começariam por pensar num tema, organizar as ideias e terminar com a escrita. Mas, como uma das principais dificuldades era a aquisição de ideias, antes de se introduzir este tipo de tarefa era trabalhado um texto do qual os alunos poderiam retirar ideias. Daqui surge o trabalho referente ao domínio da Iniciação à Educação Literária, no qual foram apresentadas à turma obras de literatura para a infância presentes na listagem do PNL e textos da tradição popular. Ao nível do domínio da Gramática foram trabalhados, na sua maioria através de textos e poemas os seguintes conteúdos: nomes comuns, nomes próprios, verbos, determinantes artigo definido e indefinido, sinónimos e antónimos, sílabas tónicas e atonas e respetiva classificação (palavras graves, agudas e esdrúxulas). Relativamente, ao grupo de alunos do 3º ano o trabalho desenvolvido ao nível do domínio da oralidade foi idêntico ao que decorreu com os alunos do 2.º ano, dando destaque à forma de se expressarem, ao seu tom de voz, à articulação das palavras, ao ritmo do seu discurso, dando oportunidade para o reconto e dramatização das histórias trabalhadas. No domínio da Leitura e da Escrita foram trabalhados os textos narrativos, descritivos, as bandas desenhadas e a carta, tanto ao nível da leitura como ao nível da escrita. A partir dos textos trabalhados era introduzido a aprendizagem da gramática que se centrou na

divisão silábica das palavras, classificação quanto ao número de sílabas, sílaba tônica e átona, palavras agudas, graves e esdrúxulas, classe de palavras mais precisamente, nome próprio e comum, pronome pessoal, determinantes demonstrativos e possessivos e advérbios de negação e afirmação. Ainda no domínio da Gramática foi trabalhado os adjetivos, as conjugações verbais, verbos regulares e irregulares, família de palavras, sinónimos e antónimos, singular e plural e tipos de frases.

Na área do Estudo do Meio a planificação das atividades teve como base os objetivos descritos no programa, sendo que os blocos trabalhados foram: 1- À descoberta de si mesmo, 3- À descoberta do Ambiente Natural e 5- À descoberta dos materiais e objetos. Com o 2.º ano, dentro do bloco 1- À descoberta de si mesmo, foi trabalhado os órgãos dos sentidos, a higiene do corpo, a higiene alimentar, a higiene do vestuário e a higiene dos espaços de uso coletivo. No bloco 3 foi abordado os aspetos físicos do meio local, mais especificamente, as condições atmosféricas diárias, os vários estados do tempo, relacionando este com as estações do ano. Por último no bloco 5 foram realizadas experiências com o ar para constatarem a sua existência e o seu peso. Relativamente ao trabalho realizado nesta área com o 3º ano iniciou-se no bloco 1 com a abordagem às funções vitais do ser humano, digestiva, respiratória, circulatória, excretora e reprodutora, fazendo referência aos órgãos que a constituem e a alguns fenómenos característicos desta funções, como a digestão, circulação e respiração. Foi também abordado fatores importantes para o nosso bem-estar, bem como fatores que o prejudicam, como também algumas regras de primeiros socorros.

As áreas das Expressões foram as menos trabalhadas, pois a carga horaria destinada a cada uma é mais reduzida em relação às restantes áreas. Contudo, este fator não foi um entrave na planificação de atividades que abordassem a Expressão Físico-Motora, a Expressão Dramática, a Expressão Musical e a Expressão Plástica.

A Expressão Físico-Motora era a área mais apreciada pelos alunos e que criava mais excitação, pois em todas as aulas os alunos demonstraram sempre entusiasmo na realização de todas as atividades. A planificação destas aulas centrou-se em dois blocos: 2- Deslocamentos e Equilíbrios e 4- Jogos.

A Expressão Plástica e Musical era abordada para introduzir ou encerrar um conteúdo programático, como por exemplo a introdução da função respiratória foi feita através de uma música que abordava os órgãos que constituíam esta função.

No que concerne à Expressão Dramática foram realizados jogos dramáticos, situações de improviso com é o caso da atividade de pré-leitura referente ao texto “O cão e o gato” de António Torrado, na qual os alunos com recurso a fantoches improvisaram um diálogo entre estas duas personagens. Dentro desta área enquadra-se o trabalho desenvolvido com a turma para a festa de natal que consistiu em adaptar a história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” de Ana Saldanha e dramatiza-la para toda a comunidade escolar.

A maior dificuldade encontrada neste estágio foi a gestão da turma e da sala de aula, uma vez que era uma turma constituída por dois níveis de escolaridade. Os conteúdos que coincidiam nos dois anos eram trabalhados em conjunto sendo que para o 3º ano havia sempre uma revisão e mais tarde um aprofundamento desse conteúdo, que por vezes os alunos do 2.º ano acompanhavam. Quando os conteúdos eram diferentes um dos anos realizava um trabalho autónomo, através de fichas de trabalho, enquanto os restantes alunos trabalhavam em conjunto com a professora. Por vezes esta solução não era possível, o que levava os alunos a ouvirem conteúdos já aprendidos ou pelo contrário conteúdos que só aprenderiam no ano seguinte. Esta situação ocorreu durante a exposição das diferentes funções vitais do ser humano, este é um conteúdo programático a ser trabalhado apenas no 3.º ano, mas o 2.º ano também participou nesta sessão e mostrou-se muito interessado no tema que estava a ser exposto.

Ao longo deste percurso, durante a planificação dos conteúdos houve sempre a preocupação em estabelecer conexões entre as diferentes áreas, com o objetivo de cativar os alunos e tornar as suas aprendizagens mais significativas.

CAPITULO II- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

PERTINÊNCIA DO ESTUDO

Ao longo dos tempos, o modo de vida dos cidadãos tem sofrido várias alterações. Há uns anos a população servia-se dos recursos como se estes fossem infinitos, havendo pouca preocupação/consciência sobre as consequências destes maus hábitos de consumo. Esta evidente falta de preocupação em gerir bem os recursos foi sendo alterada com o desenrolar dos tempos e com os problemas mundiais que foram surgindo, principalmente a nível financeiro. Muitas empresas faliram, deixando muitas pessoas desempregadas o que provocou um grande desfalque no orçamento familiar. A crise orçamental que o nosso país atravessa atualmente é outro fator que influenciou a forma como a sociedade geria o seu dinheiro, surgindo uma grande preocupação em saber gerir e poupar todos os rendimentos disponíveis (Santos, 2010).

Saber gerir os rendimentos passou a ser uma ação de grande importância na administração do orçamento familiar, assim a palavra poupança voltou a fazer parte do quotidiano das famílias. No entanto, a oferta publicitária e dos meios de comunicação, que tem forte poder de persuasão na sociedade atual, influenciam nas decisões e escolhas da população por vezes de forma enganosa. Frequentemente a informação transmitida através destes meios não é muito clara podendo induzir a população em erro.

Saber gerir e poupar o nosso rendimento, não é apenas optar pelas ofertas mais baratas, vai muito mais além. É importante saber comparar as várias ofertas e perceber qual a mais adequada, tendo em conta o orçamento a longo prazo. Educar a criança para ter a capacidade de tomar decisões pode e deve começar desde muito cedo, para que futuramente possa fazer escolhas acertadas, conscientes e informadas.

Desde de muito cedo as crianças contactam com o ato de consumir, principalmente quando observam o ato de compra dos pais. A criança começa a perceber que através do dinheiro é possível obter objetos que desejam. Quando a criança pede a um adulto, pela primeira vez, para lhe comprar alguma coisa, é sinal que esta está a dar o primeiro passo no mundo do consumismo (D ' Aquino, 2008).

A maioria das crianças passa a maior parte do seu tempo livre, envolvidas num ambiente propício ao consumo. A televisão é o meio de comunicação mais explorado, pelo mercado, para atingir o consumidor, desta forma as crianças são cada vez mais aliciadas com anúncios que cativam a sua atenção. Assim, a criança começa desde muito cedo a contactar com o dinheiro, mesmo que indiretamente, e a perceber qual a sua utilidade e como o poderá usar em seu benefício.

O consumo está diretamente ligado à forma como gerimos os nossos rendimentos, logo torna-se emergente educar as crianças, para contactarem com este tipo de informação, de forma instruída tendo capacidade de a interpretar optando pelas escolhas mais corretas.

A escola é a principal instituição que tem que crescer à mesma velocidade que a sociedade, dando respostas às suas necessidades. Com o decorrer dos tempos uma das dificuldades mais visíveis em alguns cidadãos é a falta de capacidade para gerir os rendimentos disponíveis, a falta de formação para interpretar a informação que nos rodeia, desde os folhetos publicitários às informações que nos são transmitidas em vários serviços do nosso dia a dia.

Segundo a Direção Geral do Consumidor, todos os cidadãos tem o direito à formação e à educação para o consumo. O Estado tem o dever de promover uma política educativa para os consumidores, inserindo nos programas e nas atividades escolares, matérias relacionadas com o consumo e os direitos do consumidor.

De acordo com os fatores apresentados anteriormente, tornou-se bastante pertinente os conhecimentos e o comportamento de alunos do 2.º ano de escolaridade, ligando a Educação Financeira ao consumismo realizando atividades com recurso aos mais diversos folhetos publicitários.

PROBLEMA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo centra-se no âmbito da disciplina de Matemática, mais concretamente na área da Educação Financeira. No Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico o dinheiro surge no domínio da Geometria e Medida, fazendo apenas referência à contagem do dinheiro. Para desenvolver as tarefas que foram propostas foi necessário recorrer ao Referencial de Educação Financeira (MEC, 2013).

Com este projeto foi trabalhada uma questão com a qual nos deparamos todos os dias, a publicidade. Numa sociedade rodeada pela publicidade que apela ao consumismo torna-se indispensável aprender a interpretá-la. Hoje em dia os alunos estão sempre em contacto com a tecnologia e através desta acedem à mais variada publicidade. Sendo o 1º ciclo do Ensino Básico uma faixa etária vulnerável torna-se emergente a construção de uma base que permita ao aluno estabelecer uma relação equilibrada com a publicidade e aprofundar os seus conhecimentos para decidir informadamente.

Assim com este estudo pretende-se desenvolver conhecimento dos alunos sobre educação financeira e um olhar crítico no que concerne à publicidade.

Para orientar o estudo definiram-se as seguintes questões:

- 1- Que conhecimentos manifestam os alunos sobre a Educação Financeira?
- 2- Em que aspetos se focaram quando analisaram a publicidade?
- 3- Em que se baseiam os alunos para tomar decisões?
- 4- Que significados atribuíram os alunos aos conceitos trabalhados?

Pretende-se desenhar, implementar e analisar uma sequência de tarefas para ajudar os alunos a alcançar os seguintes objetivos:

- Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”;
- Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas;
- Compreender a noção de rendimento;
- Compreender a moeda enquanto meio de pagamento;
- Simular pagamentos e efetuar trocos com notas e moedas;
- Reconhecer a importância de notas e moedas para adquirir bens;
- Reconhecer criticamente a compra por impulso;
- Analisar publicidade;
- Tomar decisões fundamentadas.

REVISÃO DE LITERATURA

Literacia Financeira e Educação Financeira

O conceito de Educação Financeira é facilmente confundido com o conceito de Literacia Financeira, devido à existência de uma relação direta e complementar entre estes dois termos.

Literacia financeira, de acordo com Orton (2007, referido pelo Referencial de Educação Financeira, 2013), consiste no conhecimento específico, que um dado indivíduo comporta sobre assuntos monetários, económicos ou financeiros e nas decisões que é capaz de tomar acerca dos mesmos. Desta forma, literacia financeira é a capacidade de ler, analisar, gerir e comunicar sobre a situação financeira pessoal e refletir a forma como esta afeta o seu bem-estar material. Compreende também a competência para decidir entre escolhas financeiras, discutir assuntos financeiros e monetários com confiança, planear o futuro e responder de forma competente às situações do dia a dia que envolvam questões financeiras. Com o decorrer dos anos autores e organizações internacionais, que estão ligados à área da literacia financeira apresentaram outras definições, sendo umas mais detalhadas do que outras, mas sem desviar do sentido da definição anterior. Para Schagen (1997), citado por Banco de Portugal (2011), “a literacia financeira é a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões concretas tendo em vista a gestão do dinheiro” (p.16). De acordo Mandel (2007), a literacia financeira consiste na capacidade de avaliar instrumentos financeiros complexos e tomar decisões informadas para selecionar e utilizar esses instrumentos, de forma a melhor satisfazer objetivos de longo prazo.

O National Foundation for Educational Research (2002), define que:

Literacia financeira é a capacidade de fazer julgamentos informados e decisões eficazes a respeito do uso e da gestão do dinheiro, tal como obter o rendimento adequado, gerir o dinheiro de forma controlada e adequada, investindo de forma sadia e gastando sabiamente. A Literacia Financeira inclui a capacidade de compreender os termos económicos básicos.

Para adquirirmos esta capacidade e tomarmos decisões que sejam favoráveis ao nosso bem-estar financeiro é necessário um longo processo de aprendizagem, sendo este a Educação Financeira.

Segundo a OCDE (2006), a Educação Financeira é o processo pelo qual os consumidores aprendem a interpretar e compreender os produtos e conceitos financeiros, a desenvolver capacidades e confiança para tomar decisões e fazer escolhas refletidas/ conscientes sobre os riscos e oportunidades financeiras e a saber como proceder para melhorar o seu bem-estar financeiro.

A criança ao incluir no seu currículo a Educação Financeira irá compreender o valor do dinheiro e aprender como gerir e poupar o seu orçamento. A Educação Financeira proporciona aos jovens aptidões importantes que lhes permitam viver autonomamente. Possibilita, futuramente enquanto adultos, que planeiem acontecimentos cruciais para a sua vida, como por exemplo a compra de casa própria, o sustento da família, o financiamento dos estudos dos filhos e a preparação para a reforma (Pinheiro, 2008).

Álvaro Modernell (2014) apresenta uma definição mais sucinta e clara, para o autor “Educação Financeira é um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas, valores e atitudes adequadas no planeamento e uso dos recursos financeiros pessoais”.

De acordo com D ‘ Aquino (2008), a Educação Financeira é o método através do qual a criança cria as bases, para que no seu futuro tenha a capacidade de estabelecer uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro. Este processo de educar a criança a lidar com o dinheiro deve abranger quatro grandes áreas: como ganhar, como poupar, como gastar e também como doar. Estas quatro áreas elucidam-nos acerca da importância da Educação Financeira na formação de cada indivíduo.

Importância da Educação Financeira

Dando continuidade à ideia de D ‘ Aquino (2008), referida anteriormente, para ensinar a criança a lidar com o dinheiro é necessário abordar os quatro pontos que usa sempre como referência.

A criança deve aprender a ganhar dinheiro, que para a autora é sinónimo de competência para resolver problemas. Esta relação sustenta-se com a ideia que autora tem sobre o futuro do mercado de trabalho, que será mais exigente e onde haverá mais gente a disputar o reduzido número de empregos, sendo estes os dois maiores problemas que a sociedade terá que enfrentar. O segundo ponto que deve ser abordado é a capacidade de poupar, que deve ser inculcada na criança que é tão agradável poupar como gastar, ambos complementam-se e devemos tirar partido do melhor que cada um oferece. Em paralelo com o poupar temos o ato de gastar, que deve implicar diretamente a ação de fazer escolhas informadas. A capacidade de fazer escolhas pode ser trabalhada muito antes do contacto com o dinheiro, a criança tem que aprender a fazer escolhas e a responsabilizar-se pelas escolhas que faz. Por último temos o ato de doar, sendo a doação de dinheiro a forma mais fácil de praticar a generosidade. Contudo, torna-se essencial mostrar à criança que podemos doar sem dispor do dinheiro, disponibilizando o nosso tempo para concretizar ou a ajudar a concretizar algo que contribua para o bem-estar e felicidade do (s) outro (s).

Nos dias que correm possuir competências financeiras tornou-se uma mais-valia para o nosso bem-estar, uma vez que as ofertas que surgem nos mercados financeiros são muito diversificadas e mais complexas. Neste sentido, a OCDE desenvolveu um programa de Educação Financeira com o intuito de atender às necessidades do consumidor e proteger os grupos mais vulneráveis da sociedade, para que estes não sejam financeiramente escolhidos. Cada vez mais somos confrontados com uma série de serviços financeiros para combater riscos importantes, como o envelhecimento, a doença e a perda da habitação. Esta problemática leva à necessidade de entender melhor os conceitos básicos de risco financeiro e as suas implicações em termos de investimento, poupança e crédito, sendo este um importante papel que a Educação Financeira deve desempenhar envolvendo os grupos carentes e vulneráveis (OCDE, s.d.).

A Educação Financeira é determinante para prevenir que os consumidores sejam vítimas de fraudes e para instruí-los sobre os seus direitos e deveres criando suportes para se protegerem (Carvalho, Tavares, & Sequeira, 2012).

Como foi referido, as crianças assumem cada vez mais cedo o papel de consumidores, pois estão muitas vezes expostos a esse mundo. A publicidade, com a qual somos confrontados todos os dias, é um dos principais fatores para esta situação.

De acordo com um artigo publicado pela DECO, na sua revista *Dinheiro&Direitos* (2016), quando a publicidade é dirigida em especial à criança possui características específicas, como as cores, a linguagem e a banda sonora. Assim a publicidade torna-se mais apelativa e divertida exercendo um especial fascínio no público mais jovem levando-os a solicitarem aos adultos produtos que não necessitam. Uma vez que não é possível a proibição de publicidade nos meios de comunicação, com os quais as crianças contactam todos os dias, a solução deste problema poderá passar pela implementação da Educação Financeira. É muito importante que as crianças aprendam a lidar com a publicidade, percebendo as estratégias de marketing usadas que levam ao consumo do produto em questão, mesmo sem reflexão por parte do consumidor.

Para sustentar a ideia anterior, segundo o Referencial de Educação Financeira (2013), a importância desta nas escolas sobrevém do “facto de crianças e jovens, de forma progressiva e cada vez mais prematura, se constituírem como consumidores” (p.5), e mais especificamente de serviços e produtos financeiros. Logo, as decisões que estes jovens tomarem acerca de produtos financeiros irá exigir um domínio aprofundado de informação e conhecimento nesta área, não esquecendo, que com o decorrer dos anos, estes produtos e serviços serão mais complexos e variados. As aprendizagens adquiridas sobre o dinheiro e as finanças pessoais irão “contribuir para atuação esclarecida no presente e acautelar, no futuro, problemas de natureza financeira ou afins” (p.5).

O papel das escolas na Educação Financeira

Na maioria das vezes o contexto familiar não proporciona as bases necessárias para desenvolver a autonomia financeira da criança futuramente. Deste modo, sendo a escola uma das principais responsáveis pela formação e educação dos futuros cidadãos, cabe-lhe a grande responsabilidade de assumir este papel.

De acordo com Afonso (2001) as mudanças tecnológicas e transformações económicas e sociais obrigam a Escola a repensar sobre o seu papel. Esta é a principal responsável pelo crescimento cultural da sociedade, mas também admite a função de integração social e económica dos cidadãos.

Contudo, não podemos pensar que a educação para a cidadania é uma fábrica de indivíduos socialmente capazes para enfrentarem de forma mecânica as normas, regras e valores da sua comunidade. Esta é apenas um dos meios que proporciona a criação de condições favoráveis à construção de uma identidade ativa e interventiva na vida social (Barbosa, 2001).

Para grande parte da sociedade a função do professor é exclusivamente instruir, ensinar as noções do saber. Contudo, o acompanhamento que o professor realiza ao longo do ano letivo vai muito mais além do que a transmissão de conhecimentos, passam também por educar os seus alunos para que adquiram hábitos, atitudes e comportamentos, que os tornem autónomos e capazes de enfrentar a sociedade em que irão viver (Dottrens, 1960).

Educar não é meramente instruir, não podendo limitar-se à simples transmissão e aquisição de conhecimento. A educação está diretamente ligada à ideia de mudança, sendo esta responsabilidade de cada um, e à ideia de autonomia, onde o ser humano aprende a “ser” e a “tornar-se”. Deste modo o currículo não pode restringir-se às matérias, deverá ampliar a sua ideia e criar condições para que todos os alunos aprendam a ser autónomos (Leite, 2003).

A Constituição da República Portuguesa de 2005, no artigo 73.º afirma de forma implícita a importância da educação para a cidadania, declarando que:

Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.

Neste sentido, tornou-se essencial a integração da educação para a cidadania no currículo, sendo um dos domínios a Educação Financeira. Esta afirmação é sustentada pelo Decreto-Lei nº 139/2012, de 5 de julho, que atribui à escola a responsabilidade de desenvolver

projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e social dos alunos, através da educação cívica, educação para a saúde, educação financeira, educação para os media, educação rodoviária, educação para o consumo, educação para o empreendedorismo e educação moral e religiosa, sendo estas disciplinas de frequência facultativa.

No nosso sistema educativo, a Educação para a cidadania pode ser considerada uma componente transversal dos currículos, que promove a interdisciplinaridade, uma vez que faz parte de todas as disciplinas. Isto é possível porque esta área apresenta um programa flexível, aberto e abrangente, que permite abordar um leque variado de temas tendo em conta o contexto em questão (Afonso, 2004).

É importante referir que o papel curricular da escola e do professor complementam-se, isto é, a escola é responsável pelo esboço das linhas gerais de adaptação do Programa ao contexto social, institucional e pessoal, definindo as prioridades. Para completar este papel temos o professor que concretiza essas previsões, ele é o responsável pela realização do Programa delineado, tendo em conta o contexto da aula e os conteúdos/ tarefas (Zabalza, 1998).

Atualmente, com a evolução da sociedade e conseqüentemente o surgimento de novas carências é exigido à escola que prepare os seu alunos para enfrentar a sociedade que irá confrontar. Neste sentido e de acordo com tudo o que foi referido a escola assume um importante papel no desenvolvimento de um programa onde sejam implementadas atividades que ajudem os alunos a construírem as bases necessárias para lidarem com todos os desafios que irão surgir ao longo da sua vida, nomeadamente os de cariz financeiro.

Roldão (1999) defende que, a diversidade social e cultural dos alunos é o principal fator de mudança relativamente à relação da escola com a sociedade que a rodeia, uma vez que, o currículo é o guia da ação da escola, é a base das aprendizagens socialmente reconhecidas como essenciais independentemente da sua natureza, científica, pragmática, humanística, cívica, interpessoal, entre outras. Atualmente, o currículo deve integrar novos conteúdos de aprendizagem como o “desenvolvimento de atitudes e competências sociais” e o “desenvolvimento de mecanismos de desenvolvimento individual e melhoria da qualidade de vida” (p.36). A sociedade tornou-se cada vez mais exigente no que se refere ao nível de educação, visto que para obtermos uma melhor qualidade de vida é cada vez mais pertinente o domínio de competências para aprender, colaborar e conviver, ao nível cultural e a capacidade de integração numa sociedade tão diversa.

Para que a Educação Financeira obtenha bons resultados é essencial que as questões relacionadas com este tema sejam abordadas o mais cedo possível e de preferência no meio escolar (OCDE, 2005).

A escola sempre que acolhe um novo aluno assume um compromisso, pois esta fornece as ferramentas necessárias para sabermos viver em sociedade e para enfrentarmos todos os obstáculos. Os alunos que serão futuros cidadãos, trabalhadores, consumidores ou investidores, para isso necessitam de ter o conhecimento suficiente para optarem pelo melhor caminho. Há muito tempo que a escola se concentra em ensinar aos alunos as competências básicas da matemática, da escrita e da leitura. Agora, estas aprendizagens básicas já não são suficientes, é muito importante que a escola acompanhe a evolução da sociedade e que se adapte a esta.

Com a necessidade da escola auxiliar na educação dos futuros cidadãos, a todos os níveis, surgiu a integração de uma nova disciplina no plano curricular, a Educação Financeira.

A relação da Educação Financeira com a Matemática

Um das questões mais pertinentes acerca da Educação Financeira é a forma como esta poderá ser inserida na escola. Consideram-se duas opções: torná-la uma disciplina autónoma ou inseri-la em currículos já existentes. Por um lado, o facto de ser uma disciplina autónoma possibilitava um maior destaque ao assunto abordado. Por outro lado, ao associá-la a outra (s) disciplina (s) permitiria a discussão dos temas financeiros numa vasta variedade de contextos, o que motivaria e captaria muito mais o interesse dos alunos, levando a uma melhor aprendizagem dos conceitos. As disciplinas que poderiam incluir esta vertente seriam a Matemática, a Economia, a Cidadania, a Geografia e a História (Silva & Powell, 2013).

É na disciplina de Matemática que atualmente o aluno contacta com a grandeza dinheiro, aprendendo o valor das moedas e das notas e realizando problemas que, no entanto, não têm contribuído muito para a sua literacia financeira. Contudo, muitas das questões financeiras com as quais os alunos poderão contactar no futuro, para serem resolvidas necessitam de capacidades matemáticas. De acordo com Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) a sociedade necessita de desenvolver as suas capacidades para interpretar as mais diversas situações e para tomar decisões relevantes que influenciam a sua vida pessoal, social e familiar. Neste sentido, a matemática contribui significativamente para o desenvolvimento dessas capacidades, tornando os alunos competentes, confiantes e críticos no que diz respeito aos desafios da vida relacionados com a matemática. “A competência matemática é essencial a todas as pessoas na interpretação de uma grande variedade de situações e na solução de diversos tipos de problemas” (Abrantes, Serrazina e Oliveira, 1999,p.36). Com estes factos podemos encontrar uma relação direta da disciplina de matemática com a educação financeira.

Ao analisarmos o Programa e Metas Curriculares de Matemática do ensino básico, mais propriamente o 1.º ciclo, podemos constatar que logo no 1.º ano de escolaridade os alunos

começam a contactar com as moedas e as notas aprendendo a fazer contagens com as mesmas até 100. No 2.º ano a contagem já envolve números até 1000, no 3.º ano iniciam a adição e subtração de quantias de dinheiro e no 4.º ano não existe uma abordagem direta ao dinheiro podendo este surgir através de problemas que envolvam situações relacionada com o dinheiro (MEC, 2013). Perante esta situação podemos refletir que as questões que são abordadas relativas ao dinheiro não preparam a criança para a gestão financeira no seu futuro, não lhe são dadas as bases necessárias para que construa conhecimentos que aumentem a sua literacia financeira, pois a grandeza dinheiro integra currículos de muitos países, como por exemplo Portugal, Brasil, EUA, Canadá, Espanha e Irlanda (MEC, 2013 & CMAIEF, 2014).

Silva, Campos & Vital (2014) colocaram a possibilidade da Educação Financeira ser abordada como um tema transversal da Matemática, tendo em conta a sua estrutura curricular na escola brasileira. Ao estudarem esta possibilidade verificaram várias vantagens para o conhecimento matemático dos alunos, uma vez que podiam ser abordadas diferentes estratégias de cálculo em situações de consumo e na elaboração de um orçamento. Integrar a Educação Financeira no currículo da Matemática não significa que esta não deva ser explorada noutros domínios, pois haverá sempre melhores resultados se este assunto tiver maior diversidade de abordagens (Silva & Powell, 2013).

Educar para o consumo

Com a evolução da sociedade começou a surgir o conceito de consumo, que englobava as despesas familiares, a satisfação das necessidades individuais e o desejo de comprar. Este pode ser considerado um conceito polissémico. Por um lado pode significar a destruição de um bem ou o uso de um serviço, por outro lado, pode ser a satisfação de uma necessidade. A sociedade de consumo à qual pertencemos não se assemelha à fome ou calamidades, à economia de troca ou à satisfação das necessidades primárias da sociedade passada. Isto é, não vivemos numa sociedade em que a maioria luta todos os dias por um pedaço de comida, sem saber se realmente o vai ter. Atualmente o consumo é “abundante, profuso, massificador e desmassificador, homogéneo ou diferenciador” (Santos, 2006, p.34). O autor considera o consumo abundante pois estamos rodeados de uma variedade insaturável, que não se adapta a restrições, massificador porque possibilita às pessoas a criação de laços sem haver a necessidade de presença física, desmassificador uma vez que as novas tecnologias permitem a personalização de qualquer bem de consumo, homogéneo pois tem o poder de provocar em vários cidadãos formas de pensar e agir comuns e por último diferenciador quanto a desigualdade de poder de compra, pois nem todos tem acesso a produtos de luxo.

Hoje em dia, vivenciamos o desencanto da sociedade de consumo como se fossemos “crianças mimadas”. Estamos inseridos numa sociedade que perdeu a consciência da evolução das condições de vida e que pretende conseguir tudo ao mesmo tempo, como por exemplo, mais dinheiro e mais tempo livre, mais garantias sociais e mais salário, comprar mais barato nas grandes superfícies e manter aberto o pequeno comércio. Temos também uma sociedade que perdeu a noção do tempo, tornando-se impaciente pois não quer só tudo de uma só vez, mas quer tudo de forma instantânea (Santos, 2006).

A sociedade de consumo pode ser considerada um círculo vicioso, pois tem a necessidade de “produzir cada vez mais para consumir e de consumir sempre mais para manter o nível da produção” (Lampreia, 1995, p. 60). A este circuito está diretamente ligada a publicidade que desempenha um papel fundamental, ao persuadir as pessoas a comprar o produto que anunciam e de que talvez nem necessitem.

As novas tecnologias são umas das grandes responsáveis por esta grande evolução da sociedade de consumo, uma vez que proporcionam uma maior facilidade de compra, como também apresentam publicidades que aliciam para esse ato. A televisão e o telefone são os meios de comunicação a que a maior parte da sociedade têm acesso, desde a faixa etária mais jovem à mais idosa. Assim, somos constantemente aliciados com publicidades dos mais variados produtos, que são pensados e idealizados para melhorar o dia-a-dia dos cidadãos, sendo que muitas vezes não correspondem às expectativas. Esta situação é observada todos os dias por cada um de nós quando ligamos a televisão e nos deparamos com publicidade durante muito tempo de emissão. A transmissão de anúncios através da televisão permite captar a atenção do consumidor através da imagem, do movimento, do som e da cor que dão maior impacto à mensagem que é transmitida (Lampreia, 1995). Neste sentido tornou-se emergente a educação para o consumo, mais especificamente a educação para o jovem consumidor.

A educação para o consumo é um tema bastante extenso, dentro do qual poderão ser abordados vários temas como o consumo sustentável, a literacia mediática, a gestão doméstica, os direitos e deveres do consumidor, finanças pessoais e marketing e *media* comerciais (Santos, Fonseca & Skapinakis, 2010). Contudo, de acordo com o trabalho desenvolvido os mais relevantes subtemas são a literacia mediática, finanças pessoais e marketing e *media* comerciais.

A literacia mediática consiste na capacidade do aluno selecionar, avaliar e usar de forma responsável e crítica a tecnologia e os *media*, selecionando apenas os produtos e serviços que promovam o bem-estar geral e o desenvolvimento sustentável. Esta capacidade é essencial para a nossa sociedade, visto que o uso dos *media* digitais está cada vez mais presente no nosso dia-a-dia. Preparar os alunos para a utilização das diferentes ferramentas das TIC não é suficiente,

é importante que o aluno aprenda as novas tecnologias aplicadas ao consumo. Quando falamos sobre finanças pessoais estamos a referir a forma como o aluno usa e gere os recursos tendo em conta a sua situação financeira e se compreende a ligação entre o consumo e a economia. O Marketing e os *media* comerciais pretendem que o aluno reconheça métodos e ferramentas de persuasão comercial e que seja um cidadão crítico e responsável na interação negócio/consumidor, enquanto utilizador e consumidor de media.

As experiências pessoais de cada aluno devem ser o ponto de partida da educação para o consumo, uma vez que ao basearmo-nos nas experiências pessoais dos alunos e nos acontecimentos do seu dia a dia, facilitaremos a sua compreensão dos novos conteúdos. Devemos ter também em consideração os fatores que contribuem para a formação dos hábitos de consumo. Assim é exigido uma aprendizagem ao longo da vida e que comece o mais cedo possível, havendo uma cuidadosa seleção dos temas que deverão ser abordados (Santos, Fonseca & Skapinakis, 2010).

Influência da publicidade na sociedade de consumo

Inicialmente a publicidade era sobretudo realizada de forma oral, através de pregoeiros que anunciavam a venda de escravos, de gado e outros produtos. Com a invenção da imprensa mecânica por Gutenberg, começaram a surgir os primeiros panfletos, cartazes e secções de anúncios em jornais, sendo que neste período a publicidade tinha o intuito de informar. Benjamin Franklin, considerado o “pai” da publicidade, foi o primeiro a elaborar um anúncio de um sabão, dando desta forma um novo rumo à publicidade, que começou a ser vista do ponto de vista do consumidor, em vez do anunciante, tentando captar o seu interesse. Mas a grande evolução da publicidade começou com o surgimento dos *media*, pois a técnica de comunicação manteve-se sempre muito semelhante. A era industrial e a produção em massa despontou a necessidade de aumento do consumo dos bens produzidos. Desta forma a técnica publicitária deixou de ser uma amostra artística, passando a ser uma mensagem persuasiva perdendo por completo o sentido informativo (Lampreia, 1995).

Todos nós temos uma opinião formada sobre a influência que a publicidade tem sobre qualquer um, principalmente sobre a criança. Esta afirmação pode ser sustentada por Lampreia (1995) quando afirma que a “publicidade procura agir sobre as tendências essenciais de cada um de nós, a fim de as excitar e provocar um desejo de ação no sentido que lhe é favorável” (p. 46). A linguagem utilizada pela publicidade passa muito além da simples descrição das características físicas do produto, apostando no estabelecimento de uma via de comunicação direta com o subconsciente do destinatário. Estabelecer esta ligação não significa utilizar uma

linguagem direta e clara para enumerar as características do produto, mas sim ativar o imaginário do consumidor (Pinto, 1997).

Uma das questões pertinentes sobre a publicidade refere-se ao que poderá ser feito no sentido de proteger este jovem consumidor.

Para quem estrutura a publicidade, a criança é um alvo com características bastantes específicas, pois esta cada vez mais cedo adquire autonomia para utilizar o dinheiro, como também apresenta um papel relevante nas decisões familiares relativas à gestão financeira. Assim, uma questão que se impõem é se a publicidade ao destinar-se em exclusivo à criança realiza uma comunicação desleal, visto que explora o seu ponto fraco. Contudo, não é possível dar uma resposta evidente pois é impossível isolar a influência da publicidade de outros fatores que rodeiam a criança. Todavia, podemos afirmar que a publicidade cria o desejo de obter determinado objeto, o que provoca a sua procura. A publicidade é vista pela criança como um espetáculo e a sua compreensão depende diretamente da sua faixa etária. Os anunciantes têm a preocupação de elaborarem anúncios de pouca duração, com o intuito de que a criança não se aborreça e utiliza personagens específicas que captam o interesse da criança, como animais, heróis e personalidades que todas conhecem dos desenhos animados. Porém, inquéritos evidenciam a eficácia dessas técnicas considerando-as desleais (Santos, 1994).

A maioria das crianças passa o seu tempo livre a ver televisão, meio pelo qual podem ser criadas expectativas, comportamentos e condutas que não estão adequadas ao universo que as rodeia. É um facto de que a televisão, através da publicidade, transmite e dá a conhecer uma realidade muito diferente do mundo real. Esta obriga a criança a interagir com o mundo do adulto, dando-lhe a conhecer os modelos da sociedade da abundância através do ato consumista que estrutura. Em volta desta é criado um mundo perfeito, em que tudo acontece como planeamos e desejamos e assim somos levados a comprar produtos que na realidade não correspondem à mensagem que foi transmitida pelo anúncio e de que muitas vezes não necessitamos. Desde tenra idade, dos dois ou três anos, a criança é modelada para o consumismo e por volta dos oito anos começa a ser mais recetiva com todo o tipo de publicidade, mesmo aquela que não lhe é dirigida (Cádima, 1997). Perante esta situação a solução não é proibir a criança de contactar com a televisão, mas sim educá-la para que adquira a capacidade de interpretar e selecionar a informação que lhe é transmitida.

Segundo Cádima (1997), perante este problema é essencial despertar a comunidade escolar e os pais para a importância da formação, com o objetivo de preparar os jovens para “descodificarem a mensagem da publicidade e resistirem mais facilmente aos seus processos de sedução e persuasão” (p.85). Esta capacidade para interpretar e descodificar uma informação persuasiva está diretamente ligada à capacidade de escolha e de tomada de decisão crítica.

Cada vez que decidimos gastar dinheiro estamos a fazer escolhas, ou porque optámos entre várias possibilidades ou porque decidimos gastar o dinheiro em vez de o guardar, havendo sempre uma situação de decisão em cada ato de consumo. O modo como cada pessoa lida com o dinheiro reflete a forma como este foi educado até aos seis anos, logo é importantíssimo que tanto pais como adultos responsáveis pela educação do jovem cidadão, colaborem para que este adquira consciência sobre a escolha que fez, ponderando sobre as suas consequências. Esta poderá parecer a tarefa mais simples, mas é sem dúvida a mais importante a ser desempenhada (D'Aquino, 2008).

Estudos empíricos

A Educação Financeira ainda é um tema muito pouco estudado em Portugal ao nível do 1º ciclo do Ensino Básico. No entanto alguns estudos foram realizados recentemente tanto ao nível das escolas com também ao nível da população em geral.

Na área da educação Ferreira (2015) procurou compreender quais as competências matemáticas que são desenvolvidas através dos conceitos financeiros que os alunos adquirem. Pretendeu também que os alunos contribuíssem para o equilíbrio financeiro das suas famílias apelando para hábitos de consumo mais responsáveis. Este estudo foi desenvolvido numa turma do 4º ano de escolaridade com seis alunos divididos por dois grupos, tendo como principal objetivo o incremento do nível de literacia nos alunos incorporando o desenvolvimento de capacidades matemáticas através de conceitos financeiros. Assim, a autora formulou duas questões orientadoras da investigação: que competências matemáticas são utilizadas pelos alunos na resolução de problemas financeiros? De que modo a educação financeira pode potenciar o desenvolvimento de competências matemáticas? Para recolher os dados que pretendia, a investigadora utilizou como métodos a observação participante e as produções dos alunos. Com a análise dos dados recolhidos a investigadora concluiu que os alunos resolveram as tarefas com muita motivação que resultou no desenvolvimento da literacia financeira e das competências matemáticas. Contudo, verificou também dificuldades interpretativas resultantes da iliteracia de alguns alunos ao nível da Educação Financeira.

Ainda inserido no meio escolar, Ribeiro (2013) estudou o nível de literacia financeira dos alunos de uma turma no 3º ciclo do Ensino Básico. Com este estudo, a investigadora pretendia consciencializar sobre a necessidade de formação nesta área, já que permite uma melhor qualidade de vida às pessoas e um país mais sustentável a nível económico e financeiro. Com o desenvolvimento deste trabalho a autora procurou responder às seguintes questões: 1) Os alunos são capazes de gerir as suas finanças? 2) Os alunos possuem hábitos de poupança? 3) Os

alunos conhecem a linguagem financeira? Para responder às questões e alcançar o seu objetivo a autora realizou uma investigação-ação, com uma metodologia mista, recorrendo, no entanto, na sua maioria aos questionários como instrumento de recolha de dados. No final, com a análise dos resultados foi possível concluir que é realmente necessário investir na educação financeira para jovens, para que adquiram ferramentas uteis que os ajudem a tomar decisões ponderadas e acertadas no que diz respeito à gestão do dinheiro.

Outro estudo aplicado ao ensino secundário foi realizado por Machado (2011), que estudou a literacia financeira da população escolar em Portugal, na região de Lisboa. Foram implementados inquéritos aos alunos, com o intuito de analisar a sua capacidade para interpretar, ponderar e fazer escolhas financeiras, mais explicitamente a sua literacia financeira. Com o desenvolvimento deste estudo pretendia-se contribuir para o aumento do conhecimento do grau de literacia da população jovem em Portugal e contribuir para aperfeiçoar os programas que já existiam para esse efeito. Após a análise dos dados o investigador concluiu que é possível e necessário investir na educação financeira para os jovens cidadãos e que deste modo é necessário a criação de programas que integrem a educação financeira nos currículos escolares.

Paredes (2015) desenvolveu um projeto de intervenção com o título *Saber Viver em Tempos de Crise: Um contributo para a literacia financeira*, no âmbito do seu mestrado em Educação e Sociedade. Este projeto realizou-se no quadro institucional da DECO em parceria com a Cáritas Portuguesa e tinha como objetivo contribuir para a melhoria das competências de literacia financeira na população social e economicamente mais vulnerável. Com a implementação deste projeto a autora pretendia desenvolver capacidades sobre a gestão financeira, a redução de despesas domésticas, o aumento dos seus níveis de poupança, a utilização de produtos e serviços financeiros, o uso responsável do crédito, os cuidados para evitar o endividamento excessivo e o sobre endividamento e os cuidados com as fraudes. De modo a atingir os seus objetivos a autora apostou na realização de ações de formações de curta duração onde eram abordados vários temas para desenvolver a literacia financeira, sendo desta forma um projeto construído numa dinâmica de investigação ação com uma metodologia de planeamento. No final do projeto a autora pode concluir que as ações de formação contribuíram para o aumento dos conhecimentos financeiros dos participantes o que foi útil para a sua vida pessoal e profissional. Logo, o objetivo principal do estudo foi atingido, contribuir para a melhoria das competências e dos conhecimentos financeiros de um grupo de consumidores social e economicamente vulnerável.

Inserida no Master in Finance, Couto (2013) realizou um estudo com o objetivo de apurar o nível de literacia financeira dos empreendedores portugueses e perceber se havia justificação para os seus diferentes níveis de conhecimento financeiro. Para a recolha de dados

o autor recorreu a questionários. Com o estudo que realizou a autora concluiu que os empreendedores possuem bons níveis de literacia financeira. No entanto quando iniciam um negócio recorrem a ajuda externa, principalmente nas áreas de contabilidade e financeira.

Com o aumento da variedade dos produtos financeiros disponibilizados no mercado, Fernandes (2011) sentiu a necessidade de sensibilizar a população para importância de gerir bem os recursos, nomeadamente o dinheiro. Neste sentido desenvolveu uma investigação que teve como objetivos compreender o que é a literacia financeira, como a promover e o porque de se defender a sua importância a nível mundial. A autora realçou a importância da educação financeira para o bem-estar financeiro e que apesar das limitações que surgem, esta poderá ser uma mais-valia para o futuro dos consumidores. Com o término deste trabalho a autora pode concluir que a pluralidade do conceito de literacia financeira é o principal fator que dificulta a obtenção de uma resposta para o que significa uma pessoa financeiramente letrada. Relativamente à educação financeira, a investigadora constatou que esta poderá desempenhar uma papel relevante na sensibilização das famílias para a necessidade da poupança, como também ajudará na utilização dos recursos de forma mais informada, podendo assim prevenir situações de sobre-endividamento e contribuir para a consciência da situação pessoal de cada consumidor.

No Brasil a Educação Financeira é um tema que é abordado e estudado com muita frequência, havendo vários autores especialistas e com varias obras publicadas. Souza (2012), ao terminar o seu curso em Ciência Contábeis, interessou-se por este tema ao deparar-se com uma sociedade que não lidava de forma adequada com o dinheiro. Assim, a questão que se impunha era a de saber qual a importância de educação financeira na infância? Para orientar o seu trabalho a autora definiu objetivos mais específicos: descrever o porquê da necessidade da Educação Financeira; descrever a importância da educação financeira na infância; identificar seu possível reflexo na vida adulta. Para a conclusão do seu trabalho a autora recorreu a pesquisas bibliográficas e a uma entrevista com uma especialista, com as quais compreendeu o processo de educação financeira e a sua importância para a criança a longo prazo. Concluiu que a educação financeira, na fase de desenvolvimento, dá possibilidade à criança de se tornar um adulto consciente em relação às suas finanças, mantendo uma relação saudável com o dinheiro.

METODOLOGIA

Nesta secção serão abordadas as opções metodológicas que foram definidas para o presente estudo, a descrição dos participantes, as técnicas para a recolha dos dados bem como os procedimentos para a sua análise. No final é apresentada a intervenção educativa que ocorreu e a calendarização do estudo.

Opções Metodológicas

A investigação permite refletir e problematizar as dificuldades que surgem na prática, visto que, se trata de uma atividade cognitiva sistemática, flexível e objetiva, que pretende “explicar e compreender os fenómenos sociais” (Coutinho, 2015, p.7). Para Tuckman (2000), o ato de investigar é “uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões” (p.5), sendo que estas podem ser abstratas e gerais, como também bastante concretas e específicas.

Para definir a metodologia do presente estudo foram tidos em consideração os objetivos, o problema e as questões elaboradas. Esta é uma das etapas mais importantes do estudo, uma vez que é essencial que qualquer investigador da área da educação se “preocupe com a questão da fiabilidade e viabilidade dos métodos a que recorre” (Coutinho, 2008 p. 5), independentemente do seu cariz, quantitativo ou qualitativo. Neste sentido, seguiu-se um paradigma interpretativo, que opta por compreender tudo o que levou o sujeito a ter determinado comportamento, não se interessando apenas pelo comportamento em questão. (Erickson, 1986). Mais concretamente, significa que o investigador pretende compreender o significado da ação do indivíduo, não ficando satisfeito em saber apenas qual foi o seu comportamento. De acordo com Coutinho (2015), o investigador não tem como objetivo identificar os factos e as causas do comportamento humano estudado, mas sim perceber o seu significado. O mais importante é perceber qual o significado que as pessoas constroem sobre o que ocorre no seu quotidiano, sem que haja ideias pré concebidas e “compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem o mundo que as rodeia e em que habitam” (Coutinho, 2015 p.17). Assim, a “investigação incidirá, então, sobre o modo como se desenvolvem e mantem estes sistemas de significado e não sobre os comportamentos observáveis” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005, p.41). Neste paradigma, o investigador e o investigado interagem, no entanto de acordo com as suas perspetivas socioculturais, interpretam individualmente os comportamentos. Desta forma, “investigar implica interpretar

ações de quem é também interprete, envolve interpretações de interpretações” (Coutinho, 2015, p. 18).

Para Crotty (1998, mencionado por Coutinho, 2015, p.24) “ os paradigmas são o referencial filosófico que informa a metodologia do investigador”. Desta forma, o paradigma consiste num plano de “princípios crenças e valores que orienta a metodologia e fundamenta as suas conceções” (Coutinho, 2015, p.25). Assim, tendo em conta o paradigma adotado, o presente estudo seguiu uma metodologia qualitativa, de carácter interpretativo.

O mais importante para a investigação qualitativa é compreender o comportamento do participante a partir das suas perspetivas, assim a recolha de dados é feita através de um contacto aprofundado com o individuo no seu contexto natural. Neste tipo de investigação os dados recolhidos são “qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos, relativamente a pessoas, locais e conversas” (Bogdan & Biklen, 1994 p.16).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta cinco características que a definem: 1) “ a fonte direta dos dados é o ambiente natural” (p.47), sendo o investigador o principal instrumento de recolha, uma vez que este frequenta os locais onde ocorre o estudo, pois considera que as ações são mais perceptíveis se forem observadas no seu ambiente natural. Independentemente da forma como os dados são recolhidos, o investigador que segue este tipo de metodologia, acredita que o comportamento do homem é influenciado pelo contexto em que ocorre, o que obriga a sua deslocação ao local de estudo, sempre que necessário; 2) “ a investigação qualitativa é descritiva” (p.48), visto que os dados recolhidos são apresentados sobre a forma de palavras ou imagens, como por exemplo, transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos e outros registos; 3) “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados” (p.49), isto é, para o investigador é mais importante perceber o modo como as ações se desenrolam, do que propriamente o seu resultado final; 4) “ os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (p.50), o seu objetivo ao recolhe-los não é confirmar as hipóteses construídas, mas sim construí-las a quando o seus agrupamento e análise; 5) “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa” (p.50), significa que para o investigador, durante o seu estudo, questiona constantemente o participante de investigação, com a finalidade de perceber como é que este interpretam as suas experiências, assim é possível para o investigador planear estratégias e procedimentos tendo em conta as experiências e o ponto de vista do participante.

A metodologia “analisa e descreve os métodos” (Coutinho, 2015, p.25) e tem como principal objetivo a compreensão do seu processo, não se focando apenas nos resultados que

são obtidos. De acordo com Bisquerra (1989), citado por Coutinho (2015), os métodos de investigação “constituem o caminho para chegar ao conhecimento científico” (p.24).

Tendo em conta o paradigma interpretativo e a metodologia qualitativa do presente estudo, optou-se por um método descritivo e interpretativo com objetivo exploratório. Os estudos exploratórios preparam o “campo”, uma vez que se opta por este método quando o tema ou o problema a ser pesquisado foi pouco explorado ou não foi abordado, havendo desta forma bastantes dúvidas acerca do mesmo. Assim, este tipo de estudos permite-nos conhecer fenómenos e problemas sobre os quais existe pouca informação. Devido ao seu caráter, o estudo exploratório raramente “constitui um fim em si mesmo” (Sampieri, Collado & Lucio, 2006, p.100), formando desta forma uma ponte para futuras pesquisas mais elaboradas e rigorosas.

Participantes

Este estudo decorreu durante o desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada II, onde surgiu a oportunidade de desempenhar ao mesmo tempo dois grandes papéis, o de professora e o de investigadora. O desempenho deste duplo papel foi crucial para o desenvolvimento do meu estudo, pois possibilitou realizar uma observação participante, uma das principais características da investigação qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994). Neste sentido, desenvolvi um plano de atividades que contribuísse para aumentar o conhecimento dos alunos no que diz respeito à gestão e a utilização adequada do dinheiro. As atividades para a realização deste estudo foram implementadas com toda a turma, no entanto apenas 12 alunos tiveram a permissão dos Encarregados de Educação para participarem, sendo 7 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Visto que se tratava de uma turma com dois níveis de escolaridade, 2.º e 3.º ano, a faixa etária deste grupo de crianças situava-se entre os 7 e os 8 anos.

No que refere aos alunos do 2.º ano, importa referenciar que no grupo apenas um aluno era repetente, mostrando dificuldade ao nível da matemática e do português. Este aluno revelava falta de concentração, o que prejudicava o seu nível de aprendizagem. Devido a estas dificuldades manifestadas pelo aluno, por vezes este era acompanhado por um professor de apoio ao estudo. Parte dos restantes alunos desta faixa etária, também revelavam dificuldades em compreender os novos conteúdos, em todas as disciplinas, sendo que o fator que mais se destacava era a falta de concentração e de atenção. A outra parte revelava conhecimentos e capacidades para aprender, contudo não eram aproveitadas ao máximo devido ao seu comportamento.

Os alunos do 3.º ano revelavam mais maturidade no seu comportamento durante o período de aula o que se refletia na aquisição de novos conhecimentos. No entanto, dois alunos deste grupo por vezes não conseguiam acompanhar o ritmo de aprendizagem dos restantes colegas, sentindo muitas dificuldades tanto ao nível da matemática, como ao nível do português, mais concretamente a escrita e interpretação de textos ou questões, o que influenciava bastante a compreensão das restantes matérias.

Relativamente, à área da Matemática era um grupo que apresentava algumas dificuldades ao nível do cálculo do algoritmo e cálculo mental, mais precisamente o grupo de alunos do 2.º ano, uma vez que estavam no início do ano letivo. Era uma turma bastante heterogénea o que influenciava muito a rotina ao longo do dia. Quando havia necessidade de um trabalho mais acompanhado com um dos anos, o outro realizava atividades de consolidação de forma autónoma solicitando ajuda quando surgissem dúvidas. Por vezes havia coincidência dos conteúdos a serem trabalhados, assim a aula era planificada de forma conjunta tendo em atenção que era necessário aprofundar o assunto com o grupo de 3.º ano. O facto de ser uma turma com dois anos de escolaridade dificultou a planificação das atividades, pois os níveis eram bastante diferentes e era preciso ter em conta se as atividades se poderiam tornar bastante simples ou pelo contrário bastante complexas.

Recolha de dados

Após a definição do problema e dos participantes, segue-se outro passo crucial para a investigação, a recolha de dados, que implica saber a forma como vão ser recolhidos e os instrumentos que serão necessários para o decorrer desta ação (Coutinho, 2015). As estratégias que melhor caracterizam a investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) são a observação participante e a entrevista. Porém, os mesmos autores fazem referência a outras técnicas de recolha de dados como as notas de campo, os meios audiovisuais e os documentos pessoais, que neste caso concreto trata-se dos documentos dos alunos.

Nesta investigação a recolha dos dados foi realizada pela investigadora e optou-se por utilizar vários instrumentos que recolha, uma vez que o tempo era limitado e esta seria a melhor opção para captar o maior número de evidências, assegurando a sua qualidade. De acordo com o método qualitativo adotado, as técnicas utilizadas que caracterizam este método foram a observação, os registos vídeo e áudio, os documentos dos alunos e as entrevistas.

Observação

A observação foi uma das principais técnicas utilizadas neste estudo, visto que esteve presente em todas as intervenções e foi utilizada em paralelo com outros instrumentos. Foi realizada uma observação participante, que como o nome indica é o investigador que observa o meio e os participantes (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005). Segundo Coutinho (2015), esta técnica é essencial em estudos realizados na área das Ciências da Educação. “ O investigador assume um papel ativo e atua como mais um membro do grupo que observa” (p.138), tendo a responsabilidade de não perder a sua credibilidade. Contudo, o facto de o investigador assumir um papel participante pode ser um ponto negativo nos dados que recolhe, uma vez que a sua presença pode influenciar as atitudes dos participantes. O papel que o investigador assume perante o grupo de participantes, levará a que estes formulem uma opinião sobre este, o que influencia a sua postura (Bogdan & Biklen, 1994). Neste caso em concreto, o papel de professor que foi assumido pela investigadora pode ter afetado ou inibido as atitudes dos alunos perante as tarefas que foram propostas. Por vezes as crianças tentam dar uma resposta que agrade os adultos, alterando assim, a resposta que dariam naturalmente se não estivessem a ser observadas ou sobre a presença de alguém que para elas é superior.

A observação participante tem como principal objetivo recolher dados aos quais um observador exterior não teria acesso. Desta forma esta técnica é bastante adequada para investigadores que desejem perceber um meio que lhes é desconhecido (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005). A mesma fonte cita os autores Evertson e Green (1986), segundo os quais este tipo de observação pode surgir de uma forma mais ativa ou mais passiva, dependendo do nível de envolvimento do observador em relação aos acontecimentos e aos participantes. Neste estudo foi feita uma observação ativa, visto que, segundo Evertson e Green (1986), citados por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005), “ à participação ativa significa que o observador está envolvido nos acontecimentos”, que são registados depois de terem terminado (p.156).

Questionário

Este método consiste em apresentar uma série de questões sobre o assunto de interesse do investigador, a um grupo de pessoas (Quivy & Campenhoudt, 2005). De acordo com Coutinho (2015), o inquérito recolhe informações sobre as “ atitudes, sentimentos, valores, opiniões ou informação factual” (p.139), tendo em conta o objetivo do estudo, tratando-se sempre da colocação de perguntas a um individuo.

Num primeiro contacto com a turma foi apresentado um inquérito por questionário (Anexo 2), com o objetivo de perceber quais eram os conhecimentos dos alunos relativamente ao assunto em estudo. As informações obtidas permitiram delinear o caminho para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que ao conhecer melhor o grupo possibilitou conhecer o ponto de partida deste estudo.

Os questionários passaram por uma fase de validação, que consistiu na sua apresentação a elementos que não faziam parte do grupo de alunos que participam neste estudo, mais concretamente a alunos do quarto ano, com o objetivo de perceber que as questões estavam escritas de forma explícita e se levavam o inquirido a responder ao que era pretendido. Após a validação, foram feitos alguns ajustes e seguidamente, os questionários foram entregues ao grupo de participantes do estudo.

No final da recolha de dados, recorreu-se novamente a esta técnica, com um questionário (Anexo 3) cuja base era o inquérito inicial, onde foram acrescentadas questões mais específicas. Desta forma, foi possível avaliar o caminho percorrido e qual o contributo das atividades implementadas para os conhecimentos dos alunos sobre a Educação Financeira.

Registos vídeo e áudio

O facto de o investigador realizar um duplo papel, o de professor e investigador, não lhe permite observar todo o que se passava à sua volta aquando da realização das propostas didáticas. Neste sentido, para ultrapassar esta lacuna recorreu-se às filmagens das atividades, captando assim as expressões, reações, sentimentos, verbalizações e acontecimentos que os alunos demonstraram ao longo da realização das atividades. McMillan e Scumacher (2010) afirmam que o uso de vídeos é essencial para os estudos realizados no campo social, uma vez que permite captar todos os comportamentos dos participantes e se revela um registo permanente das situações vivenciadas.

Este instrumento é indispensável para uma investigação na área da educação. Apesar das suas limitações a videogravação permite “observar, analisar, parar, voltar atrás, rever” (Sousa, 2009, p.200) e repetir as vezes que forem necessárias. Desta forma, é possível captar situações importantes que no momento possam ter passado despercebidas (Sousa, 2009). O mesmo autor refere que a videogravação ajuda o investigador a compreender melhor as ações sucedidas, bem como a ser mais eficaz nas suas conclusões.

Documentos dos alunos

Ao estruturar o plano de atividades, o investigador teve a preocupação de introduzir materiais que possibilitassem o registo das ideias e dos pensamentos dos alunos. Assim, para além da gravação das atividades, ficou também registado a forma como os alunos resolveram as tarefas e pensaram para chegar às suas conclusões. Estes documentos foram cruciais, visto que esta investigação pretende interpretar e perceber as ideias e conhecimentos dos participantes em relação ao tema proposto.

Entrevistas

Este método apresenta características muito semelhantes ao questionário, visto que a obtenção de informações é realizada através de um conjunto de questões dirigidas ao inquirido e colocadas pelo investigador. Contudo, a entrevista caracteriza-se pelo contacto direto entre o investigador e os participantes, o que permite ao investigador obter esclarecimentos adicionais e mais explícitas das afirmações do inquirido (Quivy & Campenhoudt, 2005). De acordo com, estes autores existem dois tipos de entrevistas, as semidirectivas e as centradas, sendo que a que melhor se adaptou a este estudo foi a entrevista semidiretiva. Esta é o tipo de entrevista mais utilizada na investigação social e caracteriza-se por não ser totalmente aberta, nem guiada por um conjunto de questões precisas. Isto é, o investigador elabora um conjunto de questões, relativamente abertas, que tem o propósito de obter informações por parte do entrevistado, dando a este a possibilidade de falar abertamente. O papel do investigador é encaminhar a entrevista para o objetivo pretendido, sempre que o entrevistado se desviar do seu caminho.

Este método de recolha de dados está diretamente ligado à observação, visto que se complementam. O investigador ao observar faz as suas interpretações de acordo com a sua cultura e as suas vivências o que altera os dados iniciais. Portanto, a entrevista permite ao investigador comparar os dados que recolheu durante a observação com os dados que o sujeito transmite através da entrevista. De acordo com esta perspetiva, a entrevista torna-se muito útil e necessária, para que se recolha dados válidos sobre as opiniões e ideias dos participantes. Considera-se assim que, a observação é a fase de preparatória da entrevista (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005).

Os autores Quivy e Campenhoudt (2005) asseguraram também a ideia que os dados obtidos através da entrevista são mais realistas e do que os obtidos pela observação. Estes autores afirmam que as principais vantagens deste método são “ o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos” (p.194) e a “ flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo

que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais” (p.194).

As entrevistas e todas as notas retiradas pelo investigador devem ser transcritas e antes de serem analisadas e interpretadas devem ser devolvidas ao entrevistado para que este confirme as suas respostas, garantindo assim a validade dos dados recolhidos (Coutinho, 2015).

De acordo com o tipo de entrevista mais adequada ao estudo foi elaborada uma direcionada à professora titular da turma, que pretendia recolher a sua opinião sobre o estudo que foi desenvolvido na sua sala de aula (anexo 4)

Intervenção Educativa

A intervenção educativa decorreu ao longo de quinze semanas, visto que ocorreu em simultâneo com a PES II. Este percurso engloba todas as atividades/ tarefas referentes ao presente estudo.

Num primeiro momento, a professora investigadora conhece o grupo de alunos com quem irá realizar o estudo, tentando perceber se o tema poderia ser trabalhado e se era benéfico para os mesmos. Antes de iniciar o seu estudo a professora envia para os pais um pedido de autorização (Anexo 5), explicando o estudo que pretendia realizar e que os dados recolhidos, através de vídeo gravação e de documentos escritos, seriam apenas utilizados para futuras conclusões.

Seguidamente, com o objetivo de perceber quais os conhecimentos prévios dos alunos relativamente à Educação Financeira, é elaborado um questionário, no qual a investigadora coloca questões que a ajudaram a desenvolver o plano de atividades em função dos conhecimentos prévios do grupo e das suas fragilidades. Este questionário foi elaborado tendo em conta a investigação que seria desenvolvida e os seus objetivos. Foram colocadas questões que ajudassem a perceber qual era a relação dos alunos com o dinheiro, como o obtinham, o que faziam com este, se o guardavam ou gastavam, se conheciam bem o euro como moeda oficial do seu país e sobre a sua relação com a publicidade, mais concretamente se viam com frequência ou não e se esta era aliciante para comprar alguma coisa. Antes de ser implementado com o grupo de participantes, este questionário foi validado com dois alunos de outra turma e tendo em conta as dificuldades sentidas pelos mesmos o questionário sofreu alterações principalmente ao nível da construção frásica.

Após a análise dos questionários a investigadora, com base nos dados que recolheu e nos objetivos do REF (MEC, 2013), elabora um plano de cinco tarefas para atingir os objetivos definidos para o presente estudo. Sendo uma turma muito heterogénea, a professora

investigadora teve sempre o cuidado de elaborar atividades que fossem motivantes e interessantes para as duas faixas etárias, não sendo nem demasiadamente simples nem complexas. Todas as atividades proporcionaram momentos de diálogo entre os elementos da turma, onde puderam expressar a sua opinião e comparar esta com a dos seus colegas.

Nesta secção é apresentado o plano de tarefas, que foram implementadas numa turma do 2.º e 3.º ano do 1.º ciclo de escolaridade, durante o 1.º período letivo e o início do 2.º período. Visto que as crianças cada vez mais cedo contactam com o mundo do consumo e da publicidade que os alicia para tal ato, as atividades foram pensadas no sentido de alcançar os objetivos do REF (MEC, 2013), e em conjunto abordar o tema da publicidade. Assim, de forma natural este plano de atividades proporcionou a articulação das várias áreas de conteúdo. No quadro seguinte são apresentadas as várias tarefas que constituíram este plano de atividades, bem como os objetivos que se pretendia alcançar com estas, que estão diretamente relacionados com os objetivos estabelecidos no REF (MEC, 2013) e no Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico (MEC, 2013).

O plano de tarefas iniciou-se com uma atividade que pretendia que os alunos conhecessem a moeda oficial do seu país, visto que no questionário inicial demonstraram muitas lacunas e que sem estes conhecimentos as restantes tarefas não alcançariam os objetivos traçados. As restantes tarefas foram pensadas para atingir os objetivos que foram retirados de REF (MEC, 2013).

Na tabela que se segue são apresentadas as diversas tarefas que fazem parte desta proposta, bem como os respetivos objetivos, de acordo com REF (MEC, 2013) e o PMEB (MEC, 2013).

Quadro 1- Tarefas desenvolvidas e respectivos objetivos

| Tarefas | Objetivos [PMEB (MEC,2013) / REF (MEC,2013)] |
|--|--|
| Tarefa 1 – Conhecer o dinheiro do meu país | <ul style="list-style-type: none"> • Lê e escreve quantias de dinheiro decompostas em euros e cêntimos; • Efetua contagens de quantias de dinheiro; • Faz equivalências entre quantias de dinheiro; • Adiciona quantias de dinheiro; |
| Tarefa 2 – o que é supérfluo e necessário? | <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer” • Distinguir e exemplificar despesas necessárias e supérfluas; |
| Tarefa 3 – A lista de compras | <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer” • Distinguir as necessidades de longo prazo das de curto prazo • Distinguir exemplificando consumos que proporcionam uma satisfação imediata e consumos cuja satisfação é mais duradoura. |
| Tarefa 4 – Construção de um catálogo de publicidade | <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir as necessidades de longo prazo das de curto prazo; • Distinguir exemplificando consumos que proporcionam uma satisfação imediata e consumos cuja satisfação é mais duradoura. |
| Tarefa 5 - Mercadinho | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a noção de rendimento • Tomar decisões tendo em conta que o rendimento é limitado • Reconhecer criticamente a compra por impulso; • Compreender a moeda enquanto meio de pagamentos; • Simular pagamentos e efetuar trocos com notas e moedas; |

Tarefa 1- Conhecer o dinheiro do meu país

Nesta primeira tarefa foram lembradas as moedas e notas que constituem o euro. Visto que se tratava de uma revisão optou-se por trabalhar o valor das moedas, realizando contagens e equivalências. Foram afixadas no quadro duas imagens das moedas (Anexo 6) de 1 cêntimo, uma imagem da moeda de 2 cêntimos e outra da moeda de 5 cêntimos. Para dar início à atividade a professora pergunta à turma quantos cêntimos estão representados, qual das moedas é a que representa a moeda de 2 cêntimos, de que forma podem representar 5 cêntimos, entre outras questões do mesmo seguimento, de acordo com as ações dos alunos. Após realizadas todas as equivalências propostas pela professora investigadora esta afixa no quadro uma imagem da moeda de 10 cêntimos e outra da moeda de 20 cêntimos desafiando o grupo para que representassem estas moedas com as moedas de 1,2 e 5 cêntimos.

Foi dado algum tempo para todos pensarem e pedido a alguns alunos que fossem ao quadro representar uma das possibilidades em que pensaram. Depois de explorarem as várias possibilidades, são retiradas do quadro as moedas de 1,2 e 5 cêntimos e foi colocada uma imagem da moeda de 50 cêntimos, desafiando novamente o grupo a realizar equivalências desta moeda com as moedas de 10 e 20 cêntimos.

Representadas as várias formas de obter 50 cêntimos é colocado no quadro a moeda de 1 euro e proposto novamente o desafio anterior. Seguidamente foram colocadas no quadro uma imagem da nota de 5 euros e outra da nota de 10 euros para que a turma representasse essas duas notas apenas com as moedas de 1 e 2 euros. Para terminar a tarefa e de forma a perceber se atingiu o seu objetivo foi distribuído por cada aluno o seguinte problema:

- O Pai Natal decidiu que este ano só podia gastar 30 euros com a prenda do menino Miguel. Imagina que és o Miguel e que gostavas de receber os seguintes brinquedos. Rodeia os brinquedos que o Miguel poderá receber com apenas os 30 euros?



15 €



25 €



5 €



3€

Tarefa 2- O que é supérfluo e necessário?

A tarefa começou pela exposição de várias imagens de alimentos (Anexo 7), sendo que uns são essenciais à nossa alimentação e outros que devemos evitar. As imagens foram afixadas de forma aleatória para que os alunos em conjunto pensassem na melhor forma de organizá-las, tendo primeiro percebido a diferença entre os alimentos e de seguida agrupá-los em dois grupos, um para os alimentos saudáveis e outro para os alimentos que devem ser consumidos esporadicamente.

Após a organização dos alimentos por dois grupos, os alunos procuraram-nos num catálogo publicitário (previamente modificado) (Anexo 8) de um supermercado, exposto no quadro interativo. O preço de cada produto foi apontado junto do mesmo para mais tarde somar o valor que seria necessário para os comprar. Os resultados foram comparados comprovando-

se que os produtos alimentares que devemos consumir esporadicamente são mais dispendiosos que os produtos alimentares essenciais. Depois esta conclusão o grupo de alunos reflete sobre quais destas despesas é necessária para uma família e qual é que pode ser evitada e de acordo com as opiniões dos alunos é explicado que a despesa que pode ser evitada é considerada um gasto supérfluo. Para terminar a tarefa foi exposto ao grupo uma situação para refletirem e darem a sua opinião em forma de texto. Foi entregue a cada aluno o início de uma história à qual tiveram que dar um final que achassem mais adequado.

O Eurico, irmão do Miguel, leu a carta que o seu irmão escreveu ao Pai Natal. Ao ler a carta o Eurico ficou muito intrigado com o que o seu irmão queria, pois achava que eram demasiados brinquedos e que a maioria deles já existiam no seu baú dos brinquedos. Com esta situação decidiu falar com o seu irmão:

- Miguel! Porquê que pediste tantos brinquedos ao Pai Natal?

- Pedi apenas aqueles que achava mais necessários! – respondeu o Miguel muito admirando com a pergunta do irmão.

- Achas necessário teres brinquedos repetidos?- perguntou o Eurico.

- Repetidos? – contestou o Miguel.

- Sim, se olhares para o teu baú vais ver que muitos dos brinquedos que pediste já os tens! – afirmou o Eurico

O Miguel ficou a pensar em tudo o que o seu irmão lhe tinha dito e foi ver todos os seus brinquedos, que estavam guardados no baú. Refletiu sobre a sua lista de presentes e decidiu...

Tarefa 3 - A lista de compras

Os alunos simularam a fazer a sua lista de compras com base num catálogo previamente modificado (Anexo 9). Inicialmente os alunos realizaram a sua lista de compras pensando apenas no que acham que é essencial comprarem, tendo em conta que não tinham nenhum valor limitado, “tinham todo o dinheiro do mundo”. À medida que iam completando a sua lista, os alunos anotavam o preço de cada um dos produtos e no final somaram o valor que era necessário para comprar todos os produtos.

Seguidamente, foi proposto aos alunos que reformulassem a sua lista tendo em conta que apenas poderiam gastar nas suas compras o valor máximo de 30 euros. Após terminarem a reformulação da sua lista de compras, os alunos refletiram sobre o porquê de manterem uns produtos na lista e de retirarem outros. A par desta reflexão e de modo a ajudar a turma foram colocadas algumas questões:

- Porque é que retiraram esses produtos da lista?
- Acham que são produtos que podem ser comprados mais tarde?
- Esses produtos não eram tão essenciais como pensavam?

Depois do debate que surgiu à volta das questões e consoante as respostas dadas pelos alunos é explicado aos mesmos que existem produtos que nós queremos mas que podemos comprar mais tarde, que não são necessários para aquele momento, necessidades de longo prazo e que por outro lado, existem produtos que são necessários para aquele momento, que a sua compra não pode ser adiada, sendo esta uma necessidade de curto prazo. Foi também debatido que ao ser um produto que podemos comprar mais tarde, torna-se um bem que queremos e não que necessitamos. Neste sentido existe uma grande distância entre algo que queremos e algo que necessitamos.

Tarefa 4 - Construção do catálogo de publicidade

Uma vez que este estudo se encontra diretamente ligado ao tema da publicidade e do consumo, tornou-se essencial trabalhar algumas características da publicidade. Desta forma, os alunos ao familiarizar-se com a publicidade terão mais facilidade de se defenderem das suas propostas aliciantes.

Inicialmente são expostos alguns exemplos de folhetos publicitários de mercearias (Anexo 10), referindo as suas principais características, como por exemplo o nome do estabelecimento em grande, o uso de cores cativantes, os preços dos produtos destacados (sempre junto ao produto), decorações alusivas ao momento do ano em que se encontram, etc.

A turma foi dividida em grupos de 4 elementos onde cada um fingiu que abriu uma mercearia e por isso inventaram um nome para a sua loja e um *slogan* para cativar as pessoas a irem à sua loja.

Seguidamente, os grupos enunciaram os nomes e os *slogans* que pensaram, e estes foram registados no quadro. Cada aluno, individualmente, votou no nome e no *slogan* que mais gostou, podendo votar na sua própria ideia. No final da votação, os alunos refletiram sobre os dois nomes mais votados e decidiram se junção dos dois criava um nome melhor.

Foram entregues a cada grupo vários catálogos de supermercados e os materiais necessários para recortar e colar. Através destes catálogos, os alunos selecionaram os produtos que quiseram colocar no seu folheto. Depois, foi feita uma nova votação para selecionarem os produtos que queriam colocar no folheto, os preços de cada um e a sua disposição pelo folheto.

Para terminar a tarefa os alunos decoram os folhetos com os materiais que acharam mais adequados.

Tarefa 5 – Mercadinho

Em seguimento à tarefa anterior os alunos simularam uma ida às compras numa mercearia, onde uns eram os compradores e outros os vendedores. Para que todos tivessem oportunidade de vivenciar estes dois papéis da sociedade foi dada essa oportunidade ao longo da tarefa.

Antes de iniciar a atividade, foi colocada a seguinte questão:

- Sabem o que é um rendimento?

De acordo com as respostas dos alunos, foi explicado que um rendimento trata-se do resultado no final de uma atividade, podendo ser um rendimento monetário, como por exemplo, o salário que os pais recebem pelo trabalho que desempenham. Para que percebessem melhor esta questão foram colocadas as seguintes perguntas:

- Vocês recebem algum rendimento?

- Recebem semanada?

Seguidamente foi explicado ao grupo que tinham que simular uma ida às compras e a cada grupo foi dado um rendimento no valor de 50 euros em notas e moedas.

A turma foi dividida em grupos de dois elementos e foi entregue, a cada um, um bloco para registarem os produtos que iam comprar. Os dois elementos do grupo escolhiam os produtos que pretendiam comprar, enquanto um retirava os produtos da prateleira e colocava no cesto o outro registava o nome do produto e o seu preço. Assim, que terminam as suas compras dirigiam-se à caixa registadora, apresentavam os seus produtos e o grupo de alunos, que estava a assumir o papel de vendedor, somavam o valor de todos os produtos e revelavam o valor final da conta a pagar. Ao receberem o dinheiro os alunos tinham de verificar se era necessário dar troco ou não.

No final da tarefa foi feita uma reflexão sobre a forma como os produtos foram comprados, se de forma impulsiva ou de forma ponderada, olhando para o seu preço e pensando se era realmente importante comprá-los. Esta reflexão foi realizada através de um quadro que tinha registado o valor da compra de cada grupo e quantos produtos foram comprados.

Análise dos dados

Ao longo de todo o percurso de uma investigação qualitativa surge uma grande quantidade de dados e informações que necessitam de ser organizados e reduzidos para facilitar a interpretação do fenómeno em estudo. Esta fase de análise e interpretação de dados é crucial,

como também problemática. Por um lado os dados foram recolhidos através das mais variadas formas, como fotografias, desenhos, textos escritos, gravações áudio e vídeo, entre outras. Por outro lado, a fase de recolha de dados e a de análise completam-se, não sendo trabalhadas em situações distintas o que dificulta o trabalho do investigador (Coutinho, 2015).

De acordo com Vale (2004), a imensidade de dados característicos de uma investigação qualitativa dificulta a sua análise, visto que existem poucas orientações que não levem o investigador a “tirar conclusões irrealistas ou inválidas” (p.11). Para a mesma autora a análise dos dados qualitativos passa por três etapas, a primeira é a descrição, a segunda é a análise e a terceira e última é a sua interpretação. A descrição é o processo mais próximo dos dados originais que são recolhidos, sendo que estes devem ser tratados como factos. A análise é o processo pelo qual se organiza os dados da etapa anterior. Os dados são trabalhados de forma muito cuidadosa, onde se identificam aspetos relevantes para a investigação e consequentemente a relação entre os mesmos. Por último, a interpretação aborda questões sobre o significado e o contexto. Contudo não existe uma separação clara de cada uma das etapas, na maioria dos estudos qualitativos estas etapas são trabalhadas em conjunto, sendo que muitas vezes a análise e a interpretação são considerados sinónimos.

A categorização trata-se de um processo de codificação para organizar os dados recolhidos, que é realizado à medida que o investigador lê os dados e encontra “palavras, frases, padrões de comportamento, formas do sujeito pensarem e acontecimentos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 221). Este processo permite a “reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los” (Coutinho, 2015, p.221).

De modo a tornar a análise de dados mais rigorosa optou-se pela sua categorização, tendo em conta os objetivos do presente estudo. Assim, a construção de categorias é um processo indutivo, característico da investigação qualitativa, visto que é orientado de acordo com os conhecimentos do investigador e a sua interpretação dos comportamentos/ expressões dos alunos (Vale, 2004). Foram organizadas quatro categorias de análise:

- Conhecimentos prévios dos alunos sobre a Educação Financeira;
- Aspetos da publicidade;
- Tomar decisões fundamentadas;
- Significados atribuídos aos conceitos trabalhados;

Calendarização

Este estudo teve a duração de 13 meses, iniciando-se no mês de outubro de 2015 e finalizando-se no mês de novembro de 2016. A escolha do tema e a definição do problema foram delineados nos dois primeiros meses, pois inicialmente foi necessário conhecer o grupo com quem ia trabalhar e perceber se seria possível desenvolver este tema. A revisão de literatura foi um processo que decorreu ao longo de todo o estudo, uma vez que era feita pesquisa sempre que necessário no decorrer do planeamento das tarefas. Seguiu-se a fase de enviar o pedido de autorização para os encarregados de educação dos alunos que participaram no estudo. Após adquirir as autorizações foi elaborado um questionário cujo principal objetivo era perceber a relação dos participantes com o tema em estudo e os seus conhecimentos acerca do mesmo. De acordo com os dados recolhidos e os objetivos delineados para este estudo iniciou-se a organização do plano de atividades que seria implementado num grupo de crianças bastante heterogéneo, que se encontravam em fases distintas de aprendizagens, uma parte no 2.º ano e outra no 3.º ano.

A recolha de dados decorreu aquando a implementação do plano de tarefas bem como a sua análise, que se prolongou até mais tarde, pois foi necessário uma análise mais cuidada e crítica.

| Ações do estudo | Datas | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| | Out. 15 | Nov. 15 | Dez. 15 | Jan. 16 | Fev. 16 | Mar. 16 | Abr. 16 | Mai. 16 | Jun. 16 | Jul. 16 | Ago. 16 | Set. 16 | Out. 16 | Nov. 16 | Dez. 16 | Jan. 17 | Fev. 17 |
| Escolha do tema | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pesquisa bibliográfica | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Observação dos participantes | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Caracterização do contexto | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Definição do problema | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Revisão de literatura | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Planeamento das tarefas | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Intervenção educativa | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Metodologia da investigação | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Recolha de dados | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Análise e interpretação de dados | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Conclusões | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Quadro 2 - Calendarização do estudo

APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados todos os dados que foram recolhidos durante a intervenção educativa, bem como a sua análise, interpretação e reflexão, com vista a responder à questão problema do presente estudo. Para o efeito, a investigadora definiu categorias de análise tendo em conta as questões e objetivos do estudo, assim a análise será executada segundo estas categorias.

A apresentação e análise dos dados recolhidos em cada tarefa serão expostas segundo a ordem cronológica pela qual foram realizadas, dando assim uma melhor perceção de todo o processo realizado. Desta forma, são inicialmente apresentadas e exploradas as informações recolhidas nos questionários realizados inicialmente que tinham como objetivo conhecer melhor o grupo de participantes.

Seguidamente, são analisadas e apresentadas todas as evidências recolhidas através da realização de cada tarefa.

Por último são explorados os dados recolhidos através dos questionários finais, com o intuito de compará-los com os questionários iniciais, avaliando assim a proposta didática implementada.

Questionário inicial

O questionário, constituído por treze questões repartidas em duas partes foi apresentado aos alunos da turma no início do estudo e teve como principal foco a recolha das ideias ou concepções que estes apresentavam sobre a Educação Financeira, mais concretamente sobre o dinheiro.

Os dados que se segue resultam da participação doze alunos pertencentes à turma que constituíram os participantes. Visto que se trata de uma turma com alunos em dois níveis de escolaridade, os resultados são tratados tendo em conta esta diferença.

Parte I

Questão 1 – Recebes dinheiro dos teus pais?

Dos 12 alunos participantes neste estudo apenas um respondeu negativamente. Percebemos assim que a maioria os alunos obtém dinheiro a partir dos pais, não realizando nenhuma ação para o receber como forma de “recompensa”.

Questão 2- Recebes com muita frequência ou só em datas especiais?

As respostas dadas pelos alunos foram variadas, que se enquadraram em categorias tendo em conta as respostas dadas. Os alunos indicaram ideias tendo em conta a sugestão da investigadora para a expressão “datas especiais”. A maioria dos alunos recebe dinheiro em ocasiões especiais, como no Natal e no aniversário, três destes alunos recebem frequentemente, que pela sua resposta trata-se de uma semanada, “recebo de semana a semana” ou de uma mesada, “recebo sempre ao dia 10”. O aluno que respondeu que não sabia foi o que na primeira questão respondeu que não recebia dinheiro dos pais.

Apesar de, a importância da semanada ou da mesada para o desenvolvimento da criança ser um tema muito abordado nos meios de comunicação, percebemos que ainda não é uma estratégia implementada pela maioria dos pais.

Estes resultados levam-me a concluir que a maioria destes alunos não tem um contacto diário com o dinheiro.



Figura 2 - Recebes dinheiro dos teus pais?

Questão 3 – Recebes dinheiro dos teus familiares? Se sim quando?

A esta questão apenas dois alunos responderam que não recebiam dinheiro. Os restantes deram as mais variadas respostas quando se referiam ao motivo ou a altura em que o recebiam. A maioria das respostas indicou que os alunos recebiam dinheiro dos familiares

apenas em datas especiais, como no Natal e no aniversário. Dois alunos referiram que recebiam às vezes, não revelando se era numa data especial ou se era como forma de recompensa por algum feito, afirmando que “recebo às vezes”. Apenas uma aluna referiu que recebia dinheiro dos familiares como forma de recompensa, “quando porto me bem”.

O gráfico seguinte mostra as várias respostas dadas e a frequência com que surgiram.

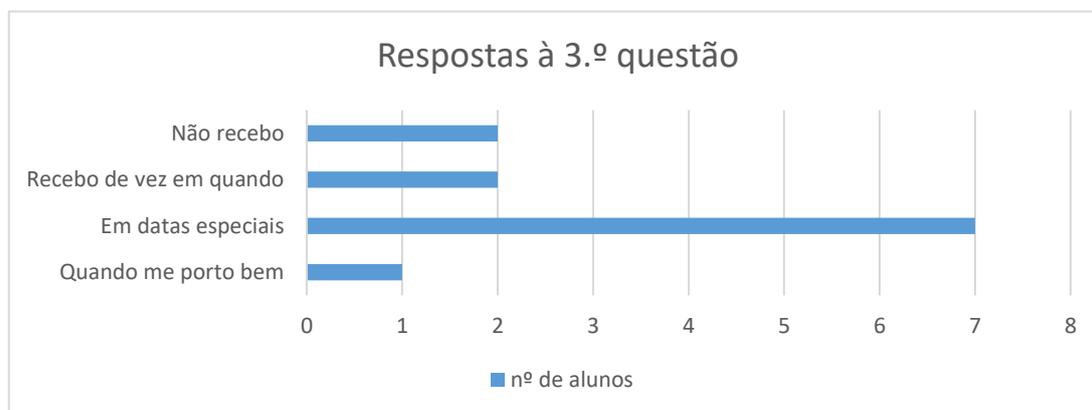


Figura 3 - Recebes dinheiro dos teus familiares?

Questão 4 – Para que serve o dinheiro?

A resposta a esta questão era aberta, uma vez que o dinheiro pode ter as mais variadas funcionalidades. Obtiveram-se as mais variadas ideias que analisadas puderam ser agrupadas em categorias. Todos referiram que o dinheiro servia para comprar, diferenciando apenas o que poderia ser comprado. Muitos alunos escreveram que “o dinheiro serve para comprar coisas”, não especificando o quê. Outros referiram que o dinheiro servia “para comprar comida e roupa”, considerando estes bens como essenciais para viver. Um aluno deu uma resposta bastante interessante, “O dinheiro serve para pagar as coisas a água, o gás, a luz, o condomínio e os telefones”. Este aluno mostra ter noção das despesas mensais que uma família comum tem e que são despesas essenciais para se viver. Apenas um aluno respondeu que “O dinheiro serve para comprar motas e brinquedos”, sendo estes bens supérfluos. No entanto, um aluno referiu que “o dinheiro serve para comprar, comprar”, o que faz refletir sobre o mundo do consumismo, em que as pessoas só pensam em comprar, o que parece revelar a vivência deste aluno com o dinheiro.

As respostas a esta questão foram surpreendentes visto que muitos alunos mostram que o dinheiro serve para comprar bens necessários e pagar serviços, não referindo a compra de objetos supérfluos direcionados para a idade deles.

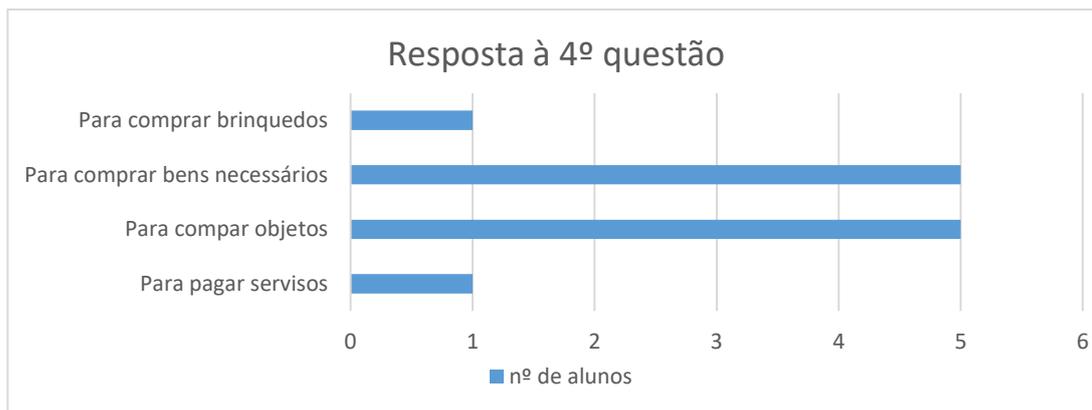


Figura 4 - Para que serve o dinheiro?

Questão 5- Tens algum mealheiro onde guardas o dinheiro que recebes?

Todos os elementos da turma responderam de forma afirmativa a esta questão, supondo assim que este é o local onde guardam o dinheiro que recebem dos pais ou familiares, quando não o gastam. Apesar de terem surgido respostas negativas à primeira e terceira questão, verificou-se que o aluno que não recebia dos pais obtinha-o através dos seus familiares como presente de aniversário e os dois alunos que não recebiam dos familiares, obtiveram através dos seus pais, um mensalmente e o outro apenas no seu aniversário.

Questão 6 – Guardas o teu dinheiro para comprar alguma coisa em especial? O que gostarias de comprar?

Onze dos alunos responderam que guardavam o dinheiro para comprar algo que fosse especial. O aluno que falta afirmou guardar o dinheiro, mas o seu objetivo era guardá-lo “para pô-lo no banco para que quando fosse grande tirá-lo”. Dos 11 alunos que pretendem gastar o dinheiro a maioria demonstrou interesse em comprar brinquedos, motas, roupa e telemóveis e um aluno exprimiu a vontade de comprar uma quinta quando fosse adulto.

Apesar de demonstrarem, na 5.ª questão que o dinheiro não servia apenas para comprar brinquedos e outros bens, podemos observar que a maioria dos planos que estabelecem para o dinheiro que guardam baseia-se em comprar brinquedos, telemóveis, entre outros objetos que à primeira vista não são bens de primeira necessidade. Contudo esta observação é muito subjetiva, ao pensarmos numa criança com muitas necessidades económicas que não tem na sua posse uma grande variedade de brinquedos, o facto de esta solicitar este objeto não é um bem supérfluo, mas sim algo que lhes faz falta para o seu desenvolvimento.

Questão 7 – Quando queres comprar alguma coisa o que fazes:

Opção 1 - peço aos meus pais

Opção 2 - uso o dinheiro do mealheiro

Dos doze alunos participantes no estudo nove escolheram a 1.ª opção e três alunos selecionaram a 2.ª opção. Esta resposta demonstra que não é dada a oportunidade aos alunos de gastarem o dinheiro, o que não possibilita a sua aprendizagem. Ao não o gastarem não irão sentir a necessidade de poupar para obter algo que tenha um valor mais alto. De acordo com D' Aquino (2008), o primeiro passo na educação financeira de uma criança consiste em dar a conhecer as moedas e notas e estimular o que pode ser comprado com certo dinheiro, sendo que este exercício pode ser feito, por exemplo num supermercado.

Questão 8 - Os teus pais dão-te tudo o que tu queres ou dizem-te para esperares pelas datas especiais.

Todos os alunos afirmaram que quando solicitavam alguma coisa aos pais, estes diziam que tinham que esperar pelas datas especiais. É importante que a criança perceba que não é possível ter tudo o que sonha ter, que comprar implica ter dinheiro, que para ter dinheiro é preciso juntar, o que leva tempo e que os bens essenciais devem estar em primeiro lugar.

Questão 9 – Costumas ver os catálogos das lojas? De que lojas vês?

Para esta questão foram dadas quatro hipóteses em relação à frequência com que viam os catálogos: nunca, sempre, de vez em quando e em datas especiais. A maioria assinalou que via de vez em quando, um afirmou que nunca via e outro aluno respondeu que via sempre. As lojas que mencionaram, em grande parte correspondiam a supermercados e lojas de brinquedos e um aluno referiu que via catálogos de utensílios e decorações para a casa. Apesar de ninguém ter mencionado que via em datas especiais acredito que muitos dos alunos via estes catálogos na época natalícia, com o intuito de escolher as prendas e visto que nesta altura do ano todas as caixas de correio são inundadas com publicidade.

O gráfico que se segue mostra de forma clara a frequência com que as respostas surgiram.

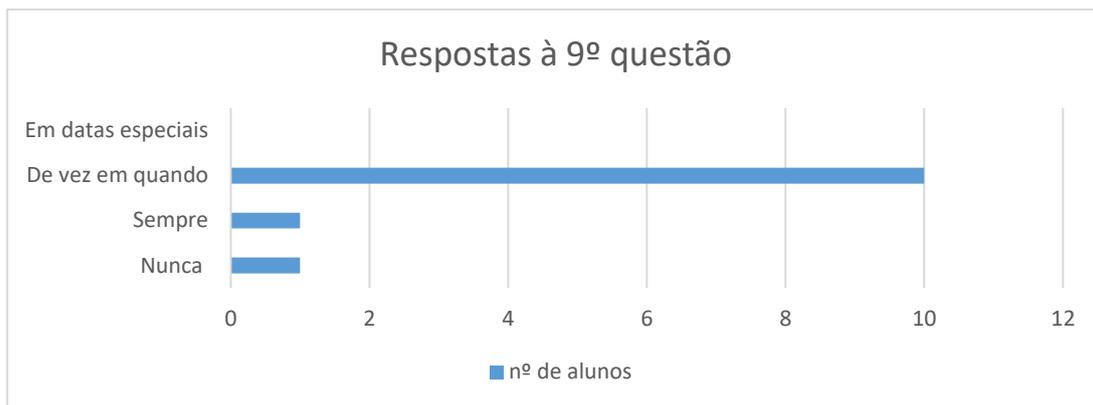


Figura 5 - Costumas ver os catálogos das lojas?

Questão 10 – Quando os vês apetece-te sempre comprar alguma coisa? O que gostarias de comprar?

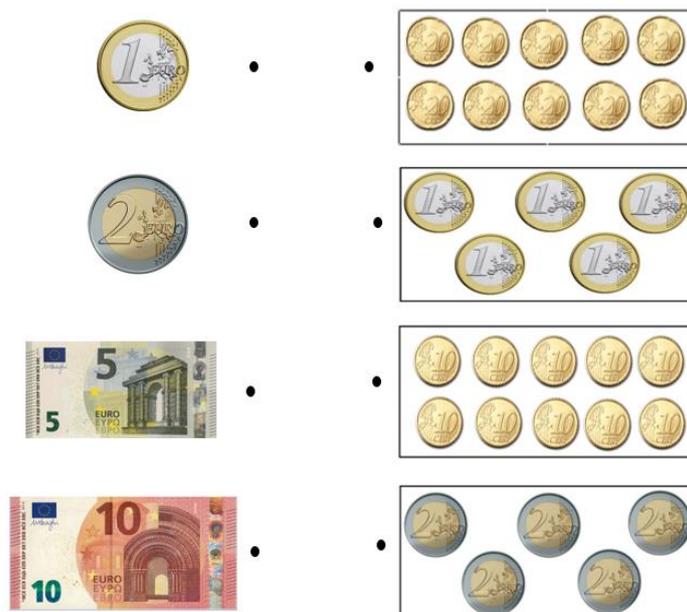
A esta questão dez alunos responderam que os catálogos lhes suscitava sempre a vontade de comprar alguma coisa e os dois restantes alunos afirmaram não serem persuadidos pela publicidade. No entanto, um dos alunos revela que gostava de ter um pássaro e o outro afirma que “ gosto de comprar logo”, o que é muito contraditório, visto que na questão oito assinalou que para ter o que pretendia tinha que esperar pelas datas especiais.

Parte II

Questão 1 – Conheces bem a moeda oficial do teu país? Qual é o seu nome?

Apenas três alunos responderam que não conheciam a moeda do seu país. No entanto um destes alunos soube mencionar corretamente que a moeda se chamava euro e na questão que será analisada seguidamente, dois alunos acertaram em todas as correspondências. Os restantes nove alunos reponderam que conheciam mostrando saber o seu nome.

Questão 2 – Esta questão pedia para os alunos ligarem as notas e as moedas de modo a obterem equivalências corretas.



Como já foi mencionado dois dos alunos que afirmaram não conhecer o euro realizaram corretamente todas as ligações, o que contradiz a resposta dada na questão um. Dos nove alunos que responderem conhecer bem a moeda do seu país, apenas quatro alunos acertaram em todas as correspondências sendo três alunos do 3.º ano e um do 2.º ano. Quatro alunos acertaram apenas na equivalência das notas com as moedas, o que é compreensível visto que estavam no início do 2.º ano e que os números decimais ainda não tinham sido abordados. Uma das alunas que afirmou conhecer bem a moeda do seu país demonstrou, com a sua resolução apenas saber o nome da moeda, visto que a ligação que fez foi apenas com as notas de 5€ e de 10€. Apenas uma das correspondências estava correta, contudo verificou-se que o raciocínio não estava correto. O aluno ligou a nota de 5€ aos dois conjuntos de moedas com cinco moedas no total e a nota de 10€ ao conjunto de moedas que possuía dez moedas. Um dos conjuntos com cinco moedas era composto por moedas de 1 euro, o que torna a resposta correta, mas o outro conjunto era composto por cinco moedas de 2 euros, o que dá no total 10 euros não correspondeu do à ligação efetuada. Ambos os conjuntos com dez moedas não correspondiam a 10 euros porque um conjunto era composto por moedas de 20 cêntimos e outro por moedas de 10 cêntimos. Verificamos assim que este aluno não demonstrou ter noção do valor das notas e das moedas.

Questão 3 – Imagina que tens 20 euros. Rodeia os objetos seguintes que podes comprar com esse dinheiro. Escreve todos os cálculos que fizeste.



4 €



3 €



10 €



12 €



2 €



1 €



4 €

A esta tarefa apenas três alunos erraram a sua resolução, demonstrando através dos seus cálculos que não compreenderam o enunciado. Dos nove alunos (A 3/1) que resolveram corretamente a tarefa, apenas um escolheu produtos cujo seu valor não completou os 20 €, gastando apenas 6€. Dos restantes oito alunos apenas um (A 3/3) encontrou uma estratégia diferente de resolver esta tarefa, uma vez que os outros sete realizaram a tarefa utilizando a adição e à media que selecionavam os produtos, calculavam o seu valor até preencherem o total de 20€. O aluno que teve um raciocínio diferente optou por realizar os seus cálculos subtraindo o valor do produto que escolhia aos 20€ que tinha disponíveis para gastar, até não restar mais dinheiro procedendo como se fizesse compras em momentos diferentes. Este aluno mostra estar habituado a gerir o seu dinheiro, visto que ao analisarmos as suas respostas às questões número 2 e 7, concluímos que o dinheiro que recebe todas as semanas é guardado no seu mealheiro, mas quando pretende comprar alguma coisa utiliza o dinheiro que está guardado. Esta ação permite a este aluno que tenha consciência do valor dos objetos e que nem sempre é possível adquiri-los quando o seu valor é muito alto.

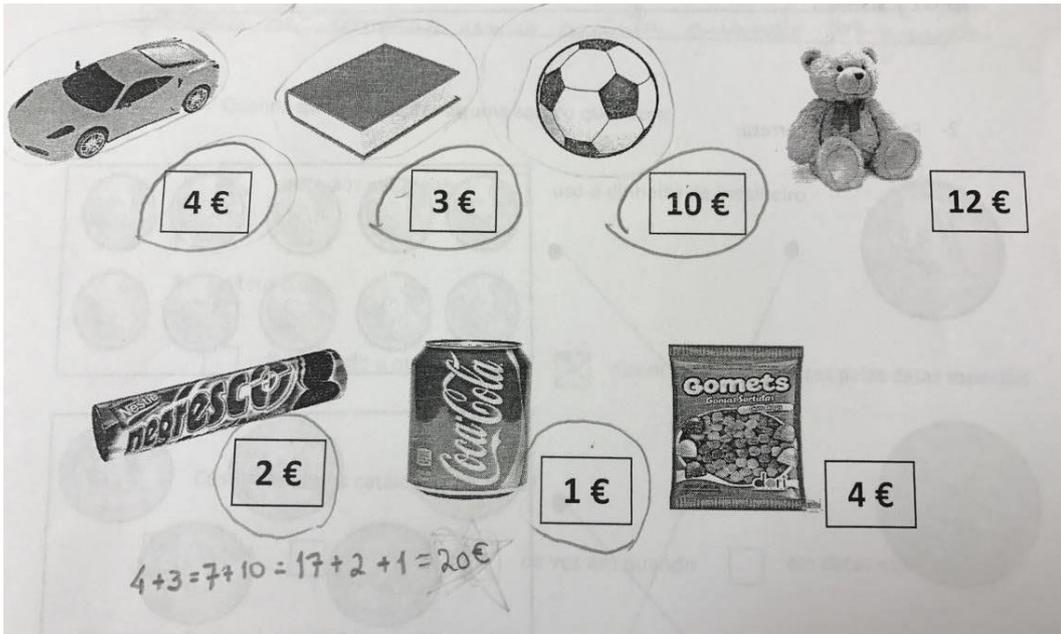


Figura 6- Evidencia do aluno A 3/1

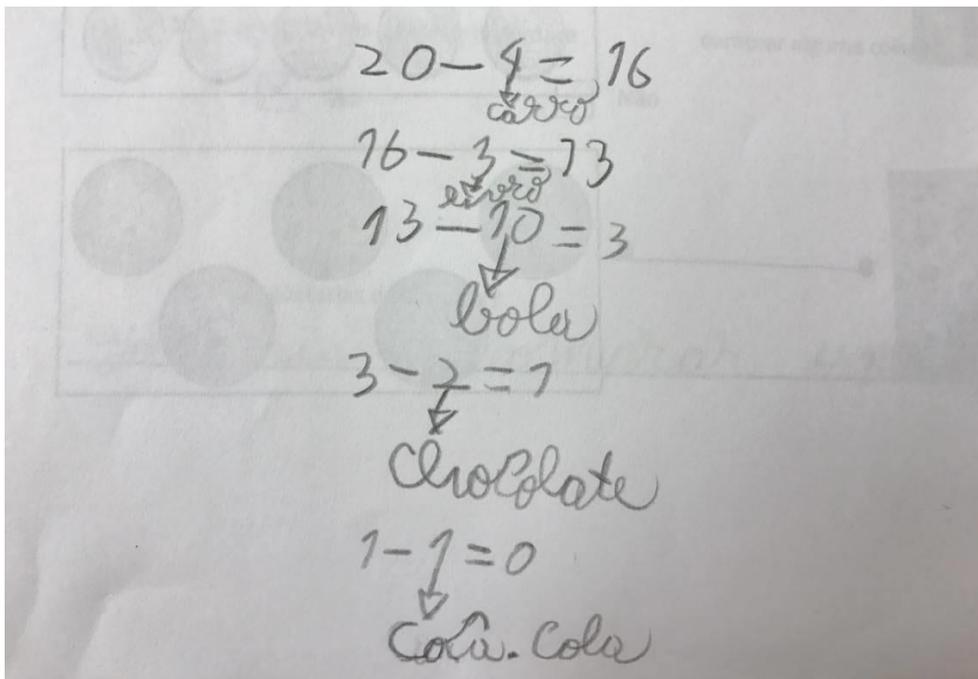


Figura 7- Evidencia do aluno A 3/3

Tarefa 1- Conhecer o dinheiro do meu país

Após a análise do questionário foi possível perceber que a maioria dos alunos não possuía conhecimentos sobre o euro, mais concretamente sobre o valor das notas e das moedas. Neste sentido, esta tarefa foi estruturada com o objetivo de ultrapassar esta lacuna e guiada no sentido de dar oportunidade aos alunos para pensarem e refletirem sobre as questões que eram colocadas.

A atividade consistiu em expor imagens de moedas e notas no quadro e realizar equivalências entre elas. Iniciou-se por valores mais baixos, isto é pelas moedas de 1, 2 e 5 cêntimos subindo gradualmente para as seguintes moedas e notas. Foi exposta no quadro uma imagem da moeda de 1 cêntimo, e rapidamente os alunos identificaram qual era a moeda. Juntou-se outra moeda de 1 cêntimo e a partir deste momento gerou-se o seguinte diálogo:

Professora: Ao colocar outra moeda de 1 cêntimo com quanto dinheiro ficamos?

Alunos: 2 cêntimos.

Professora: Muito bem. Qual é a moeda que representa isso?

Aluno: A moeda de 2 cêntimos (resposta com insegurança)

Professora: Agora vou colocar aqui uma moeda de 5 cêntimos e quero representar esta moeda com moedas de 1 e 2 cêntimos. Como é que posso fazer isso? Pensai primeiro e depois chamo um menino para vir ao quadro mostrar. Queres tentar A 3/1?

Aluno A 3/1: Preciso desta moeda de 1 cêntimo, mais esta de 1 cêntimo.

Professora: Quantas moedas de 1 cêntimo precisas? Já tens ali 2 moedas de 1 cêntimo.

Aluno A 3/1: Preciso de 3 moedas de 1 cêntimos uma de 2 cêntimos.

Professora: Dá 5 cêntimos?

Turma: Sim...Não.

Professora: Meninos, pensai bem e veem se dá ou não 5 cêntimos.

Alunos: Sim.

Professora: E agora se só utilizarmos as moedas de 1 cêntimo. Quantas moedas precisamos?

Aluno 2/4: 5 de 1 cêntimo.

O aluno que resolveu esta questão encontrava-se no terceiro ano de escolaridade, o que se refletiu na sua estratégia de resolução, pois utilizou moedas com diferentes valores, em vez de optar pelo caminho mais simples, utilizar apenas a moeda de 1 cêntimo. Para perceberem que não havia apenas uma forma de representar foi sugerido que representassem 5 cêntimos com apenas moedas de 1 cêntimo. Sendo uma operação bastante simples rapidamente um aluno do 2.º ano respondeu sem hesitar.

Seguidamente, a professora expôs no quadro duas moedas de 2 cêntimos e uma de 1 cêntimo e questionou a turma se estavam representados 5 cêntimos e todos responderam afirmativamente. Contudo, esta situação seria mais interessante se fossem os alunos a descobrir a outra forma de representar a moeda de 5 cêntimos com as moedas de 1 e 2 cêntimos.

Depois foi mostrada uma moeda de 10 cêntimos e todos demonstraram conhecê-la e saber o seu nome. Foi pedido à turma para pensarem numa forma de obter 10 cêntimos mas com as moedas de 1,2 e 5 cêntimos. O aluno 3/4 é chamado ao quadro e afixa neste uma moeda de 5 cêntimos, duas de 2 cêntimos e uma de 1 cêntimo. Os restantes membros da turma concordam com a forma como a colega resolveu a questão e a professora pede que pensem noutra forma de obterem 10 cêntimos. Rapidamente, o aluno 2/5 reagiu e dirigiu-se ao quadro realizando a seguinte equivalência: 10 cêntimos = 5 cent. + 5 cent. Surgiram outras equivalências como 2 cent. + 2 cent. + 2 cent. + 2 cent. + 2 cent., do aluno 2/4 que numa primeira fase afixou no quadro duas moedas de dois cêntimos uma de 1 cêntimo e preparava-se para colocar uma de 5 cêntimos, mas sendo chamado a atenção pela professora por não poder repetir equivalências rapidamente refletiu e trocou a moeda de 1 cêntimo por três moedas de 2 cêntimos. O facto de rapidamente encontrar outra forma diferente de representar 10 cêntimos só demonstrou falta de atenção do aluno às equivalências encontradas anteriormente.

Proseguiu-se para a moeda de 20 cêntimos e o aluno 2/6 começa por afixar no quadro uma moeda de 5 cêntimos, mais cinco moedas de 1 cêntimos e passado alguns segundos refletiu e colocou mais duas moedas de 5 cêntimos. Este aluno sempre demonstrou dificuldades ao nível da matemática, no entanto demonstrou um bom raciocínio. Através desta equivalência surge a seguinte discussão:

Professora: Se eu quisesse substituir estas 5 moedas de 1 cêntimo, por que moeda substituiria?

Turma: 2 cêntimos... 10 cêntimos.

Professora: Meninos pensem bem. Eu quero substituir estas moedas 5 moedas de 1 cêntimo (a professora conta as moedas e acompanha a contagem apontando com o dedo para as moedas).

Aluno 2/3: 10 cêntimos.

Professora: Contas aqui 10 cêntimos? Conta comigo.

Aluno 2/4: 1,2,3,4,5.

Professora: Quantos cêntimos contaste?

Aluno 2/3: 5 cêntimos.

Professora: Então uma moeda de 10 cêntimos representa 5 moedas de 1 cêntimo?

Aluno 2/3: Não.

Professora: Então por que moeda iria trocar?

Aluno 2/1: 5 cêntimos.

Professora: 5 cêntimos, muito bem.

Professora: E estas duas moedas de 5 cêntimos por que moeda podem ser substituídas?

Aluno 3/2: 10 cêntimos.

Professora: Vamos imaginar que eu só tinha moedas de 1 cêntimo, quantas moedas ia precisar para representar 20 cêntimos?

Turma: 20 moedas.

Pela interpretação da gravação em vídeo é possível perceber que o aluno 2/3 para além das 5 moedas de 1 cêntimo juntou a moeda que 5 cêntimos que antecedia as outras, não percebendo que se estava apenas a pedir para substituir uma parte das moedas que estavam no quadro.

A professora questiona a turma sobre qual é a moeda que se segue à moeda de 20 cêntimos e um aluno responde que é a de 30 cêntimos, outro que é a de 40 cêntimos e o aluno 2/4 corrige os colegas afirmando ser a moeda de 50 cêntimos. Entre estes três alunos podemos verificar que existem vivências diferentes, os alunos que responderam erradamente à questão mostram não lidar com frequência com o dinheiro, o que não deverá ser o caso do aluno que respondeu corretamente. As respostas 30 cêntimos e 40 cêntimos podem ter surgido pelo facto de entre a moeda de 10 cêntimos e a moeda de 20 cêntimos haver uma diferença de 10 cêntimos. Assim a moeda seguinte à moeda de 20 cêntimos seria uma moeda com mais 10 cêntimos.

Foram realizadas equivalências com as moedas de 10 e 20 cêntimos não havendo dificuldades nas várias hipóteses que podiam formar. A grande dificuldade surgiu com a introdução da moeda de 1€, pois alguns alunos não compreenderam que esta moeda equivalia a 100 cêntimos. Desta forma gerou-se o diálogo seguinte em redor desta questão:

Professora: E se eu quiser representar a moeda de 1 euro com apenas duas moedas? Pensa primeiro e depois coloquem o dedo no ar. Pensa aluno 2/2. Quero trocar a minha moeda de 1 euro por 2 moedas apenas. Aluno 2/2 sabes?

...

Professora: Será que são duas moedas diferentes ou iguais?

Alunos: São iguais.

Professora: Aluno 2/1 e aluno 2/2 já descobriram? Pensem, quais são as duas moedas iguais que juntas dão 1 euro. Lembrem-se da atividade de anteontem, quando foram comprar a fatia de bolo? Quanto é que custava cada fatia de bolo? E hoje quanto é que custa a fatia de bolo?

Aluno 2/2: 50 cêntimos.

Professora: Mas se tu tiveres vontade de comprar duas fatias de bolo, então quanto dinheiro precisas aluno 2/1?

Aluno: 50 cêntimos.

Professora: São 2 fatias, 2 moedas de 50 cêntimos. Se são 2 moedas de 50 cêntimos, então quanto é que custam 2 fatias de bolo?

...

Professora: Quanto é que custa uma fatia? Diz aluno 2/1?

Aluno 2/1: 50 cêntimos.

Professora: E outra fatia?

Aluno 2/1: 50 cêntimos.

Professora: Então as 2 fatias quanto dinheiro custam?

...

Professora: Aluno 2/1 quanto é 50 mais 50?

Aluno 2/1: 100.

Professora: Então 50 cêntimos mais 50 cêntimos quantos cêntimos são?

Aluno 2/1: 100.

Professora: Sabes qual é a moeda que vale 100 cêntimos?

Aluno 2/1: Não.

Professora: Turma digam qual é a moeda que se equivale a 100 cêntimos?

Turma: 1 euro.

Professora: Então 1 euro pode ser substituído por duas moedas iguais, quais são essas duas moedas?

Aluno 2/1: 50 cêntimos.

Professora: Quantas moedas de 50 cêntimos?

Aluno 2/1: 2.

Este aluno demonstrou não conhecer o euro, o que revela que mantém pouco contacto com o dinheiro. Apesar de participar na atividade da venda do bolo, revelou não ter a noção do valor da fatia de bolo, se era cara ou se estava a um preço aceitável. Seguiram-se mais equivalências e os alunos que foram chamados ao quadro realizaram a tarefa sem dificuldades o que demonstrou que estiveram atentos e entenderam o que foi explicado até ao momento.

Por vezes as dificuldades que surgiam estavam diretamente ligadas às dificuldades que os alunos sentiam no cálculo mental. Este facto afetou diretamente o desenvolvimento da atividade, visto que por vezes foi necessário recorrer ao material multibase para efetuarem os cálculos mentalmente e só depois se voltava novamente à linguagem dos euros e dos cêntimos, pois a igualdade entre cêntimos e euros gerava muita confusão no raciocínio dos alunos.

Para transitar das moedas para as notas a professora investigadora afixou no quadro 10 moedas de 50 cêntimos e questionou a turma sobre quanto dinheiro estava representado. A maior parte da turma respondeu “5 euros” pouco tempo depois e pela maior parte da turma.

Com o objetivo de diminuir o número de moedas a professora desafia o aluno 2/4 para vir ao quadro realizar essa tarefa com moedas apenas de 1€, não se esquecendo que duas moedas de 50 cêntimos equivalem a uma moeda de 1€. Inicialmente o aluno afirmou que precisava apenas de quatro moedas de 1€, mas com o decorrer da atividade apercebeu-se que faltava mais uma moeda, pois observou que duas moedas de 50 cêntimos ainda não tinha uma moeda de 1€ ligada. Seguidamente é proposto que diminua ainda mais o número de moedas e rapidamente o aluno pede à professora que lhe dê duas moedas de 2€ e uma moeda de 1€. Este aluno foi o que sempre revelou mais conhecimentos ao longo desta tarefa, bem como no questionário que realizou anteriormente, onde revelou ter muito contacto com o dinheiro. O contacto que tinha com o dinheiro permitia-lhe resolver as questões com mais facilidade, pois em face de um obstáculo ele refletia e ultrapassava-o.

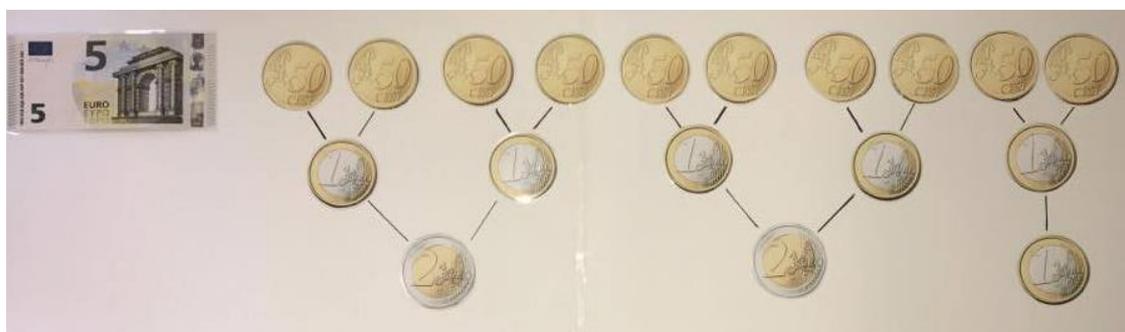


Figura 8- Evidência da estratégia de resolução do aluno 2/4

Prosseguiu-se a atividade para as restantes notas realizando equivalências com as mesmas. Pode-se observar que os alunos realizavam-nas com mais facilidade, uma vez que não havia as moedas de cêntimos que geraram, no início, alguma confusão. Constatou-se também que havia alunos com mais conhecimentos sobre o dinheiro que outros e em comparação com o questionário inicial tratavam-se de alunos que recebiam semanada ou mesada. A forma como a atividade foi desenvolvida fez com que toda a turma estivesse atenta e demonstrasse bastante entusiasmo em ir ao quadro para manusear as moedas e notas em formato grande, outro fator que gerou muito alarido entre todos, principalmente nas notas com valor mais elevado.

Tarefa 2 - O que é supérfluo e necessário?

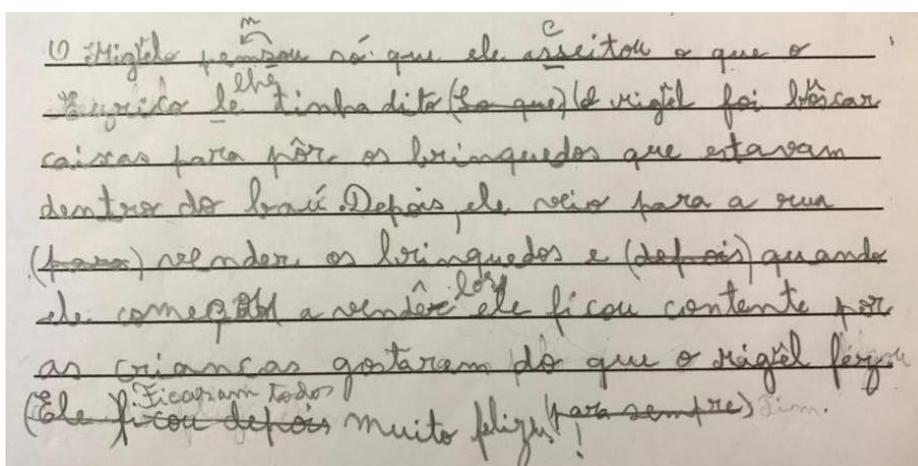
A primeira parte desta tarefa foi realizada sem dificuldades. Os alunos facilmente encontraram dois grupos pelos quais as imagens (anexo 7) poderiam ser divididas de acordo com as suas características, mais concretamente os produtos saudáveis e os não saudáveis.

Formados os dois grupos de alimentos, estes foram identificados no quadro como produtos essenciais e produtos não essenciais. De acordo com o objetivo da atividade foi entregue a cada aluno um catálogo de publicidade e foi-lhes pedido a estes que encontrassem os produtos de cada um dos grupos, identificassem o seu valor e somassem o que gastariam se comprassem esses produtos. Os alunos facilmente encontraram os produtos e identificaram o seu preço. Este foi alterado antecipadamente para números inteiros, de modo a não causar dificuldade na tarefa, visto que por um lado não interferia com os objetivos estabelecidos e por outro o grupo de alunos do 2.º ano ainda não tinha contactado com os números decimais. Contudo a soma dos valores gerou alguma confusão. Os alunos não conseguiram ser organizados de forma a não repetir o mesmo produto, por isso a professora optou por realizar os cálculos no quadro.

Após calculado o valor monetário de cada grupo de alimentos, os alunos constataram logo que o grupo de alimentos essenciais tinha um valor mais baixo que o grupo de alimentos não essenciais. Através deste facto a professora investigadora introduziu dois conceitos, supérfluo e necessário, questionando inicialmente a turma o que é que entendia sobre cada um. A palavra supérfluo foi a que causou mais dúvidas. Ninguém sabia o seu significado. A professora referiu que os produtos essenciais são uma despesa necessária, que estes produtos são necessários para a nossa alimentação. Por outro lado os produtos não essenciais são uma despesa supérflua, pois não são necessários na nossa alimentação e devem ser evitados.

Foi notória a compreensão dos alunos perante a explicação deste novo conceito. De modo a entender a vivência e o pensamento de cada aluno foi entregue uma introdução de uma história alusiva ao Natal, à qual os alunos tinham que dar o final que achassem mais adequado.

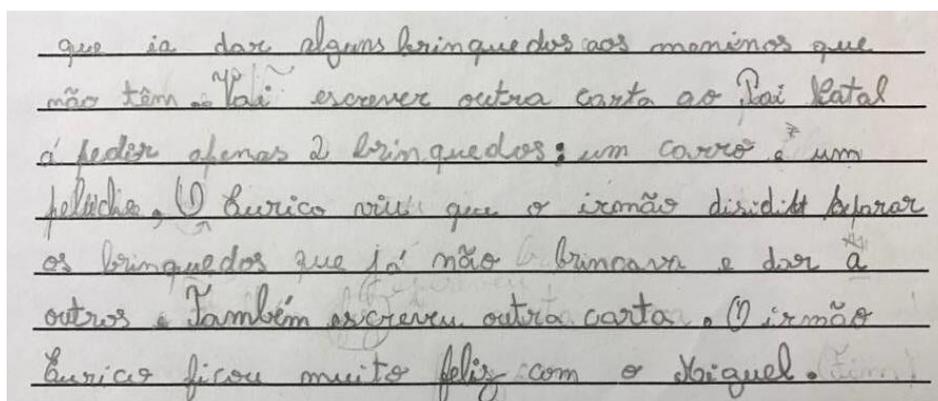
A maior parte dos finais estipulados para a história incidiam sobre o ato de doar, outra parte sobre a diminuição da lista de presentes e apenas um aluno pensou em manter a lista de presentes e vender os brinquedos velhos. Esta última forma de pensar mostra que a aluna tem consciência que é possível rentabilizar os objetos que já não são do nosso interesse, tentando vendê-los a alguém que goste deles. No entanto, neste final não é perceptível o que o Miguel fez com esse dinheiro podendo haver muitas opções, como guardar o dinheiro ou comprar mais brinquedos, que explicitariam melhor o objetivo deste aluno.



O Miguel pensou n^o que ele arrecitou o que o avô deixou e teve uma lista de brinquedos que ele usava antes de nascer o Miguel foi doar as coisas para os brinquedos que estavam dentro do baú. Depois, ele veio para a sua (casa) recolher os brinquedos e (depois) quando ele começou a recolher ele ficou contente por as crianças gostarem do que o Miguel fez. (Ele ficou depois muito feliz para sempre)

Figura 9- Evidencia da aluna 3/5

Relativamente aos alunos que deram a ideia de doar os brinquedos que o Miguel já não usava, estes revelam que têm presente o valor da solidariedade, sendo este um valor tão importante como o respeito pelo próximo. Como refere D' Aquino (2008) "é essencial ensinar às crianças que o ganho e o uso do dinheiro devem ser obrigatoriamente regulados pelos preceitos da ética e da responsabilidade social" (p.15). É importante que as crianças tenham a consciência que é possível doar aqueles objetos que já não gostam a alguém que vai dar-lhes valor e utilidade.



que ele doou alguns brinquedos aos meninos que não têm o pai er ou outra carta ao Pai Natal e pedir apenas 2 brinquedos: um carro e um futebol. O avô veio que o avô disse depois de doar os brinquedos que ele não brincava e doar a outra e também escreveu outra carta. O avô ficou muito feliz com o Miguel.

Figura 10- Evidencia do aluno 3/1

Relativamente aos alunos que decidiram que a melhor solução do Miguel era reformular/ diminuir a lista de presentes, mostram ter noção que o excesso de brinquedos é um gasto supérfluo.

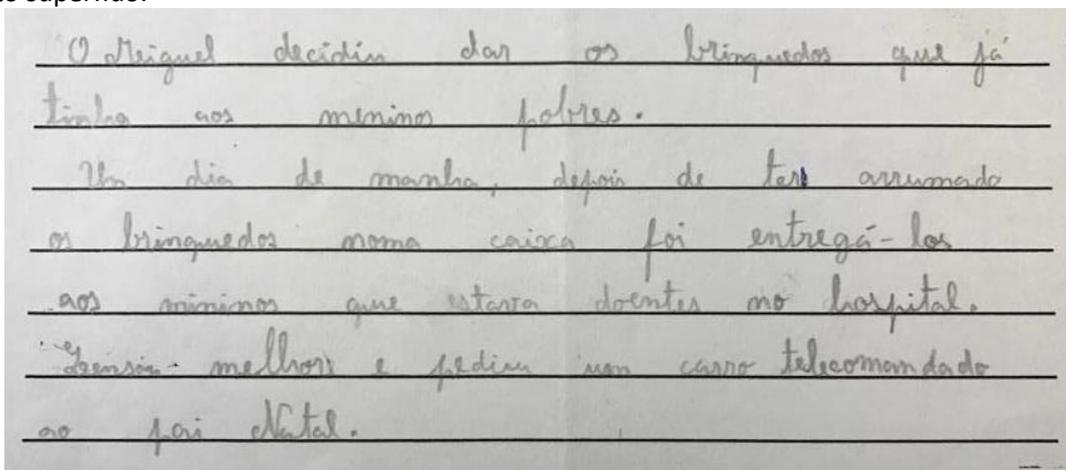


Figura 11- Evidencia do aluno 2/5

O objetivo definido com esta atividade, distinguir o necessário do supérfluo foi alcançado, uma vez que os alunos demonstraram perceber que a lista de presentes do Miguel era muito extensa e podia ser reduzida, pois muito dos brinquedos que pediu já os tinha. A maioria das soluções incidia em reduzir a lista de presentes, reformular a lista de presentes, retirando os que já eram repetidos e doar os brinquedos que já não usava. Esta situação evidencia que estas crianças estão habituadas a fazer escolhas no que se refere aos seus brinquedos e objetos de lazer, facto que nos tempos que correm não é muito comum. Por vezes os pais tentam compensar a sua ausência oferecendo bens de lazer, educando assim as crianças para um consumo exagerado.

Tarefa 3 - A lista de compras

Nesta tarefa foi dada a oportunidade aos alunos de elaborarem uma lista de compras pensando apenas naquilo que para eles era necessário comprar, sem se preocuparem com o dinheiro de que precisariam. Foi dado aos alunos o tempo necessário para analisarem com cuidado os produtos dos dois catálogos, refletindo se os colocariam ou não na sua lista de compras. Os dois catálogos de publicidade exibiam os mais diversos produtos, como bens alimentares, material escolar, telemóveis e computadores.



Figura 12- Catálogos da tarefa 3

Após enumerarem todos os produtos que pretendiam comprar e seus respectivos preços, os alunos tinham que somar o valor de todos os produtos, de forma a refletir sobre o valor que gastariam, se realmente concretizassem essa lista de compras. Aquando da realização do cálculo do valor dos produtos foi quando surgiu mais dúvidas, assim foi necessário o auxílio da professora.

A maioria das despesas obtidas eram de elevado custo, o que era de esperar, visto que não havia um valor limite para ser gasto. Os produtos mais escolhidos foram os computadores portáteis, os telemóveis e os alimentos com elevado teor de açúcar. Depois de todos terem calculado o valor que gastariam surgiu um pequeno diálogo no qual os alunos enumeravam os produtos que tinham comprado e justificaram a sua escolha. A aluna 3/1 foi a que no momento despertou mais interesse na sua escolha pois colocou na sua lista quatro computadores portáteis.

Professora: Aluna 3/1 porque é que escolheste quatro portáteis?

Aluna 3/1: Porque um é para mim, outro é para a minha mãe, outro é para o meu pai e o outro é para o caso de algum avariar.

Professora: Boa justificação, mas não são muitos portáteis?

Aluna 3/1: Sim, mas como tu disseste eu tinha todo o dinheiro do mundo, por isso posso gastá-lo.

Apesar desta “compra” exagerada a aluna demonstrou que tem a noção que não é possível comprar tudo o que queremos, mas como lhe foi dada a oportunidade em fazer uma lista de compras imaginando que tinha todo o dinheiro do mundo, “comprou” tudo o que lhe

suscitou interesse. Por vezes é o que acontece com muitas pessoas que contactam com a publicidade, que tem a capacidade de chamar a atenção ao consumidor e persuadindo-o a comprar algo de que por vezes não necessita.

Esta análise é comprovada pela atitude tomada pela mesma aluna quando é proposta a formulação de uma nova lista onde tiveram apenas 30€ disponíveis para gastar. A aluna 3/1 ao ser imposto este limite, logo reagiu dizendo que assim já não era possível comprar nenhum portátil e que tinha que retirar muitos objetos da sua lista.

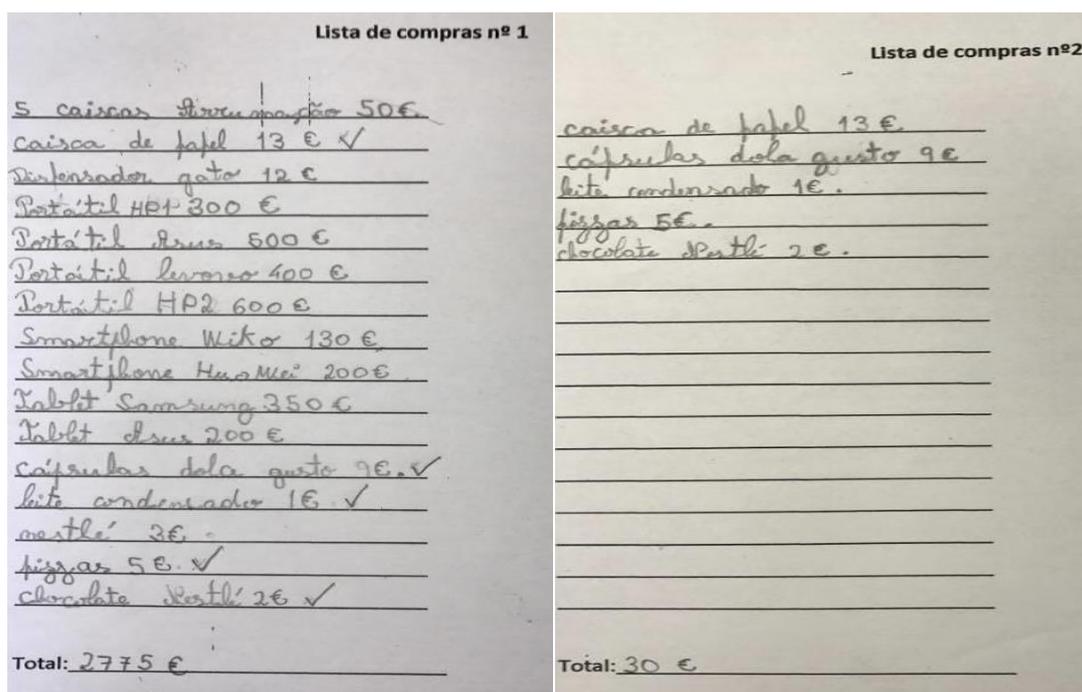


Figura 13- Evidência da aluna 3/1

O aluno 3/3, nesta tarefa revelou ser o contrário do que deu a parecer no questionário inicial: uma criança habituada a lidar com o dinheiro, a gerir a sua própria semana e a poupar para um objetivo final. Como era de esperar, e tendo em conta que não tinha a preocupação do limite do dinheiro suficiente, na sua primeira lista obteve um valor bastante elevado, comprando as mais variadas coisas como chocolates, cereais de chocolate, telemóveis, portáteis e tabletes. Aquando da reformulação da lista este aluno realizou uma seleção diferente dos restantes colegas, escreveu na lista menos produtos, dispensando todos os bens alimentares e um dos portáteis que tinha na lista inicial. Assim, manteve na sua lista cinco produtos em que apenas um tinha valor inferior a 30€, mas só após somar o total da sua lista é que reparou que o valor obtido era bastante superior ao valor limite estipulado. Ao aperceber-se desta situação reformulou uma nova lista colocando os produtos que descartou inicialmente, pois estes apresentavam um valor muito mais baixo. O principal fator de seleção deste aluno era o seu

grau de preferência, não reparando que os produtos que mais gostava tinham um valor muito superior ao valor limite.

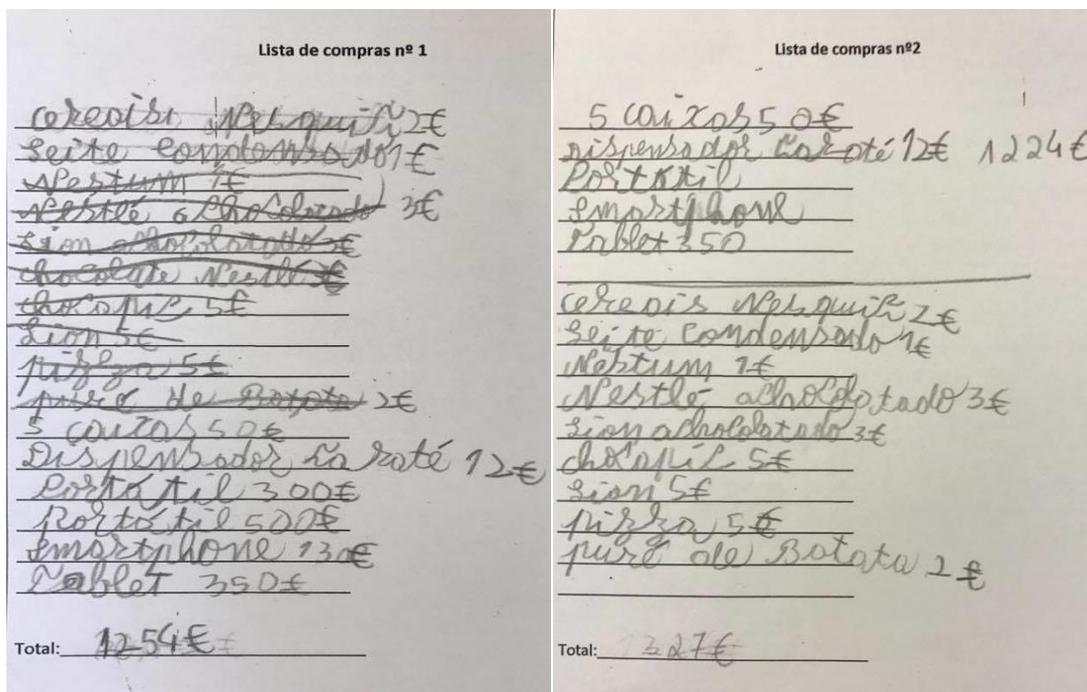


Figura 14- Evidência do aluno 3/3

Na elaboração da primeira lista apenas a aluna 2 /3 obteve um valor muito mais baixo que o esperado, não colocando na sua lista os produtos tecnológicos que todos os restantes colegas colocaram. Durante esta atividade fui observando como os alunos estavam a seleccionar os produtos e quando reparei que esta aluna rapidamente terminou a sua lista de compras questionei se não havia mais nada que lhe chama-se a atenção. A aluna respondeu que não e que já tinha escolhido tudo o que queria. Ao analisar com mais atenção as atividades realizadas anteriormente por esta aluna, reflito que o facto de não ter disponibilizado um catálogo com brinquedos limitou as escolhas feitas por esta aluna, pois sempre demonstrou vontade em comprar brinquedos. Na segunda lista para não ultrapassar o limite de 30€ a aluna facilmente descartou dois produtos diminuindo o total da sua “compra”.

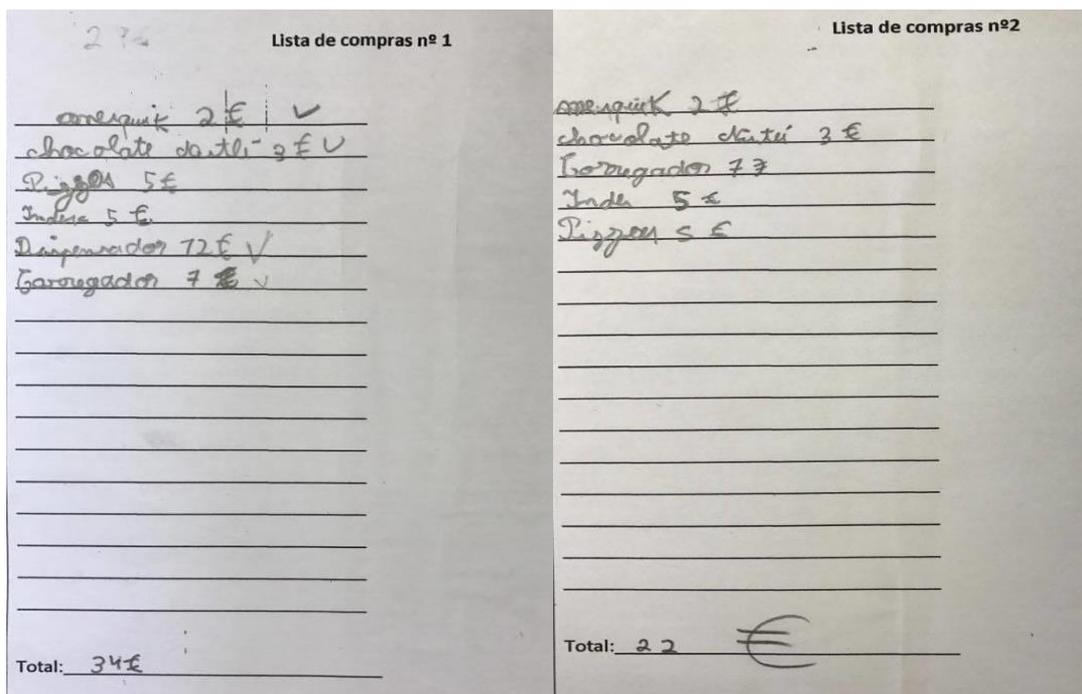


Figura 15 - Evidência do aluno 2/3

Com a reflexão dos alunos após elaborarem as duas listas de compras foi possível reforçar a diferença entre os conceitos necessitar e querer, pois a turma teve a seguinte reflexão:

Professora: Ao escreverem a primeira lista qual foi o vosso critério de escolha?

Aluno 3/4: O meu foi escolher tudo o que queria.

Aluno 3/3: Eu queria muito ter um portátil novo. Comprei um portátil, uma mala para ele e como tinha todo o dinheiro do mundo comprei mais um telemóvel e uma tablete.

Professora: Então vocês compraram tudo o que quiseram?

Turma: Sim.

Professora: Aluno 3/3, tu queres comprar um portátil novo porque o teu está avariado?

Aluno 3/3: Não. Quero comprar um novo porque aquele já tenho há muito tempo.

Professora: Então só queres um novo porque estás cansado do velho. Isto significa que tu queres um portátil mas não necessitas de um porque já tens um. Esta é a diferença entre necessitar e querer, necessitamos quando não temos algo que substitua o objeto pretendido. Quando não é esse o caso então é apenas um desejo nosso. Necessitar é precisar e querer é apenas um desejo que pode ou não ser concretizado.

Tarefa 4 - Construção do catálogo de publicidade

No início da atividade todos os elementos da turma identificaram as características mais evidentes nos catálogos publicitários expostos no quadro interativo. As características que foram mais mencionadas foi a decoração do catálogo alusivo a uma época festiva e o tamanho chamativo do preço dos produtos. Aquando da análise do primeiro folheto publicitário decorreu o seguinte diálogo:

Professora: O que é que vos chama mais a atenção neste folheto?

Aluno 2/1: As bolas de natal.

Professora: Referes-te à decoração?

Aluno 2/1: Sim, tem muitas cores.

Professora: Não há mais nada que chame a atenção?

Aluno3/1: Os preços tem uma cor chamativa e o tamanho grande.

Professora: E neste folheto, o que se destaca?

Aluno 2/4: Os balões.

Aluno 2/5: Era o aniversário de alguém.

Aluno 3/2: A palavra “descontos” e a palavra “promoções”. Estão com uma cor viva.

Professora: E porque será que a publicidade tem estas características?

Aluno 3/2: Para chamar a nossa atenção.



Figura 16- Exemplos dos catálogos mostrados aos alunos.

Tendo em conta a resposta dada pelo aluno A 3/2, a professora investigadora prossegue a exploração, dando a conhecer outras características da publicidade, como o *slogan*, que é sucinto e facilmente memorizado, pois por vezes rima com o nome do estabelecimento, referindo as suas características mais importantes. Depois de enumeradas as características mais simples de um folheto publicitário, a turma foi dividida em grupos, para que cada um imaginasse que iria abrir uma loja e por isso teriam que pensar no seu nome e no seu *slogan*. Os grupos foram formados de maneira a que fossem equilibrados, isto é, em cada grupo estava integrado pelo menos um aluno do terceiro ano e os alunos do 2º ano que demonstraram sempre mais criatividade estavam dispersos pelos grupos. Dois grupos decidiram inventar dois nomes e dois *slogans*, havendo assim ao todo cinco nomes e cinco *slogans*.

Os nomes e os *slogans* inventados foram escritos no quadro para realizar-se uma votação, pois uma das finalidades desta atividade era proporcionar à turma a sua participação na construção do mercadinho, iniciando esta tarefa pela criação do nome e do slogan.

Ao analisarmos os nomes e os *slogans* inventados concluímos que em geral a turma captou o principal objetivo da publicidade, pois surgiram *slogans* muito originais que estavam em sintonia com o nome dado à loja. Todos os grupos mostraram bastante entusiasmo no decorrer da criação do nome e do *slogan* o que influenciou a sua criatividade e originalidade. Com a observação dos folhetos publicitários dos supermercados e das lojas, os alunos captaram que o que era mais realçado era o facto de haver preços baixos em todos, o que se reflete nos *slogans* criados. O seguinte quadro espoom o nome criado para o mercadinho e o respetivo *slogan*.

| Nome do mercadinho | <i>Slogan</i> |
|--------------------------|---|
| Estrelinha do céu | Até as estrelinhas caem com estes preços! |
| O nariz empinado | Venha por direito. |
| Bejc | Onde há produtos baratinhos. |
| Mercearia do CA23 | Você tem muita sorte em vir a esta loja. |
| O céu é doce | Nesta loja cai preços baixos. |

Quadro 3 - Nomes criados para o mercadinho e *slogans*.

A criação do nome da mercearia, em cada grupo surgiu tendo em conta vários aspetos, como o nome da turma, quando nos referimos à “Mercearia do CA23”, a inicial dos nomes da cada elemento do grupo, que originou o “Bejc”, ou pode ter sido inspirada em vivências passadas, como programas televisivos e leitura de histórias, que possibilitaram a originalidade para criar “O nariz empinado”, a “Estrelinha do céu” e “O céu é doce”. Estes últimos dois nomes dão-nos a perceção que foram criados pelo mesmo grupo, visto que houve grupos que criaram mais que um nome, mas não é o caso, daí surge a interpretação que podem ter surgido inspirados em vivências passadas comuns.

A votação do nome da loja e do seu *slogan* ocorreu de forma separada, pois poderia haver a possibilidade de se gostar do nome da loja e, não se gostar do *slogan*. Cada elemento da turma teria que votar no nome que mais gostava, tendo a possibilidade de votar na sua própria criação. Apesar desta possibilidade os alunos votaram no nome que realmente gostaram mais, pois alguns elementos da turma dirigiram o seu voto para as criações dos seus colegas. Inicialmente começou-se por escolher o nome, sendo que os mais votados foram “Estrelinha do céu” e “O céu é doce”, que por coincidência referem algo comum, o céu. O nome escolhido foi “O céu é doce”. A votação para o melhor *slogan* foi um pouco influenciada pelo nome que ficou

com mais votos, pois parte dos alunos mostraram ter a preocupação de escolher um slogan que fizesse sentido com o nome escolhido. Os restantes alunos realizaram a sua votação tendo em conta as características que um bom *slogan* deve ter, uma frase curta, simples, de fácil memorização e que apresente as características essenciais da empresa em questão. No final da votação houve um empate entre “Até as estrelinhas caem do céu com estes preços!” e “Onde há produtos baratinhos”, o que obrigou a realização de uma nova votação entre estes dois *slogans*. O *slogan* que prevaleceu foi “Até as estrelinhas caem com estes preços”.

Seguidamente, foi entregue a cada grupo vários folhetos publicitários, com os quais teriam que escolher e recortar os produtos que queriam colocar no folheto publicitário do mercadinho “O céu é doce”. Numa primeira fase os alunos estavam tão entusiasmados que acabaram por esquecer o que tinha sido trabalhado até ao momento, o que levou à intervenção da professora:

Professora: O nosso *slogan* faz alusão a preços baixos ou a preços altos?

Aluno 3/1: Preços baixos.

Professora: Então que tipo de preços deverá ter o nosso folheto para cativar as pessoas a vir ao nosso mercadinho?

Aluno 2/4: Preços baixos.

Professora: Lembram-se da atividade dos produtos essenciais e não essenciais?

Turma: Sim.

Professora: E qual dos produtos eram mais caros?

Aluno 3/3: Os produtos não essenciais.

Professora: E quais são esses produtos?

Aluno 3/4: Chocolates.

Aluno 2/2: Sumos.

Aluno 2 /5: Bolos.

Professora: Já repararam nos produtos que estão a escolher?

Aluno 3/3: São os mais caros.

Professora: Vamos por as cabecinhas a pensar e escolher produtos que fazem o cliente querer vir à nossa loja.

Após esta reflexão a atitude dos alunos mudou e no final apresentaram produtos com preços mais baixos e que eram importantes incluir na nossa alimentação. O protótipo do folheto foi feito no quadro mais tarde passado para uma folha por dois alunos.

Com a realização desta tarefa os alunos ficaram a conhecer um pedacinho do mundo da publicidade, sendo desta forma mais fácil interpretá-la e não se deixar ser influenciado.



Figura 17- Catálogo publicitário feito pela turma.

Tarefa 5 - Mercadinho

A turma foi dividida em grupos de dois elementos, com o propósito de enquanto um elemento do grupo colocava no cesto os produtos que ambos escolhiam, o outro apontava o nome do produto e o seu preço na tabela que era entregue antes de iniciar a atividade. Para não gerar confusão, no mercadinho estavam sempre apenas dois grupos, um para fazer as compras e outro para calcular o valor da compra, receber o dinheiro e dar o troco. Os produtos presentes neste mercadinho eram bastante variados e estavam organizados por secções, tal como um supermercado. Ao criar este mercadinho a professora investigadora teve a preocupação de que este fosse o mais idêntico ao real. Neste sentido as caixas dos produtos expostos eram verdadeiras, mas encontravam-se vazias e também houve espaço para uma secção com frutas e legumes.



Figura 18- Disposição dos produtos no mercadinho.

Numa primeira parte os alunos realizavam esta tarefa com bastante dinheiro, o que deixava de ser uma preocupação na escolha dos produtos. O entusiasmo dos alunos para irem ao mercadinho era notório, quando vestiam a pele de consumidor e se deparavam com uma enorme variedade de produtos que podiam comprar. Tudo era apetecível para colocar no cesto. Contudo, influenciados com o que veio a ser abordado ao longo das últimas semanas, os alunos refletiam e decidiam dar mais uma vista de olhos à mercearia, com o intuito de realizarem escolhas pensadas para comprarem aquilo que realmente desejavam. A forma como os alunos desencadeiam a ação revela as suas vivências, isto é o seu comportamento perante o consumo é influenciado pelo comportamento que observam dos pais e outros adultos nas mesmas situações.

Ao analisar as listas das compras realizadas sem limite de dinheiro constato que a maioria dos grupos fez compras com um valor superior a 100€ e que apenas um grupo gastou um valor inferior a 20€. O produto mais caro da mercearia era uma pista de carros que tinha o valor de 100€, que foi comprada pela maior parte dos grupos com um elemento masculino, sendo um dos primeiros produtos a colocar no cesto.

O grupo constituído pelo aluno 2/1 e pelo aluno 2/4 foi o que gastou mais dinheiro nas suas compras. A forma como este grupo decidia o que queria comprar era muito impulsiva. Mal iniciaram as suas compras, pegaram logo nos brinquedos mais caros sem pensarem no valor de cada um, atitude que se revelou durante toda a atividade. Esta postura pode ter sido gerada pelo facto de a quantia de dinheiro dada no início ser bastante alta, o que deu a possibilidade para comprar tudo o que era desejado. No segundo momento da atividade, em que apenas eram dados 50€ para gastar, a atitude deste grupo mudou drasticamente, queriam saber o preço de

todos os produtos e confirmavam sempre se já tinham no cesto algum produto idêntico. Ao analisar melhor a lista da segunda compra constatamos que os produtos escolhidos apresentavam valores baixos, à exceção da cerveja, pois até os brinquedos escolhidos foram os mais baratos. Assim concluímos que o que influenciou a atitude destes dois alunos foi a quantia de dinheiro que tinham disponível para gastar. Em ambos os pagamentos o grupo não demonstrou dificuldades em saber qual a quantia que deveria entregar para fazer o pagamento.

| Produto | Preço | Produto | Preço |
|--------------------|-------|-------------------|----------------|
| chupachupa | 4€ | chupachupa | 1€ |
| carros | 50€ | leite | 1€ |
| canetas | 7€ | latagem | 1€ |
| semovidos | 1€ | alho | 1€ |
| quicinhos | 2€ | bonete | 1€ |
| chocolate | 3€ | quicinhos | 7€ 2€ |
| ziguezague | 1€ | água | 1€ |
| ovos | 1€ | ortó | 1€ |
| vitamina | 7€ | farinha | 1€ |
| livro (1€) | 5€ | chupachupa | 1€ |
| limão | 1€ | ziguezague | 3€ |
| pastas de dentes | 100€ | maçã | 1€ |
| bolachas | 3€ | dois | 1€ |
| | | ovos | 7€ |
| | | cerveja | 10€ 10€ |
| | | golete | 1€ |
| | | ovos | 1€ |
| Total: 173€ | | Total: 18€ | |

Figura 19 - 1.ª lista e 2.ª lista dos alunos 2/1 e 2/4

Os alunos 3/3 e 3/5 foram os que gastaram menos dinheiro na primeira vez que foram às compras, pois com apenas 13€ compraram tudo o que quiseram. Ao rever as gravações desta atividade apercebi-me que a primeira secção de que estes alunos se dirigiram foi à dos legumes e frutas e ao rever a sua lista constatamos que as suas compras centraram-se em bens alimentares importantes para a nossa alimentação, havendo apenas o consumo de um brinquedo. Na segunda compra, ao contrário do que era de esperar, estes alunos gastaram mais dinheiro, os alunos continuaram a ter preferência por produtos alimentares, mas para além de alimentos saudáveis foram também comprados produtos que devemos evitar e cujo seu preço é mais elevado comparativamente aos restantes. Com esta segunda compra estes alunos gastaram 35€.

| Produto | Preço | Produto | Preço |
|-------------------|-------|-------------------|-------|
| Kivi | 2€ | comprida | 2€ |
| limão | 1€ | manteiga | 2€ |
| canonura | 1€ | chape | 5€ |
| alfaca | 1€ | iogurtes | 3€ |
| converse | 1€ | quijjo | 4€ |
| non | 2€ | massa dos dentes | 2€ |
| leite | 1€ | bitis | 2€ |
| arroz | 1€ | colitas | 3€ |
| Knorr | 1€ | bonelo gorilo | 1€ |
| agua | 1€ | chocolate em pó | 3€ |
| bonico | 1€ | churros | 3€ |
| Yogurte 1€ | | garrapa de agua | 1€ |
| | | bonelo | 2€ |
| | | knorr | 2€ |
| | | colitas | 1€ |
| | | | |
| | | | |
| Total: 13€ | | Total: 35€ | |

Figura 20 - 1.ª lista e 2.ª lista dos alunos 3/3 e 3/5

O par seguinte formado pelos alunos 3/4 e 2/3, mostrou sempre muita indecisão sobre os produtos que escolhia colocando e retirando várias vezes do cesto e demorando muito a decidir. Este grupo foi o que demorou mais tempo a fazer as suas compras, porém não foi o grupo que mais produtos comprou e conseqüentemente o que mais gastou dinheiro. Entre a primeira e a última compra houve uma descida no valor gasto, havendo pouca diferença nos produtos escolhidos sendo retirados os mais caros, como o creme e a papa. Aquando o pagamento das compras, estes dois alunos revelaram muitas dificuldades em saber quais as notas que deviam entregar. Inicialmente deram ao aluno da caixa todo o dinheiro que tinham, obtendo a resposta que não era preciso tanto. Após insistência da professora as alunas acabaram por dar 40€, mas ao rever a gravação é possível constatar que a dificuldade encontrada foi não conhecer bem as notas, situação estranha porque na primeira atividade estes alunos participaram bastante e pareciam mostrar perceber bem o que estava a ser explicado.

| Produto | Preço | Produto | Preço |
|-------------------|---------|--------------------|---------|
| chupa-chupa | 1€ + 1€ | alfaca | 1€ |
| alfaca | 1€ | ovos | 1€ |
| água | 1€ | vita cê | 1€ |
| amaciador | 1€ | leite | 1€ |
| limão | 1€ | cenoura | 1€ |
| chá | 2€ | comidite | 1€ |
| chocolate em po | 3€ | pasta dos dentes | 2€ |
| manteiga | 2€ | lasanja | 1€ |
| ovos | 1€ | caldo de galinha | 1€ |
| cinzeiras | 1€ | arroz doce líquido | 1€ |
| devoisante | 3 3€ | arroz | 1€ |
| vita cê | 1€ | água | 1€ |
| pasta dos dentes | 2€ | ovos | 1€ |
| papa | 5€ | manteiga | 2€ |
| Maldar | 2€ | maça | 1€ |
| creme | 10€ | chá | 2€ |
| vinho Branco | 1€ | sorquete | 1€ + 1€ |
| Total: 37€ | | Total: 21€ | |

Figura 21 - 1.ª lista e 2.ª lista dos alunos 3/4 e 2/3

O grupo formado pelos alunos 2/7 e 2/6 foi o que teve uma atitude mais consumista. Ao longo de toda a atividade mostraram interesse em comprar tudo, principalmente os dois brinquedos mais caros, sendo que apenas um foi registado na lista. Na sua lista também estão incluídos outros produtos com um valor alto, havendo alguns que eram repetidos. Esta situação mostra a despreocupação destes alunos em gastar dinheiro em produtos caros e que por vezes já tinham. Na segunda ida às compras, este grupo teve uma atitude completamente diferente dos restantes colegas, pois decidiu gastar todo o dinheiro que tinha em apenas um produto. Esta atitude revela que estes alunos não tem a noção que devemos gastar o dinheiro de forma ponderada e não de forma impulsiva. Revelaram que não tem consciência que quando não se tem muito dinheiro devemos pensar e ver o que realmente é necessário para não fazermos gastos desnecessários, como foi o caso.

| Produto | Preço | Produto | Preço |
|-----------------------------------|-------|-------------------|-------|
| pinta | 50€ | pinta | 50€ |
| profome | 30€ | | |
| lipido | 5€ | | |
| leite ^{leite} | 1€ | | |
| comida | 1€ | | |
| carneiras | 1€ | | |
| leite | 4€ | | |
| farinha | 7€ | | |
| Margarina | 2€ | | |
| manteiga | 2€ | | |
| ovos | 1€ | | |
| cremes 2 | 20€ | | |
| recheios 2 | 6€ | | |
| leite | 1€ | | |
| carne | 10€ | | |
| placas | 3€ | | |
| crepes | 5€ | | |
| Total: 145€ | | Total: 50€ | |

Figura 22 - 1.ª lista e 2.ª lista dos alunos 2/6 e 2/7

Os alunos 3/1 e 2/5 foram os que obtiveram a lista com mais produtos, porém não foi o grupo que gastou mais dinheiro. A sua postura ao longo da atividade foi sempre muito segura e decidida sobre o que pretendiam comprar, sendo o grupo mais organizado e o que menos tempo demorou nas suas compras. Em comparação com a segunda compra há uma grande diferença no número de produtos comprados e consequentemente no valor que gastaram. Na primeira compra os alunos escolheram uma grande variedade de produtos, desde os mais importantes para o nosso bem-estar até aqueles que são prescindíveis para o nosso dia a dia, esta atitude manteve-se na segunda compra apesar de só ter apenas 50€ para gastar. Estes alunos começaram por comprar produtos mais caros e depois completar o valor da compra até aos 50€ com produtos mais acessíveis. Constatamos que para estes alunos bens supérfluos são igualmente importantes como os bens alimentares.

| Produto | Preço | Produto | Preço |
|--------------------|-------|--------------------------------|-------|
| leite | 5€ | creme | 10€ |
| água | 1€ | conservas | 1€ |
| sumos | 1€ | conservas | 1€ |
| champo | 5€ | manteiga | 2€ |
| champo | 4€ | iogurte 2 | 2€ |
| sabonete | 2€ | mas | 1€ |
| desodorizante | 10€ | fermifun | 3€ |
| 2 chupachupas | 2€ | colúrio | 3€ |
| chá | 2€ | 2 chupus | 2€ |
| açúcar | 1€ | livros | 5€ |
| água | 1€ | laranjas | 1€ |
| miúdos | 1€ | | |
| leite | 1€ | | |
| café | 10€ | | |
| pastilha-de-dentes | 2€ | | |
| Bico-al | 15€ | | |
| perfume | 30€ | | |
| Total: 93€ | | Total: 34€ + 93€ = 127€ | |

Figura 24 - 1.ª lista dos alunos 3/1 e 2/5

| Produto | Preço |
|-------------------|-------|
| leite | 5€ |
| creme | 10€ |
| perfume | 30€ |
| 4 águas | 4€ |
| sumo | 1€ |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| Total: 50€ | |

Figura 23 - 2ª lista dos alunos 3/1 e 2/5

Após o término da atividade foi realizada com a turma uma reflexão sobre a compra que os grupos realizaram com apenas 50€. Para organizar os dados dos alunos a professora afixa no quadro uma cartolina, na qual estava desenhado um quadro. Neste foi registado o número de produtos comprados por cada grupo, o total da compra efetuada e o valor que sobrou dos 50€ após o pagamento.

O quadro foi completado de acordo com as listas preenchidas pelos alunos durante a atividade e o cálculo do valor que sobrou da compra era efetuado pelos elementos do grupo a quem pertencia a lista. Apesar de no decorrer da atividade este cálculo ter sido realizado no momento em que se dava o troco, alguns alunos ainda sentiram dificuldades em efetuá-lo.

Depois do quadro estar todo preenchido a professora dá início a um pequeno diálogo para que os alunos reflitam sobre o modo como realizaram as suas compras:

Professora: Ao olharem para este quadro o que desperta a vossa atenção?

Aluno 3/2: Que há uma compra só com um produto e que o dinheiro foi todo.

Aluno 3/1: Eu também gastei o dinheiro todo, mas comprei vários produtos.

Professora: E porquê que decidiste gastar o dinheiro todo?

Aluno 3/1: Porque eu e o aluno 2/5 escolhemos os produtos que nós queríamos e como faltava pouco para completar os 50€ gastamos o resto.

Professora: E nas restantes compras o que observam?

Aluno 3/3: Há grupos que comprem mais produtos e no final ainda sobra dinheiro.

Professora: E esses produtos serão mais caros ou mais baratos?

Aluno 3/5: Mais baratos.

Professora: Com a mesma quantia de dinheiro podemos comprar vários produtos ou apenas um.

| Pares | Número de Produtos Comprados | Valor total da compra | Valor que sobrou |
|-------------------------|-------------------------------------|------------------------------|-------------------------|
| Alunos 3/1 e 2/5 | 5 | 50€ | 0€ |
| Alunos 3/3 e 3/5 | 15 | 35€ | 15€ |
| Alunos 3/4 e 2/3 | 17 | 21€ | 18€ |
| Alunos 3/2 e 2/2 | 10 | 37€ | 23€ |
| Alunos 2/6 e 2/7 | 1 | 50€ | 0€ |
| Alunos 2/1 e 2/4 | 19 | 29€ | 21€ |

Quadro 4 - Comparação dos grupos na tarefa 5

Uma vez que houve muitas dificuldades ao nível do cálculo do troco decidi no final, pedir aos alunos que imaginassem que iam receber de troco 15€ e que pensassem como poderiam recebe-lo. Apesar de na atividade demonstrarem dificuldades a este nível os alunos revelaram saber representar de várias formas o troco de 15€, durante o seguinte diálogo:

Professora: Como é que estes 15€ podem ser entregues ao cliente que vai receber o troco, utilizado apenas duas notas?

Aluno 2/5: Uma nota de 10€ e outra de 5€.

Professora: Muito bem. E se o troco for dado com três notas?

Aluno 2/2: Com três notas de 5€.

Professora: Agora pensai com uma nota e o resto em moedas.

Aluno 3/3: 10€ mais duas moedas de 2€ e uma de 1€.

Professora: Pensai em outra maneira de receber este troco com apenas uma nota e o resto em moedas.

Aluno 3/2: Uma nota de 10€ e cinco moedas de 1€.

Aluno 3/3: Uma nota de 5€ e cinco moedas de 2€.

Professora: E se o troco fosse dado todo em moedas?

Aluno 3/5: Quinze moedas de 1€.

Com este diálogo foi possível perceber que os alunos não tem dificuldade ao nível do valor das notas e das moedas, sendo a sua dificuldade o calculo mental.

Com esta atividade os alunos vivenciaram a realidade que hoje em dia todas as pessoas enfrentam, o consumo. Por vezes não somos suficientemente capazes de controlar a nossa vontade de fazer certas compras que surgem no nosso dia a dia, que chegam até nós das mais variadas formas. Foi possível observar e identificar comportamentos que os alunos vivenciam com os seus pais, pois muito do que as crianças são deve-se às suas vivências e exemplos que seguem dos adultos.

O facto de a atividade ser em grupo prejudica a análise de dados, visto que por vezes um elemento do grupo sobressai-se perante o outro, levando-o a seguir atitudes que não tomaria se estivesse sozinho.

Questionário Final

Este questionário tem como principal base o questionário realizado na fase inicial deste estudo, onde foram realizadas algumas alterações com o objetivo de obter informação dos alunos sobre a forma como as atividades realizadas influenciaram a sua visão sobre a Literacia Financeira.

Questão 1- Para que serve o dinheiro?

As respostas que surgiram desta questão incidiram todas no ato de pagar / comprar “coisas”, havendo algumas diferenças no que se refere ao que pode ser pago. Uma das respostas despertou a minha atenção pelo facto de referir o pagamento das despesas comuns a todas as famílias, como o pagamento da água, luz telefone, renda da habitação e pagamentos das despesas alimentares. Para o aluno 3/5 “O dinheiro serve para pagar as compras, a casa, a luz, a água, o telefone, etc.”. A maioria dos alunos referiu o uso do dinheiro para comprar bens essenciais, como produtos alimentares e roupas, que no caso de não serem compradas de forma exagerada não se tornam um bem supérfluo, mas sim algo que é importante para vivermos. Esta constatação surge das seguintes afirmações: “O dinheiro serve para comprar o que nos faz muita falta”, “Serve para comprar comida e roupa” e “O dinheiro serve para comprar coisas no supermercado”. Os restantes alunos referiram que o dinheiro servia para comprar brinquedos,

automóveis e casas. Para uma melhor organização dos dados recolhidos através desta questão, estes foram organizados em categorias e apresentados no gráfico da figura 25.

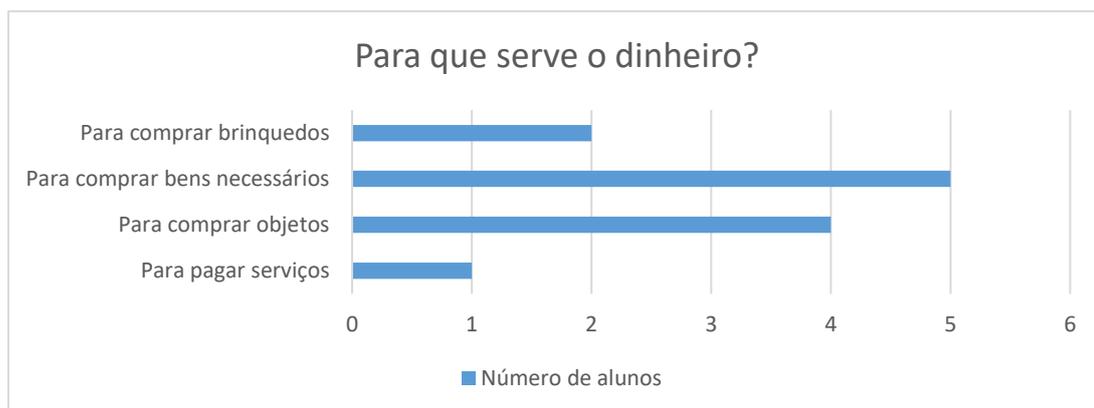


Figura 25 - Para que serve o dinheiro?

Questão 2- Depois de trabalhares, na Educação Financeira, vários catálogos costumam ver os que chegam a tua casa? De que lojas vês?

- 1.ª opção: nunca
- 2.ª opção: sempre
- 3.ª opção: de vez em quando

Dos doze alunos que participaram neste estudo a maioria afirma ver de vez em quando os catálogos publicitários, dois alunos revelam ver sempre e apenas um aluno afirma que nunca vê os catálogos.

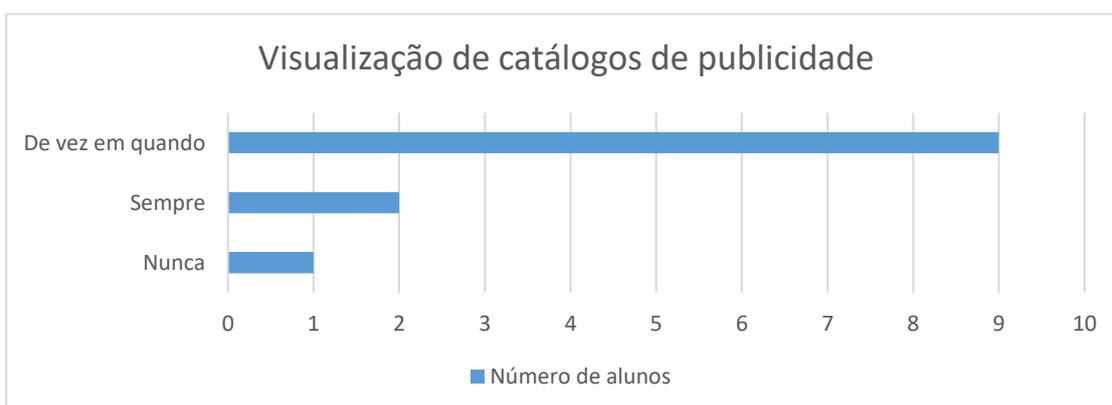


Figura 26 - Costumas ver os catálogos de publicidade?

Relativamente, ao tipo de catálogos com que estes alunos contactam são na sua maioria de supermercados, havendo apenas um aluno que refere catálogos que fazem publicidade às novas tecnologias e outro aluno que tem atenção aos catálogos de lojas de roupa. O aluno que afirmou que nunca vê os catálogos publicitários explica que esta situação deve-se ao facto de

estes não aparecerem na sua caixa de correio. Fica por saber se os catálogos estivessem à sua disposição ele os veria ou não.

Questão 3 – Quando os vês apetece-te sempre comprar alguma coisa? O que gostarias de comprar?

Dos doze alunos participantes, um assinalou que não lhe apeteceia comprar nada quando via os catálogos de publicidade e o que respondeu que nunca via catálogos, não respondeu a esta questão, visto que se não os vê não sabe qual é a sua reação. Os restantes alunos responderam todos que ao ver os catálogos publicitários tem sempre vontade de comprar alguma coisa.

As respostas à segunda parte desta questão foram bastantes variadas. Assim para uma análise mais clara foram agrupadas em categorias e organizadas no gráfico da figura 27.

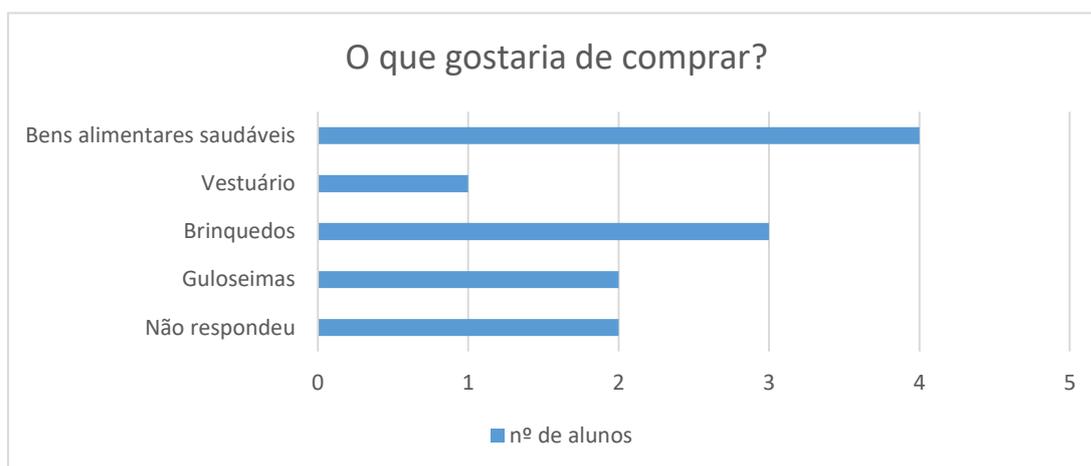


Figura 27 - O que gostarias de comprar?

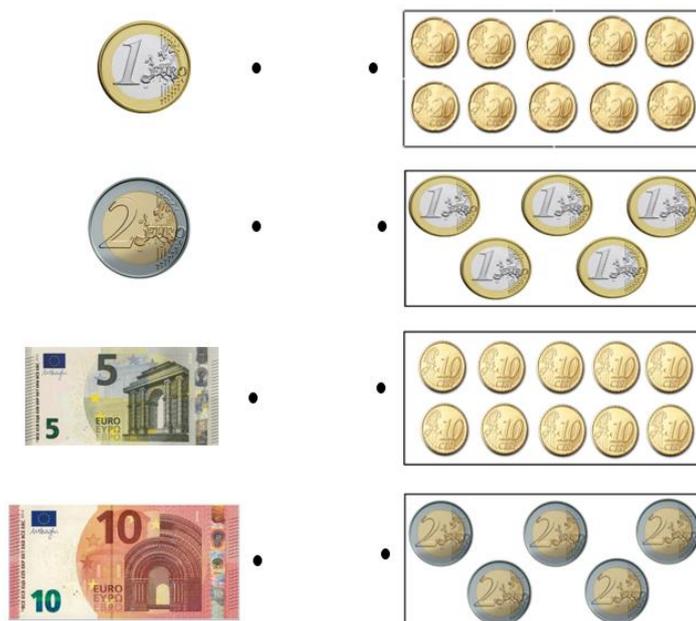
Ao observarmos o gráfico anterior constatamos que apenas quatro elementos do grupo fizeram referência a bens alimentares saudáveis, resposta que foi influenciada pelo trabalho que foi desenvolvido com o grupo. Os restantes elementos referiram que lhes apeteceia comprar “gomas”, “guloseimas”, “uma moto”, “PS Vita” e “uma pistola de brincar”, tudo produtos que podem ser considerados como uma despesa supérflua.

Questão 4 – Conheces bem a moeda oficial do teu país? Qual é o seu nome?

Ao analisar esta questão verifico que metade dos participantes responde corretamente, afirmando que conhece bem a moeda oficial do seu país que tem como nome euro. Os restantes alunos responderam que a moeda oficial era a moeda de 1€. Esta resposta resulta do momento

em que um aluno diz em voz alta que a moeda do seu país é a moeda de 1€, situação que influenciou metade dos elementos do grupo.

Questão 5 - Esta questão pedia para os alunos ligarem as notas e as moedas de modo a obterem equivalências corretas:



Nesta questão todos os alunos realizaram as equivalências corretamente.

Questão 6 – Imagina que tens 20 euros. Rodeia os objetos seguintes que comprarias com esse dinheiro. Não precisas de gastar o dinheiro todo. Escreve todos os cálculos que fizeste.



Na resolução desta questão apenas o aluno 3/3 gastou no total 20€. Ao visualizar a sua resolução verifiquei que inicialmente o aluno tinha selecionado o brinquedo que custava 20€ e só

depois refletiu e decidiu selecionar vários produtos até atingir os 20€. Esta mudança do aluno não se deveu a nenhuma chamada de atenção, pois o questionário era feito de forma individual, a professora só intervinha no caso de surgirem dúvidas nas questões. Não eram feitas observações das respostas que os alunos davam. Assim, esta resposta mostra a reflexão do aluno em relação a todo o trabalho desenvolvido. A compra com o valor mais baixo, 5€, foi obtida pelo aluno 2/2 que selecionou dois produtos alimentares saudáveis e um livro. Os alunos que na questão anterior referiram que gostavam de comprar guloseimas mantiveram essa vontade, acrescentando também outros produtos. O aluno 3/1 acrescentou na maioria à sua compra bens alimentares saudáveis, por outro lado o aluno 2/5 acrescentou mais produtos com elevado teor de açúcar, juntando apenas um alimento saudável. Este último aluno para além de calcular o total da sua compra calculou também o que sobrou dos 20€ que tinha para gastar, mostrando preocupação em gerir o rendimento que tem.

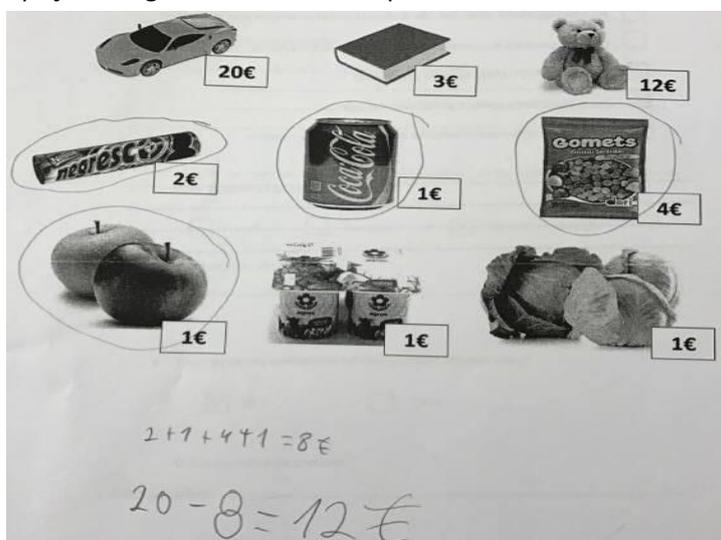


Figura 28- Evidência do aluno 2/5

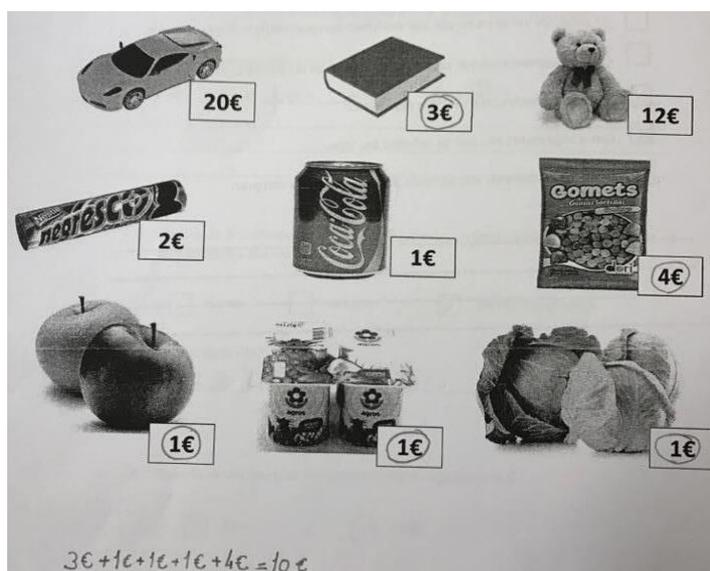


Figura 29- Evidência do aluno 3/1

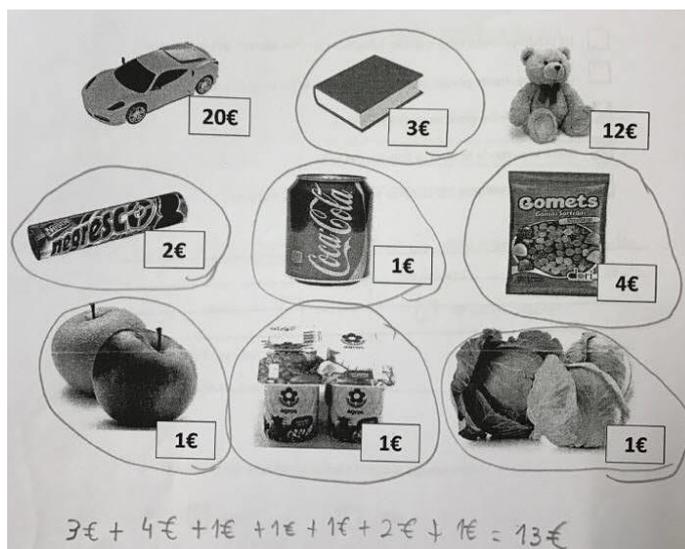


Figura 30- Evidência do aluno 3/2

Quatro alunos gastaram no total 13€ com as suas compras selecionando exatamente os mesmos produtos. Estes alunos (2/1, 2/7, 2/4 e 3/2) foram os que conseguiram comprar mais produtos sem gastar na totalidade 20€.

Ao analisar todas as respostas a esta questão verifico que todos os alunos selecionaram pelo menos um alimento saudável, pois trata-se do produto mais barato. Verifico também que ninguém escolheu o brinquedo que custava 20, optando por comprar uma maior variedade de produtos. Estas atitudes foram influenciadas pela reflexão feita no final da tarefa cinco, na qual foram comparados o número de produtos comprados com o valor gasto.

Questão 7 - O que é que aprendeste com a Educação Financeira?

Opção 1 - Os alimentos mais saudáveis são mais baratos que os alimentos que devemos evitar.

Opção 2 - Há produtos muito caros que não podemos comprar sempre que quisermos.

Opção 3 - Que é importante poupar para poder comprar certos produtos mais caros.

Opção 4 - A usar o dinheiro como meio de pagamento.

Opção 5 - Que é importante analisar os folhetos das lojas.

Opção 6 - A analisar os folhetos das compras para decidir o que comprar.

Nesta questão os alunos tinham que assinalar a opção que estava de acordo com as suas aprendizagens. Durante a entrega dos questionários foi explicado ao grupo que podiam selecionar as opções que quisessem, não sendo necessárias assinalar todas nem apenas uma.

Apenas o aluno 3/3 assinalou uma opção, os restantes alunos assinalaram mais do que uma opção, não havendo nenhum aluno que assinalasse todas as opções. O gráfico seguinte revela a frequência com que cada uma das opções foi selecionada.

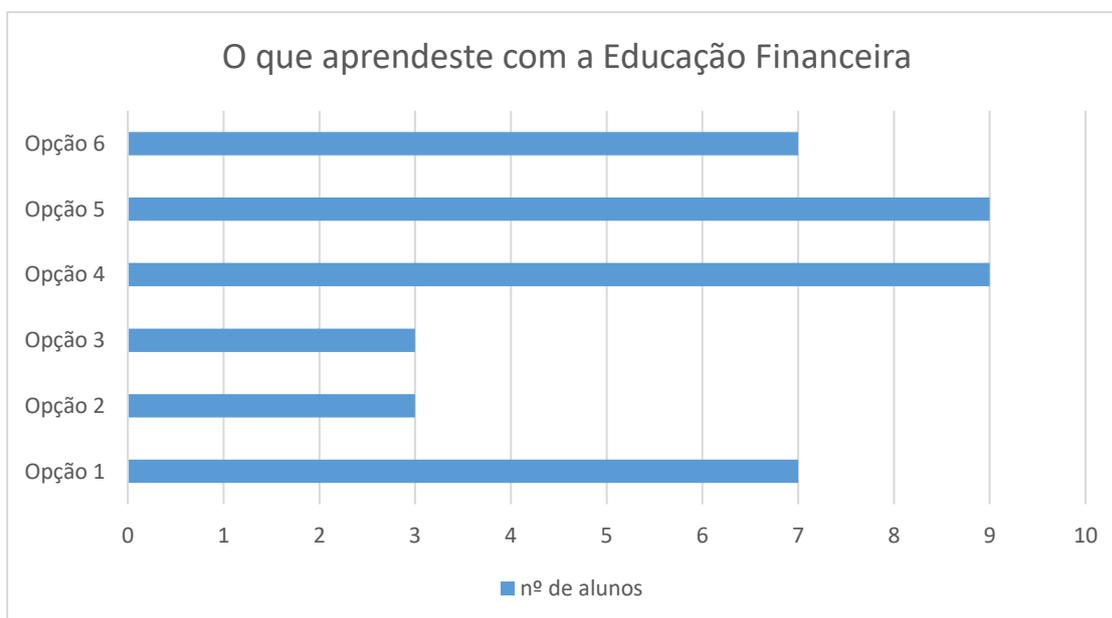


Figura 31 - O que aprendeste com a Educação Financeira?

De acordo com os objetivos delineados para o presente estudo, constato que os alunos captaram o que era pretendido com o plano de tarefas delineado. A maioria dos alunos revelou que com a Educação Financeira aprendeu a usar o dinheiro como meio de pagamento, que é importante analisar os folhetos das lojas para decidir o que comprar e que os alimentos mais saudáveis são mais baratos que os alimentos que devemos evitar. Uma pequena parte dos alunos aprendeu que existem produtos muito caros que não podem ser comprados sempre que quisermos e que é importante poupar para comprar esses produtos. O ato de poupar esteve subentendido nas tarefas planificadas, no entanto houve alunos que captaram essa mensagem.

Para além da seleção das opções foi dado um espaço para os alunos exporem outras ideias do que aprenderam, mas apenas dois alunos usufruíram desta oportunidade. O aluno 3/5 revelou que “ nós aprendemos também a poupar dinheiro” e o aluno 3/2 afirma que aprendeu “A poupar dinheiro para aquilo que nos faz muita falta”, porém não foram estes os alunos que selecionaram a opção referente à importância de poupar.

Comparação dos questionários

O questionário final teve como principal objetivo perceber de forma este estudo influenciou o conhecimento dos alunos no que se refere à Literacia Financeira. Assim, o segundo questionário teve como base de construção o questionário inicial, onde foram acrescentadas algumas questões pertinentes e mantiveram-se as questões às quais as respostas dos alunos podiam modificar após este longo caminho percorrido.

Nesta secção será feita uma comparação entre as questões que se mantiveram em ambos os questionários, para perceber se houve alguma evolução significativa nas aprendizagens dos alunos.

Questão 4 do questionário inicial/ Questão 1 do questionário final – Para que serve o dinheiro?

O gráfico seguinte evidência as diferenças nas resposta dos alunos entre os dois questionário.

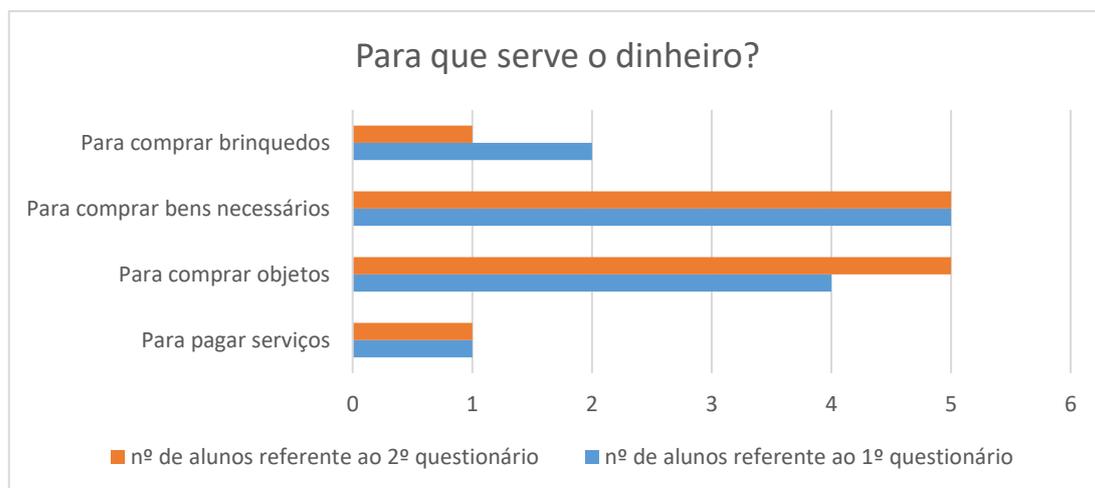


Figura 32 - Para que serve o dinheiro?

Ao analisarmos melhor o gráfico verificamos que houve uma pequena descida no número de respostas que não referiam em concreto o que poderia ser comprado com o dinheiro, referindo apenas que servia para comprar “coisas”. Outra categoria onde se revelam diferenças é a que se refere à compra de brinquedos, que ao contrário do que era esperado aumentou o número de alunos que assinalam esta como uma função do dinheiro. Na categoria referente ao pagamento de serviços manteve-se o mesmo número de alunos, sendo apenas um, que ao verificar os questionários constatamos que se trata do mesmo aluno. Por último, temos

a categoria relativa à compra de bens necessários, onde não há diferença no número de alunos que referem que o dinheiro serve para “comprar comida” ou para “pagar as coisas no supermercado”. No momento de análise do primeiro questionário foi dada ênfase a esta situação, pois não era esperado que uma grande parte dos alunos valorizasse a compra de produtos essenciais para o nosso dia a dia, o que revela sensibilidade por parte destes.

Questão 1 da parte II do questionário inicial / Questão 4 do questionário final – Conheces bem a moeda oficial do teu país? Qual é o seu nome?

No primeiro questionário apenas três alunos afirmaram não conhecer a moeda do seu país, no entanto um destes alunos soube mencionar corretamente o seu nome. Deste três alunos, dois conseguiram realizar todas as equivalências, na questão seguinte, o que demonstra que conhecem bem a moeda, mas não sabem o seu nome.

Relativamente ao segundo questionário verificou-se que apenas metade dos participantes respondeu corretamente à questão, pois os restantes alunos afirmam que a moeda oficial do seu país é a moeda de 1€. Com já foi mencionado esta resposta resulta do momento em que um aluno diz em voz alta que a moeda do seu país é a moeda de 1€, situação que influenciou metade dos elementos do grupo.

Após o trabalho feito com este grupo era de esperar que o número de respostas corretas a esta questão aumentasse, mas não foi o que aconteceu. Do primeiro questionário para o segundo o número de respostas erradas aumentou o dobro.

Questão 2 da parte II do questionário inicial / Questão 5 do questionário final - Esta questão pedia para os alunos ligarem as notas e as moedas de modo a obterem equivalências corretas.

No primeiro questionário apenas metade dos participantes realizou as equivalências corretamente, enquanto no segundo questionário todos os alunos fizeram corretamente as equivalências. Esta é uma evolução bastante notória, pois durante a implementação da primeira tarefa verificou-se novamente que os alunos revelavam muitas dificuldades a este nível. Assim, podemos afirmar que o trabalho que foi desenvolvido ao nível das aprendizagens sobre o valor das notas e das moedas foi muito positivo, pois todos os alunos conseguiram ultrapassar esta dificuldade.

Questão 3 da parte II do questionário inicial / Questão 6 do questionário final – Esta questão sofreu algumas alterações, tendo em conta todo o trabalho desenvolvido.

De acordo como os resultados obtidos no primeiro questionário, e após um conhecimento mais aprofundado do grupo de alunos, foram realizadas algumas alterações nesta questão. Uma das alterações foi o preço de um dos produtos, para que fosse dada a oportunidade aos alunos de escolherem um produto no qual gastariam os 20 euros, não sobrando dinheiro para comprar/ escolher outro objeto. Para além da modificação do preço foram acrescentados mais produtos, que se tratavam de bens alimentares com preço acessível e importantes na nossa alimentação. A forma como a questão estava estruturada foi modificada. Inicialmente era pedido aos alunos que rodeassem os objetos que poderiam comprar com 20 euros. Posteriormente foi proposto que rodeassem os objetos que comprariam, sendo também reforçada a ideia de que não precisavam de gastar todo o dinheiro. Esta última alteração referida foi bastante importante, uma vez que a maioria dos alunos no primeiro questionário gastou os 20€ na totalidade. Outras alterações foram o acréscimo de novos produtos, mais concretamente bens alimentares saudáveis e com preços baixos, a alteração do preço de um brinquedo de modo a que fosse possível gastar todo o dinheiro em apenas um produto e por último foi retirado a bola.

Ao observarmos com atenção os questionários podemos constatar uma grande evolução nas respostas obtidas. No segundo questionário todos os alunos compreenderam o que lhes era pedido não havendo nenhuma resposta errada. Ao contrário do que aconteceu no primeiro questionário, em que a maioria dos alunos gastou todo o dinheiro disponível, no segundo questionário apenas o aluno (3/3) escolheu produtos que totalizaram os 20€. O aluno 2/5 revelou uma evolução muito grande, pois neste último questionário demonstrou preocupação em não gastar todo o dinheiro disponível e em calcular o dinheiro que sobrou no final da sua compra.

CONCLUSÕES

Nesta secção são apresentadas as conclusões do estudo, dando resposta às questões orientadoras definidas no início, bem como aos seus objetivos. Será feita uma análise da proposta de trabalho implementada, no sentido de identificar as suas limitações, como também apresentar algumas ideias para investigações futuras.

Com o decorrer do tempo a sociedade cada vez mostra mais preocupação em saber gerir os seus rendimentos. Sendo a literacia financeira a capacidade para tomar decisões informadas e ponderadas, no que diz respeito à gestão do dinheiro. A Educação Financeira é o processo pelo qual as pessoas aprendem a tomar essas decisões. Este é um processo bastante complexo que deve ser iniciado desde idades precoces, onde são dadas as ferramentas necessárias para os alunos se tornarem cidadãos capazes de gerir e poupar os seus rendimentos.

De acordo com a revisão de literatura, a Educação Financeira é o método através do qual a criança cria as bases, para que no seu futuro tenha a capacidade de estabelecer uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro (D' Aquino, 2008). Neste sentido tornou-se emergente a integração da Educação Financeira no meio escolar, visto que a Educação Financeira vai muito mais além do que a mera aprendizagem do valor do dinheiro e da forma como o devemos gerir.

O consumo é um ato cada vez mais ativo e presente na sociedade atual, sendo um problema que deverá ser ultrapassado. A sociedade é muito influenciada pela publicidade, onde é persuadida a consumir os mais variados produtos. Com a evolução da sociedade de consumo, a publicidade também acompanhou esta evolução tornando-se mais diversificada e objetiva. A publicidade de um determinado produto é criada tendo em conta o grupo etário a que se destina, indo ao encontro do que lhe desperta a atenção. Por exemplo, quando se trata de uma publicidade que tem como público-alvo as crianças, esta é acompanhada por músicas e cores bastante apelativas.

As crianças assumem cada vez mais cedo o papel de consumidores, pois estão muitas vezes expostas a esse mundo. A publicidade, com a qual somos confrontados todos os dias, é um dos principais fatores desta situação. Com este estudo pretendeu-se desenvolver o conhecimento dos alunos sobre educação financeira e um olhar crítico no que concerne à publicidade. Para orientar o estudo foram definidas as seguintes questões: 1) Que conhecimentos manifestam os alunos sobre a Educação Financeira?; 2) Em que aspetos se focaram quando analisaram a publicidade?; 3) Em que se baseiam os alunos para tomar

decisões?; 4) Que significados atribuíram os alunos aos conceitos trabalhados?. Com a sequência de tarefas desenhada pretendeu-se ajudar os alunos a alcançar os seguintes objetivos: Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”; Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas; Compreender a noção de rendimento; Compreender a moeda enquanto meio de pagamento; Simular pagamentos e efetuar trocos com notas e moedas; Reconhecer a importância de notas e moedas para adquirir bens; Reconhecer criticamente a compra por impulso; Analisar publicidade; Tomar decisões fundamentadas. Segue-se uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido, com base no problema e nas questões orientadoras, que dão forma às conclusões do presente estudo.

Relativamente à primeira questão – *Que conhecimentos manifestam os alunos sobre a Educação Financeira?* – com a análise do primeiro questionário constatei que os alunos não contactam com o dinheiro no seu dia a dia. O facto de os alunos não terem a oportunidade de manusear livremente o dinheiro e de vivenciarem situações que implicam o seu uso, faz com que estes não adquiram aptidões importantes para o seu futuro financeiro. Todos os participantes tinham um mealheiro para guardarem o dinheiro que recebiam, contudo apenas três alunos utilizam esse dinheiro para comprarem algo que desejavam. Assim, não é dada a oportunidade aos alunos para fazerem as suas próprias escolhas, tomarem as suas decisões, seja de forma ponderada ou não. Se não for dada a oportunidade às crianças para gerirem o seu dinheiro, esta nunca tomará consciência de como o deverá fazer, pois nunca teve oportunidade para errar e refletir sobre o seu erro e como deverá fazer numa próxima situação. De acordo com D´Aquino (2008), o processo de educar financeiramente as crianças deve abranger quatro grandes áreas relativamente ao dinheiro: como ganhar, como poupar, como gastar e também como doar. O ato de gastar implica diretamente a ação de fazer escolhas e escolhas informadas, capacidade que pode ser trabalhada muito antes do contacto com o dinheiro.

Aquando da realização do questionário os alunos revelaram muitas dificuldades na realização da questão que envolvia o conhecimento do valor do dinheiro, o que é compreensível visto que os alunos não manipulam o dinheiro com regularidade. Assim, a primeira tarefa foi pensada e desenvolvida como intuito de ultrapassar esta dificuldade. Esta tarefa revelou resultados muito positivos, o que foi bastante benéfico para a realização das restantes tarefas.

Os alunos demonstraram não ter noção do custo dos vários produtos que foram abordados nas diferentes tarefas. Isto demonstra que apesar de irem com frequência ao supermercado, não prestam atenção ao preço dos produtos escolhidos pelos adultos, nem são incentivados a tomar atenção a este assunto. Cada vez mais cedo as crianças estão em contacto com o ato de consumir, principalmente quando observam o ato de compra dos pais. A criança começa a perceber que através do dinheiro é possível obter objetos que desejam (D´Aquino,

2008). A maioria das crianças demonstra sempre vontade em ter algum brinquedo ou objeto, não sabendo por vezes distinguir a diferença entre “necessitar” e “querer”.

A segunda tarefa desenvolvida fez face a esta dificuldade, tendo com objetivo distinguir e exemplificar despesas necessárias e supérfluas. Esta tarefa consistia em encontrar os alimentos de cada um dos grupos estabelecidos, o dos alimentos essenciais para a nossa alimentação e os que devemos evitar, e identificar o seu preço num catálogo de publicidade. Ao calcularem o valor de cada grupo, os alunos logo constataram que os alimentos essenciais eram mais baratos que os alimentos que devemos evitar comer. Compreenderam também que a compra de alimentos importantes para a nossa alimentação é uma despesa necessária e que a compra de alimentos que devemos evitar consumir é uma despesa supérflua que pode ser evitada.

No que diz respeito à segunda questão – *Em que aspetos se focaram quando analisaram a publicidade?* - verifiquei que os alunos manifestavam mais interesse pelos catálogos de cores vivas e de produtos que estavam ligados ao entretenimento e aos alimentos com alto teor de açúcares. Este grupo de alunos referiu que por vezes via os catálogos publicitários e que tinham sempre vontade em comprar algum produto. Como referido na revisão de literatura, a publicidade possui um forte poder em persuadir as pessoas a comprar o produto que anuncia e que talvez nem necessitem.

As novas tecnologias são umas das grandes responsáveis pela grande evolução da sociedade no que diz respeito ao ato de consumo. Estas proporcionam uma maior facilidade de compra, como também apresentam publicidades que aliciam para esse ato (Lampreia, 1995).

Na terceira tarefa, os alunos ao analisarem os catálogos para escolherem os produtos para a sua lista de compras centraram-se nos computadores, nos telemóveis, nos materiais escolares com cores mais vivas e em produtos alimentares que fazem parte do seu dia a dia, como por exemplo cereais, bolachas, chocolates, frutas entre outros. Ao realizarem a primeira lista de compras os alunos demonstraram muito entusiasmos pelos produtos presentes no catálogo, querendo adquirir a maior parte. Esta compra por impulso de algum produto é muito característica da sociedade atual e é necessário ter em atenção os fatores que contribuem para estes hábitos de consumo. A linguagem utilizada na publicidade passa muito além da simples descrição física do produto, esta pretende ativar o imaginário do consumidor. Com esta tarefa foi possível estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”, visto que, durante a análise feita em grande grupo, da primeira lista de compras os alunos foram questionados sobre o porquê da escolha de determinado objeto. Foram obtidas respostas como “eu tinha todo o dinheiro do mundo” ou “porque eu quero ter um telemóvel” e perante estas respostas os alunos foram confrontados com a questão “Tu realmente precisas desse objeto?”. Com esta questão

os alunos refletiram e demonstraram perceber que tudo o que escolheram eram objetos que queriam ter, mas que não necessitavam.

A quarta tarefa incidia sobre a construção de um catálogo de publicidade, onde os alunos tiveram a oportunidade de observarem algumas das suas características. Os alunos referiram características como a decoração apelativa, com cores vivas e variadas, ao destaque dos preços e às palavras “descontos” e “promoções” escrita com letras grandes e cores vivas. Na criação do nome para a loja fictícia e do seu *slogan* os alunos foram bastante criativos e demonstraram perceber que num supermercado o apelo aos preços baixos é o que desperta a atenção do consumidor.

A terceira questão orientadora - *Em que se baseiam os alunos para tomar decisões?* – dá continuidade à questão anterior sobre o poder de persuasão da publicidade. A maioria das crianças passa o seu tempo livre a ver televisão através da qual existe um contacto permanente com a publicidade e com o mundo perfeito que esta cria. Como não é possível proibir o contacto da criança com a publicidade a solução é ajudá-la a adquirir as capacidades necessárias para interpretar e seleccionar a informação que lhe é transmitida (Cádima,1997). Esta capacidade para interpretar e descodificar uma informação está diretamente ligada à capacidade de escolha e de tomada de decisão crítica.

Na última tarefa “Mercadinho” os alunos vivenciaram a experiência de uma ida a um supermercado, onde teriam que decidir entre os vários produtos expostos os que queriam comprar. Com esta tarefa os alunos tiveram que tomar decisões relativamente a compra dos produtos, ponderando o seu preço, as suas características e a quantia de dinheiro disponível para gastar. Na primeira vez que os alunos foram às “compras” o dinheiro que podiam gastar não era limitado, ao contrário do que ocorreu na segunda vez que realizaram esta tarefa. Foi bastante notória a mudança de atitude dos alunos perante estas duas situações. Na primeira os alunos escolhiam os produtos sem ponderarem o seu preço pensando por vezes se era um produto interessante ou não. Os alunos revelaram uma atitude consumista, visto que a sua preocupação não era ver se o dinheiro era suficiente, mas sim comprar o maior número de produtos. Na segunda vez que realizaram a tarefa já demonstraram maior preocupação com o preço dos produtos que tencionavam comprar e ponderavam, entre o par, se o produto em questão era realmente importante e necessário. Durante toda a tarefa o entusiasmo dos alunos era notório o que influenciou a forma como se comportaram.

Após a implementação desta proposta didática e da análise de todos os dados é importante refletir sobre o seu impacto para este grupo de alunos. A proposta didática implementada foi desenhada tendo em conta que se tratava de um grupo com dois níveis de escolaridade, mais concretamente 2.º e 3.º ano, que se encontravam no início do ano letivo. O

facto de o grupo de participantes ser tão heterogéneo dificultou o seu planeamento, uma vez que as tarefas propostas não podiam ser demasiado complexas nem demasiado simples. Ao longo da realização das tarefas foi possível constatar que as tarefas propostas foram adequadas a todos os participantes, na medida em que o 2.º ano conseguiu acompanhar todos os desafios que também eram motivadores para o 3.º ano.

Através da análise dos dois questionários foi possível constatar que houve uma evolução notória nos conhecimentos dos alunos no que se concerne à Literacia Financeira. Esta evolução também foi bastante notória de tarefa para tarefa, mais concretamente na última tarefa. Na sua “ida às compras” os alunos não optaram apenas por brinquedos e por outros produtos do seu interesse, mas escolheram também legumes, frutas e outros bens necessários para o nosso dia a dia. Esta atitude revela a sensibilidade que os alunos adquiriram sobre a diferença entre o que é necessário e o que é supérfluo. Também foi notória a evolução do conhecimento dos alunos perante o valor das notas e das moedas, no momento em que se preparavam para pagar as suas compras. A dificuldade que surgiu no cálculo do troco não teve origem na falta de conhecimento sobre o valor do dinheiro, mas sim nas dificuldades deste grupo face ao cálculo mental.

Após esta intervenção podemos afirmar que o grupo de participantes ficou desperto para os assuntos que foram abordados, mais concretamente a publicidade e o consumismo. Os alunos alcançaram algumas bases importantes no que se refere ao poder de manipulação da publicidade, pois tiveram a oportunidade para analisá-la e conhecê-la melhor. Contudo, posso afirmar que para surgirem resultados mais visíveis era necessário desenvolver uma proposta de tarefas mais extensa, que conseqüentemente necessitaria de mais tempo para ser implementada o que não foi possível. Educar a crianças para ter capacidade de tomar decisões pode e deve começar desde muito cedo, para que futuramente possa fazer escolhas acertadas, conscientes e informadas.

A Educação Financeira é o método através do qual a criança cria as bases, para que no seu futuro tenha a capacidade de estabelecer uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro (D´ Aquino, 2008).

Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações

Ao longo desta investigação foram detetadas algumas limitações, que influenciaram o desenvolvimento deste estudo. O facto deste estudo ser desenvolvido no âmbito da PES II foi uma das principais limitações, uma vez que a proposta didática teve que ser planeada tendo em conta a sua organização. A Prática de Ensino Supervisionada II é realizada ao longo de doze semanas, mas como a intervenção pedagógica é repartida com o par pedagógico, em regime de

alternância semanal, existem apenas seis semanas para a realização da proposta didática o que é muito pouco tendo em conta a extensão do tema escolhido. O facto de o trabalho não ser contínuo prejudica o seu desenvolvimento pois torna-se difícil para os alunos interligarem os conceitos abordados em cada uma das tarefas.

Tratando-se de uma turma constituída com dois níveis de escolaridade, foi outra das limitações encontradas. O duplo papel de professor e investigador e com pouca experiência foi uma das maiores dificuldades a ser ultrapassadas, pois a par do planeamento da proposta didática estava também o planeamento das aulas em função dos conteúdos a trabalhar, presentes nos currículos do 2.º e 3.º ano.

Para além destas limitações transversais à maioria dos estudos realizados no âmbito dos mestrados profissionalizantes de educação, surgiram limitações consequentes do tema trabalhado. A Educação Financeira em idades tão precoces, em Portugal, é um tema muito pouco explorado em que ainda estão a ser dados os primeiros passos. Neste sentido, a falta de formação do professor-investigador relativamente a este tema tornou-se outra dificuldade no desenvolvimento deste estudo.

Após a leitura de vários autores acerca deste tema e da implementação e análise das tarefas, reflito que a intervenção da família neste estudo seria uma mais-valia. A família é a base de bem-estar para qualquer criança em crescimento físico e intelectual, é nela que a criança revê o seu exemplo como futuro cidadão. De acordo com D ' Aquino (2008), os pais são os principais modelos a seguir para as crianças, pelo que não basta apenas falar no que é mais certo fazer, mas é necessário que se implementem essas ideias. Além disto, é com a família que a criança é mais vezes confrontada com situações que envolvem o dinheiro.

Para futuros estudos que abordem este tema uma das ideias que poderia ser implementada seria a envolvência da família no estudo. Podia ser criada uma plataforma onde houvesse um espaço disponível para os pais exporem as suas dúvidas e onde o professor investigador pudesse expor todo o trabalho desenvolvido e o que que a família poderia fazer para lhe dar continuidade. Assim seria possível realizar um trabalho mais completo e com resultados mais visíveis.

CAPITULO III – REFLEXÃO FINAL DA PES I E PES II

Reflexão final da PES I e PES II

Este Capítulo é dedicado a uma reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada I e II, fazendo um balanço entre os pontos fracos e os pontos fortes desta experiência. Refletir é a ação mais presente no dia-a-dia de um Educador/ Professor, o que se refletiu ao longo de todo o meu estágio. É tão importante refletir sobre os nossos pontos fracos como também sobre os nossos pontos fortes, pois ao pensar sobre o que é que correu menos bem e o que poderia ser melhorado e alterado, estamos a crescer profissionalmente, mas para continuar a percorrer este caminho com força e ânimo é essencial valorizar o nosso trabalho. Com este percurso aprendi que para ultrapassarmos as nossas dificuldades com sucesso é necessário trabalho em equipa, aprender a evoluir com os nossos colegas, a partilhar experiências e captar os conselhos que nos são dados. Assim, tornou-se essencial a realização deste estágio em par, pois permitiu a realização de diálogos construtivos, que me ajudaram a olhar para a minha prática de outra forma. Ao planificar em equipa tornou este percurso mais interessante e desafiador. Discutir qual a melhor forma para implementar um dada atividade, permitiu na maioria das vezes que esta se tornasse mais rica e desafiadora. Torna-se assim importante aprender a trabalhar em grupo, a partilhar ideias, e melhorar e a sofisticar as nossas próprias ideias para que o nosso percurso formativo tenha mais sucesso. Centrando agora na Prática de Ensino Supervisionada I, posso afirmar que foi uma experiência que me fez crescer tanto a nível profissional como pessoal. Inicialmente, tive a oportunidade de observar, por um período de duas semanas, as rotinas do grupo, as atividades que eram realizadas, como se organizavam enquanto estavam a brincar livremente pelas áreas e a forma como a educadora orientava o grupo para as diferentes tarefas e atividade. Esta oportunidade foi crucial para a realização das planificações, pois pode conhecer melhor o grupo, quais as suas dificuldades, quais as áreas que lhes despertava mais a atenção e o que era mais importante trabalhar, para que este tivesse mais sucesso no seu percurso. O grupo de crianças com quem trabalhei tinha idades compreendidas entre os três anos e os seis anos, sendo um grupo bastante heterogéneo e com vários níveis de aprendizagem. Por vezes, esta situação complicou a planificação das atividades, mas desta forma tornou-se mais desafiante e ajudou a arranjar estratégias para ultrapassar as dificuldades que foram sentidas e as que poderão surgir. O facto de implementar um projeto de empreendedorismo revelou-se bastante importante para a dinamização do dia-a-dia das crianças, como também para as suas aprendizagens. A sequência de atividades realizadas neste âmbito foram programadas consoante os interesses das crianças, sendo assim, para mim um grande desafio realizar este projeto. Este grupo já tinha realizado no ano anterior um projeto semelhante, contudo mostraram pouca criatividade na sugestão de ideias, estando sempre à espera de um

feedback por parte da educadora. Em todas as atividades programadas para este projeto, as crianças mostravam bastante interesse, pois sentiam que o seu esforço e empenho faziam a diferença. Ao longo desta experiência fui apercebendo de algumas lacunas que surgem na Educação Pré-escolar, como por exemplo a preocupação em preparar o melhor possível a criança para o 1º ciclo. Este tipo de situação leva a que certas áreas sejam menos trabalhadas, como é o caso das expressões, o que se refletiu em algumas das atividades que tinham como objetivo estimular a criatividade. Com a sequência de atividades que foi proposta foi possível interligar as várias áreas e fazer com que cada criança acreditasse mais em si e no que é capaz. Este sentimento é a principal base para uma criança bem-sucedida no seu percurso ao longo da vida. Refletindo agora sobre a experiência no contexto do 1º ciclo considero que esta me ajudou muito a crescer profissionalmente e pessoalmente. Inicialmente, fiquei com receio desta escola, pois é um contexto difícil, com alunos de classes sociais desfavorecidas. Contrariamente ao que era esperado tornou-se uma experiência muito enriquecedora e o contexto com o qual construí as bases necessárias para iniciar o meu percurso como professora. Trabalhar com uma turma tão heterogênea foi um grande desafio, com o qual aprendi a contornar vários obstáculos que foram surgindo. A turma com a qual realizei este estágio era composta por um grupo de alunos do 3º ano e por outro grupo do 2º ano. No grupo do 2º ano haviam duas alunas com NEE, que se encontravam ao nível do 1º ano. Era realizado um trabalho individualizado com ambas, sendo que apenas uma começou a fazer algumas atividades com os restantes alunos do 2º ano. A heterogeneidade de uma turma é algo que nos vai acompanhar durante toda a nossa carreira, pois cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem, as suas dificuldades e os seus conhecimentos. Contudo, neste grupo de alunos essa diferença era mais visível e por vezes a gestão do tempo e do grupo era muito difícil. Para contornar esta situação optava por planificar algumas aulas em que, o conteúdo abordado era comum para os dois anos, tendo sempre o cuidado de propor ao 3º ano atividades mais complexas. Quando pretendia abordar um conteúdo mais específico para um dos anos, dava atividades para o outro grupo fazer de forma autónoma, no entanto surgiam sempre dúvidas que deveriam ser esclarecidas. Estas dificuldades encontradas foram ultrapassadas com muito esforço e principalmente com a cooperação do meu par de estágio e da Professora titular da turma. O trabalho que foi desenvolvido em grupo para contornar todos os obstáculos, prova que é importante a interação entre o corpo docente, a partilha de experiências e a preparação de atividades para realizar com toda a escola, como por exemplo as festas de final de período. Na escola onde decorreu o meu estágio havia mais colegas estagiárias nas outras turmas e próximo do final do período foi nos proposto a participação na organização e preparação da festa de Natal. O trabalho desenvolvido por todos os pares de estágio em colaboração com todos os professores, refletiu-se no sucesso

da festa e no empenho que os alunos demonstraram pelo seu trabalho. Como referi anteriormente, as semanas de observação do grupo e da forma de trabalho do professor cooperante foi muito importante para iniciar o estágio. Para planificar é importante conhecer bem o grupo com o qual vamos trabalhar, saber quais são as áreas curriculares que mais lhes agradam, as suas dificuldades, os conhecimentos que já adquiriram e como se comportam ao longo do dia, em qual parte do dia estão mais concentrados. Como a minha experiência era nula tornou-se essencial observar um modelo com experiência para captar o máximo de informação possível que me ajudasse futuramente nas minhas implementações. Os feedbacks dados pela professora cooperante, tanto sobre a minha prática como a prática de minha colega era muito relevantes para a minha reflexão. Pensar como é que podia melhorar e corrigir os meus erros foi crucial para o desenrolar desta experiência. Estas duas experiências deram-me a oportunidade de crescer como futura profissional da educação, refletido sobre o que é necessário para ser um bom educador/professora e os erros que não devemos cometer, contudo ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L., & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Afonso, J. (2001). Escola e Cidadania. Em M. Barbosa (Ed.), *Educação do Cidadão, Recontextualização e Redefinição*, pp. 55/73. Braga: APPACDM DE BRAGA.
- Afonso, M. R. (2004). Educação para a Cidadania em Portugal. Em I. Canhoto & M. L. S. Mendes (Coord.), *Flexibilidade Curricular, Cidadania e Comunicação*, pp. 449/467. Lisboa: Colibri Artes Gráficas.
- Banco de Portugal. (2011). *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa*. Lisboa.
- Barbosa, M. (2001). Educar para a Cidadania em Ambiente Escolar: Recontextualização e Redefinição da Missão do Professor. Em M. Barbosa (Ed.), *Educação do Cidadão, Recontextualização e Redefinição*, pp. 75/98. Braga: APPACDM DE BRAGA.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Cádima, F. R. (1997). *Estratégias e Discursos da Publicidade*. Lisboa: Vega.
- Campos, M. B. (2012). *Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: uma análise da produção de significado*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Carvalho, A., Tavares, C. & Sequeira, S. (2012). Práticas criativas transversais para o ensino básico. Acedido em 14 abril de 2016: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/viewFile/1367/1300>
- Ciência, E. M. (2013). *Referencial de Educação Financeira para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico, o Ensino Secundário e a Educação e Formação de Adultos*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Coutinho, C. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 5 - 15. Obtido em 19 de agosto de 2016, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7884/1/005a015_ART01_Coutinho%5Brev_OK%5D.pdf
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Couto, F. M. (2013). *Literacia Financeira e Empreendedorismo*. Porto: Faculdade de Economia.
- D'Aquino, C. (2008). *Educação Financeira: como educar o seu filho*. Rio de Janeiro: Campus.
- Decreto-Lei n.º134/2012, de 5 de julho. *Formação pessoal e social dos alunos*. Diário da República –Série I – A. N.º129.
- Dottrens, R. (1960). *A classe em acção*. Editorial Estampa.

- Erickson, F., (1986). *Qualitative methods in research on teaching*. Acedido em 5 de julho de 2016: http://courses.education.illinois.edu/ci550/course_materials/Frederick_Erickson_Article.pdf
- Fernandes, D. T. (2011). *Acerca da Literacia Financeira*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Ferreira, A. M. (2015). *Educação Financeira e Matemática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Hernández Sampieri, R., Fernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: McGrawHill.
- Lampreia, J. M. (1995). *A Publicidade Moderna*. Lisboa: Editorial Presença.
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Lisboa: Edições ASA.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Machado, H. A. (2011). *A literacia financeira da população escolar*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- McMillan, J. H., & Schumacher, S. (2010). *Research in Education. Evidence-Based Inquiry*. New Jersey: Pearson.
- M.E.C. (2004). Programa de Estudo do Meio. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: M.E.C.
- M. E. C., (2013). *Programa e Metas Curriculares de Matemática do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (2013 a). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: M.E.C.
- M.E.C. (2013 b). *Referencial de Educação Financeira para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico, o Ensino Secundário e Formação de Adultos*. Lisboa: M.E.C.
- Modernell, A. (2014). *Como implantar Educação Financeira nas escolas?* Acedido em 13 abril de 2016: <http://maisativos.com.br/novosite/artigo-como-implantar-educacao-financeira-nas-escolas/>
- Montepio. (janeiro de 2015). Obtido de Ei. Montepio: <http://ei.montepio.pt/disciplina-de-educacao-financeira-nas-escolas/>
- Nascimento, M. (2015). *Educação Financeira no Ensino da Matemática: um estudo de caso do Ensino Básico*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- OCDE. (2005). *Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness*. Acedido em 30 de junho: <http://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>

- OCDE. (s.d.). *Brasil: Para uma economia mundial mais forte, limpa e justa*. Polanco: OCDE.
- Paredes, F. M. (2015). *Saber Viver em Tempos de Crise: Um contributo para a literacia financeira*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa .
- Pinheiro, R. P. (2008). *Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão*. Acedido em 13 abril de 2016: <http://www.mtps.gov.br/images/Documentos/outrosAssuntos/superavit.pdf>
- Pinto, M. (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho.
- Prado, R. S. (2013). *Educação Financeira no Ensino Fundamental I*. São Gonçalo: Univeresidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, E. M. (2013). *Literacia Financeira: Estudo aplicado aos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. Porto: Universidade Portuguesa.
- Roldão, M. C. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.
- Santos, B. (1994). *O Livro dos Consumidores*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Santos, B. (2006). *Este Consumo que nos Consome. Olhares sobre a Sociedade de Consumo Actual*. Porto: Campo de Letras.
- Santos, M. E., Fonseca, T., & Skapinakis, H. (Outubro/Dezembro de 2010). Fazer, Gerir e Poupar. *Noesis*, pp. 24-29.
- Silva, A., & Powell, A. (2013). *Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica - XI Encontro Nacional de Educação Matemática*. Curitiba.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação* (2.ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Souza, D. P. (2012). *A Importância da Educação Financeira Infantil*. Belo Horizonte.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- Vale, I. (2004). Algumas Notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática - O Estudo de Caso. *Revista da Escola Superior de Educação*, 171-202.
- Zabalza, M. A. (1998). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: ASA.

Anexos

Anexo 1 – Planificação de referência

| | | | | | | |
|---|---|--|--|---|-------------------|---------------------------|
| Escola: Básica do Cabedelo | | Ano /Turma: 2º e 3º CA23 | | Data: 23, 24, 25, 26e 27 de novembro de 2015 | | |
| Mestrando: Luísa Tomé (Implementar) e Cristina Rodrigues | | Dia da semana: Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira e Sexta-feira | | Período: 1º Período | | |
| Temas /Conteúdos /Blocos | Competências/ Objetivos específicos/ Objetivos gerais/ Descritores | Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho (incluir aprendizagens prévias se relevante) | | Materiais/recursos/espacos físicos | Tempo | Avaliação |
| Segunda-feira, 23 de novembro de 2015 | | | | | | |
| Estudo do Meio - A | Consolidar a matéria dada; | <p>Para iniciar a aula, como habitual a professora estagiária escreve a data no quadro e pede aos alunos para a copiar e também escrever o seu nome no caderno pautado e quadriculado.</p> <p>A professora pede aos alunos do 3º ano que resolvam as fichas nº 7 e 8 do caderno de atividades de estudo do meio ^(ANEXO 1), que a irão fazer de forma autónoma. De seguida, expõe no quadro interativo um mapa de Portugal legendado apenas com os</p> | | Fichas de consolidação ; | 10 min. 1h | Resolve a ficha proposta; |

| | | | | | |
|--|--|---|--|-------------|---|
| saúde do seu corpo (3º ano) - Os aspetos físicos do meio local (2º ano) | Reconhecer alguns estados do tempo; Relacionar as estações do ano com os estados de tempo; Registrar o que observou; | distritos ^(ANEXO 2) . Distribui pelos alunos do 2º ano uma tabela ^(ANEXO 3) com o nome das várias previsões de tempo e os alunos terão que imaginar e desenhar um possível símbolo. Estas previsões serão comparadas e no final a professora mostra a legenda que utilizarão para o próximo exercício. A seguir, a professora pede aos alunos para fazerem uma previsão do estado do tempo e da temperatura para a próxima semana. Á medida que os alunos enunciam as suas previsões, a professora regista-as no quadro interativo através de imagens. Com esta previsão, os alunos terão que imaginar que são um apresentador de um programa de meteorologia e apresentar o tempo que irá decorrer na próxima semana. Para finalizar, a professora mostra aos alunos um termómetro digital e escolhe um aluno para ir até ao recreio medir a temperatura que está no presente dia. No manual ^(ANEXO 4) , os alunos registam a temperatura que foi medida e o símbolo que representa o estado do tempo que decorre. Neste sentido este registo será feito todos os dias até sexta-feira, para no final fazer um balanço do tempo que decorreu durante a semana. | Quadro interativo; Manual; Lápis; Termómetro; | 20 min | Reconhece alguns estados do tempo; Relaciona as estações com os estados de tempo; Regista o que observou; |
| Recreio (10:30-11:00) | | | | | |
| Matemática - Números e Operações | Subtrair números naturais com | De seguida, a professora apresenta um cálculo de subtração no quadro (45-11=) e pede aos alunos para calcularem mentalmente e que expliquem todos os procedimentos feitos par chegar ao total. Para auxiliar esta explicação a professora recorrerá também à tabela do 100. Neste momento, a professora escreve todas as | Quadro; Marcadores; | 1h e 20 min | Subtrai números naturais com |

| | | | | | |
|---|-------------------------|--|-------------------------------------|--------|-------------------------|
| | diferentes estratégias; | <p>estratégias que os alunos sugerem. Após todas as sugestões a professora proporciona um pequeno diálogo em que explica que se podem utilizar as variadas estratégias para fazer o mesmo cálculo de forma rápida.</p> <p>Para que os alunos possam experimentar em grande grupo algumas estratégias diferentes, a professora sugere outras parcelas (50-15=; 35-22=) e faz o mesmo processo. A fim de experimentar varias estratégias, os alunos irão resolver uma ficha com vários cálculos de subtração (ANEXO 5). Esta ficha é corrigida pela professora à medida que é resolvida pelos alunos e depois, um de cada vez resolve um cálculo no quadro e explica aos colegas a sua estratégia.</p> <p>T.P.C. -2º ano – Manual de estudo do meio página 64 e 66 (ANEXO 6). - 3º ano – Ficha de revisões de Estudo do Meio (ANEXO 7).</p> | Fichas de estratégias de subtração; | 10 min | diferentes estratégias; |
| Almoço/Recreio (12:30-14:00) | | | | | |
| Estudo do Meio – Os aspetos físicos do meio local | | A escola colabora com o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental, neste sentido um engenheiro vem sensibilizar a comunidade escolar para a importância da reciclagem e compostagem. | | 2h | |

Terça-feira, 24 de novembro de 2015

| | | | | | |
|---|---|---|--|------------|--|
| Português – Iniciação à Educação Literária | Motivar os alunos para a leitura; | <p>Para iniciar a aula, a professora irá corrigir o trabalho de casa no quadro e dirige-se com um aluno do 2º ano para o recreio, para medirem a temperatura do presente dia.</p> <p><u>Pré-leitura:</u> A professora mostra o livro “Como passa o tempo?” de Ana Vicente ^(ANEXO 8) e enuncia os elementos paratextuais, título, autor, ilustrador e editora.</p> <p><u>Leitura:</u> Os alunos treinam a leitura em silêncio e de seguida, aqueles que forem escolhidos irão ler em voz alta para toda a turma. No final o texto é lido em voz alta pela professora.</p> | Termómetro; | 10 min. | |
| | Ouvir obras de literatura infantil; | <p><u>Pós-leitura:</u> São colocadas à turma as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none">- O que fez o ponteiro dos minutos?- Porquê que o ponteiro dos minutos saiu do relógio? | Livro “Como passamos o tempo” de Ana Vicente; | 20 min | |

| | | | | | |
|-------------------------------|---|---|---|-------------|--|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - O que fez o ponteiro enquanto não estava no relógio? - O que aconteceu ao tempo enquanto o ponteiro brincava? - Quando o ponteiro se apercebeu que o tempo estava parado o quê é que ele fez? - Como o ponteiro não podia sair mais do relógio, o que fizeram os seus amigos? | | | Responde às questões de acordo com a história; |
| Recreio (10:30-11:00) | | | | | |
| Matemática - Medir o tempo | <p>Reconhecer a hora como unidade medida de tempo e relacioná-la com o dia;</p> <p>Ler e escrever a medida de tempo apresentada no relógio;</p> | <p>A professora começa por colocar a turma uma adivinha:</p> <p><i>- Qual é coisa, qual é ela, que tem uma perna mais comprida que a outra e noite e dia anda sem parar?</i> (Relógio)</p> <p>Seguidamente, a professora afixa no quadro uma tira de papel celnorte e questiona:</p> <p><i>- A que horas começam as vossas aulas?</i></p> <p>Assinala no papel a hora que os alunos enunciaram e pede a um aluno que diga as horas que se sucedem até à hora a que saem da escola. Depois mostra à turma que 1h equivale a 60 minutos e pergunta:</p> <p><i>- Se dividirmos 1h ao meio quantos minutos serão?</i></p> <p>Após concluírem que são 30 minutos a professora assinala as meias horas em todas as horas e coloca o seguinte desafio:</p> <p><i>- Se dividirmos 1h em quatro partes, quantos minutos terá cada parte?</i></p> <p>A professora afixa no quadro outra tira no quadro, e liga esta à primeira indicado à turma que esta nova tira representa 1h da primeira tira, registando esta afirmação no</p> | <p>Tiras de papel celnorte;</p> <p>Marcadores;</p> <p>Quadro;</p> <p>Massa adesiva;</p> | 1h e 30 mim | <p>Reconhece a hora como unidade de medida de tempo e relaciona com o dia;</p> <p>Lê e escreve a medida de tempo apresentada no relógio;</p> |

| | | | | |
|--|---|--|--|--|
| | <p>Efetuar conversões de medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos;</p> | <p>quadro. Divide-a em quatro partes iguais e assinala a resposta dada pela turma à questão anterior.</p> <p>De seguida, a professora distribui por cada aluno um cartão com o desenho de um relógio ^(ANEXO 9) e pede que dividam com um marcador o círculo ao meio e pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Quantos minutos estão representados nas metades do relógio?</i> - <i>Se voltarmos a dividir o relógio ao meio, em quantas partes fica dividido o relógio?</i> - <i>Quantos minutos estão representados em cada parte?</i> - <i>Conseguimos dividir essas partes em 3 partes iguais?</i> - <i>Quantos minutos tem cada uma dessas partes?</i> <p>Após, concluírem que cada parte tem cinco minutos a professora explica que os números que observam no relógio estão disposto de 5 em 5 minutos. Quando o ponteiro grande está no número 12 significa que vai começar uma nova volta, que é uma hora exata. Assim se o ponteiro pequeno estiver a apontar, por exemplo para o número três são 3h. São mostrados à turma vários exemplos das posições dos ponteiros e feita a sua leitura.</p> <p>Para finalizar, a professora coloca a seguinte questão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se o dia tem 24 h como é que conseguiremos ver as horas no relógio a partir das 12h? <p>A professora explica que quando o ponteiro do relógio estiver a apontar para o número 12 significa que já deu uma volta completa, que já passou meio-dia e que a partir daqui se volta a contar as horas. Quando o ponteiro voltar a dar outra volta</p> | <p>Cartões com o desenho do relógio;</p> | <p>Efetua conversões de medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos;</p> |
|--|---|--|--|--|

| | | | | | |
|---|------------------------------------|--|---|-------------------------|--|
| | | completa e voltar a apontar para o número 12 significa que já passaram 24h, um dia completo. | | | |
| Almoço/Recreio (12:30-14:00) | | | | | |
| Português – Gramática | Identificar sinónimos e antónimos; | <p>A professora distribui um excerto do texto ^(ANEXO 10) lido de manhã pela turma e pede que sublinhem as palavras que esta pedir. O quadro é dividido em três e estas são escritas na primeira parte. A turma terá que encontrar um sinónimo e um antónimo para cada palavra, assim a professora relembra estes conceitos, registando-os no quadro. Os alunos registam no caderno e para terminar, constroem frases com estas palavras (sinónimos e antónimos).</p> <p>T.P.C. -2º ano – Manual de matemática páginas 62 e 63 ^(ANEXO 11). -3º ano – Manual de matemática página 32 ^(ANEXO 12).</p> | Folha com o excerto do texto; Quadro; Marcadores; | 110 min. 10 min. | Identifica e dá exemplos de sinónimos e antónimos; |
| Quarta-feira, 25 de novembro de 2015 | | | | | |
| | | Para iniciar a aula, como habitual a professora estagiária escreve a data no quadro e pede aos alunos para a copiar e também escrever o seu nome no caderno pautado e quadriculado. | | 10 min. | |

| | | | | | |
|-------------------------------------|--|---|--|---------|--|
| | | <p>A professora irá corrigir o trabalho de casa e dirigisse com os alunos do 2º ano para o recreio para medirem a temperatura do presente dia. De regresso à sala, a professora faz um breve resumo do que foi falado sobre as horas no dia anterior e afixa na parede a tira relativa às horas do presente dia.</p> | Termómetro; | 15 min. | |
| Português – Leitura e Escrita | <p>Ler e ouvir obras de literatura para a infância;</p> <p>Recontar uma história ouvida ou lida;</p> | <p>Seguidamente, a professora distribui pela turma o texto “Russos e Orelhas” (Anexo 13) e mostra o “Livro com cheiro a canela” de Alice Vieira, de onde foi retirado o texto. Os alunos treinam a leitura em silêncio. Antes de iniciar a leitura feita pelos alunos em voz alta, a professora pede a um aluno, escolhido aleatoriamente, que identifique o autor, ilustrador e a editora do livro. No final a professora lê em voz alta para a turma e coloca as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Como se chamava o café onde o menino e a mãe iam todos os dias?</i> - <i>O quê é que a mãe do menino não o deixava comer?</i> - <i>Como se chamava o bolo que ainda estava no forno?</i> - <i>Com o que é que o menino confundiu o nome desse bolo?</i> - <i>Como se chamava o bolo que a mãe do menino pediu?</i> - <i>Com o que é que o menino confundiu o nome desse bolo?</i> - <i>O quê é que o menino pensou que a mãe era?</i> <p>A professora escreve no quadro as palavras “russo” e “orelha”, duas vezes no quadro, referindo o duplo significado que estas tinham no texto e pergunta:</p> | <p>“Livro com cheiro a canela” de Alice Vieira;</p> <p>- Ficha de trabalho das palavras homónimas e homófonas e dos sinónimos e antónimos;</p> | 65 min | <p>Lê de forma audível para a turma.</p> <p>Responde de acordo com a história;</p> |

| | | | | | |
|---------------------------------|---|---|---|---------|--|
| | Identificar palavras homónimas e homófonas; Identificar sinónimos e antónimos; | <p>- Qual é o nome que damos às palavras que se escrevem e se leem de igual forma mas que tem significados diferentes?</p> <p>- Qual é o nome que damos às palavras que tem a mesma pronuncia mas tem diferente significado e escrita?</p> <p>Após o grupo responder, a professora escreve, no quadro, um exemplo para as palavras homófonas e pede ao grupo que pensem num novo exemplo para cada uma. Para finalizar, é entregue uma ficha (ANEXO 14) de consolidação sobre palavras homófonas e homónimas e sinónimos e antónimos.</p> | Lápis; | | Identifica palavras homónimas e homófonas; Identifica sinónimos e antónimos; |
| Recreio (10:30-11:00) | | | | | |
| Matemática – Geometria e Medida | Conhecer a evolução do relógio ao longo da história; Reconhecer a importância dos relógios como | <p>A professora expõe no quadro interativo um PowerPoint (ANEXO 15) sobre a “Evolução do relógio”. Para introduzir o tema são colocadas as seguintes questões:</p> <p>- Se não houvesse relógios como é que vocês iriam fazer para marcar um encontro a uma certa hora?</p> <p>- Será que existiram relógios desde sempre?</p> <p>- Como é que as pessoas marcavam horas para se encontrarem?</p> <p>- Como é que as pessoas saberiam em que parte do dia se encontravam?</p> <p>De acordo com as respostas dadas pelos alunos, a professora refere que a necessidade de medir o tempo já é muito antiga, por isso o povo teve que arranjar</p> | PowerPoint “Evolução do relógio” Quadro interativo; Manual; Lápis; | 90 min. | Conhece os vários relógios que foram inventados ao longo da história; Reconhece a importância dos relógios |

| | | | | | |
|--|--|--|------------------|------------------------|---|
| | instrumento de medida do tempo; Ler e interpretar calendários e horários; | alternativas para se orientar no tempo. A explicação prossegue de acordo com o PowerPoint e no final a professora coloca um vídeo que retrata este tema. Quando o vídeo terminar os alunos irão fazer exercícios, do manual de matemática, para consolidarem a matéria. O 3º ano realiza os exercícios da página 33 e 34 ^(ANEXO 16) , autonomamente, enquanto a professora lê e explica os exercícios da página 64 e 65 ^(ANEXO 17) aos alunos do 2º ano. A correção dos exercícios é feita de forma alternada, entre os dois anos à medida que estes vão fazendo. | | | como instrumento de medida do tempo; Lê e interpreta calendários e horários; |
| Almoço/Recreio (12:30-14:00) | | | | | |
| Expressão Plástica – Modelagem e escultura | Explorar a resistência e plasticidade da massa modelar; Modelar apenas com as mãos; | Será distribuído por cada aluno um pedaço de pasta modelar, feita previamente, para que inicialmente a explorem livremente. A quando isto a professora relembra algumas técnicas de modelagem (ex.: bola e rolo). Após a exploração livre, a professora desafia os alunos a modelarem o seu retrato, tendo em conta as suas características físicas. No final a turma arruma a sala e forma uma fila para irem para o ginásio. T.P.C. -2º ano – Caderno de fichas de Matemática páginas 29 e 30 ^(ANEXO 18) . -3º ano – Caderno de fichas de Matemática páginas 19 e 20 ^(ANEXO 19) . | - Massa modelar; | 40 min. 10 min. | Modela e explora a massa modelar com as mãos; |

| | | | | | |
|---|--|--|---|----------------------------|---|
| Expressão Físico- Motora - Jogos | Correr coordenadamente; Reagir a um sinal sonoro; | Os alunos formam uma fila e dirigem-se para o ginásio. <u>Aquecimento:</u> A professora explica ao grupo que para realizarem bem esta atividade tem que estar muito atentos. Os alunos irão correr à volta do ginásio ao som de várias músicas. Sempre que a música parar, têm que saltar. Voltam a correr quando ouvirem novamente a música. | -Ginásio; Músicas; Rádio; | 10 min. | Corre coordenado; Salta quando a música para; |
| | Correr coordenado com a colher na boca; Estar concentrado; | <u>Desenvolvimento:</u> Posto isto, a professora junta o grupo em círculo, divide as crianças em dois grupos e alinha-os em filas e explica que na próxima atividade têm que transportar bolas e não podem utilizar as mãos. A professora exemplifica aos alunos o que vão ter que fazer. Estes têm que segurar a colher pelo cabo, com a boca, e nessa colher encontra-se uma bola que não podem deixar cair ao chão. Os alunos devem correr pelo percurso feito pela estagiária, com a colher na boca. Quando um aluno chega à meta deve entregar a sua bola a outro elemento da sua equipa que está na fila e este inicia o percurso. | Colheres; Bolas de ping-pong; Arcos; | 15 min 40 min | Corre coordenado com a colher na boca; Consegue correr sem deixar cair a bola; Reage rapidamente |

| | | | | |
|--|---|------------------------------|---------------|--|
| <p>Reagir a um sinal sonoro; correr com velocidade;</p> <p>Reagir rapidamente;</p> <p>Promover a coordenação motora;</p> | <p>Colocam-se alguns arcos no chão, (menos arcos que alunos). Os alunos correm aleatoriamente e ao sinal do professor tentam sentar-se dentro de um arco. Quem não conseguir fica apenas 1 vez de fora.</p> <p>Em cada arco apenas se pode sentar um aluno. Estando os alunos dentro dos arcos, ao sinal professor devem todos tentar trocar de arco, enquanto os alunos que haviam perdido tentam conquistar um arco.</p> <p>No centro do ginásio está um círculo de arcos, no início do jogo o número de arcos é igual ao número de alunos para que todos os alunos se mantenham em atividade. À medida que o jogo decorre o professor vai retirando um arco de cada vez e sempre que um aluno perder sai do jogo. O jogo termina quando ganhar um aluno.</p> <p><u>Relaxamento:</u> Este momento é dedicado para que os alunos retomem à calma. A professora reúne o grupo em círculo e abre o paraquedas pedindo às crianças que o segurem. É colocada uma bola no centro do paraquedas e os alunos não poderão deixar a bola cair fazendo movimentos de cima para baixo.</p> | <p>Paraquedas; Bola;</p> | <p>10 min</p> | <p>ao sinal sonoro; Corre com velocidade;</p> <p>Reage rapidamente;</p> <p>Movimenta o paraquedas de forma a não deixar cair a bola.</p> |
|--|---|------------------------------|---------------|--|

Quinta-feira, 26 de novembro de 2015

| | | | | | |
|-------------------------------------|---|--|--|-------------------|--|
| Português – Leitura e Escrita | Planificar a escrita de textos; Escrever um texto descritivo; | Para iniciar a aula, como habitual a professora estagiária escreve a data no quadro e pede aos alunos para a copiar e também escrever o seu nome no caderno pautado e quadriculado. | | 10 min | |
| | | A professora irá corrigir o trabalho de casa e dirigisse com os alunos do 2º ano para o recreio para medirem e registar a temperatura do presente dia. | | 15 min | |
| | | Depois, entrega a cada aluno uma tabela ^(ANEXO 20) para preencherem com as características de uma figura pública (Cristiano Ronaldo), que será exposta no quadro interativo. À medida que os alunos preenchem o quadro a professora completa-o no quadro. Após o quadro estar completamente preenchido, a professora mostra um exemplo de um texto com a descrição de uma pessoa. Em grande grupo, com a ajuda da professora e da tabela, os alunos irão produzir um texto que descreva a figura pública. | | 1h e 5 min | Planifica a escrita de textos; Escreve um texto descritivo; |
| | | Recreio (10:30-11:00) | | | |
| Português – Leitura e Escrita | Planificar a escrita de textos; | A professora distribui pelos alunos uma nova tabela para os alunos preencherem com as suas características tendo em conta o que foi trabalho na primeira parte da manhã. Após preencherem a tabela, os alunos construirão um texto descritivo sobre eles | | 1h e 30 min | Planifica a escrita de textos; |

| | | | | | |
|--------------------------------------|--|---|-------------|--|---|
| | Escrever um texto descritivo; | próprios, de acordo com o que preencheram na tabela. Enquanto os alunos escrevem a professora vai corrigindo os textos pelos lugares e dando dicas para melhorarem. No final todos leem o seu texto para a turma e escolhem o melhor, um do 2º ano e outro do 3º ano. | | | Escreve um texto descritivo; |
| | | Almoço/Recreio (12:30-14:00) | | | |
| Matemática – Figuras geométricas; | Reconhecer e representar formas geométricas; Distinguir figuras poligonais de não poligonais; | <p>A professora afixa no quadro várias figuras geométricas ^(ANEXO 21) com a mesma cor, mas com diferentes formas e pede ao grupo que as organize em dois grupos distintos e que digam como pensaram. Para ajudar o grupo a professora colocará as seguintes questões:</p> <p>- <i>Que diferenças observam nestas figuras?</i></p> <p>- <i>Quais as semelhanças que observam entre as figuras?</i></p> <p>Após organizarem todas as figuras geométricas de acordo com as linhas que as caracterizam, a professora explica que as figuras de um dos grupos são polígonos, pois são limitadas por linhas poligonais e que as do outro grupo são não polígonos, porque são limitadas por linhas não poligonais.</p> <p>De seguida, a professora mostra mais figuras geométricas e pede a alguns alunos, escolhidos aleatoriamente, para as colocarem no grupo a que acham que ela pertence e justificarem a sua escolha.</p> <p>A professora expõe no quadro interativo um quadro de Kandinsky e pergunta:</p> | 1h e 30 min | | Reconhece e representa formas geométricas; Distingue figuras poligonais de não poligonais; |

| | | | | | |
|---|--|--|----------------------------|----------------------|---|
| | Distinguir linhas poligonais de linhas não poligonais; Identificar em desenhos as partes internas e externas; | <p>- <i>O que é que vocês observam?</i></p> <p>De acordo com as respostas dos alunos, a professora pede-lhes que observem com atenção as linhas presentes na pintura e questiona:</p> <p>- Que diferenças observam entre essas linhas?</p> <p>Após os alunos concluírem que existem linhas planas poligonais e não poligonais, a professora explica os polígonos são limitados por elas. Assim, as linhas poligonais e não poligonais são a fronteira dos polígonos, o que separa a parte interna da parte externa.</p> <p>T.P.C. -2º ano – Manual de matemática páginas 52 e 53 ^(ANEXO 22). -3º ano – Caderno de fichas de Matemática página 18 exercícios 4 e 5 ^(ANEXO 23).</p> | | | Distingue linhas poligonais de não poligonais; Identifica em desenhos as partes internas e externas; |
| Sexta-feira, 27 de novembro de 2015 | | | | | |
| Matemática – Figuras geométricas, Números e operações e | | <p>Para iniciar a aula, como habitual a professora estagiária escreve a data no quadro e pede aos alunos para a copiar e também escrever o seu nome no caderno pautado e quadriculado.</p> <p>A professora irá corrigir o trabalho de casa e dirigisse com os alunos do 2º ano para o recreio para medirem e registar a temperatura do presente dia. Quando regressão a</p> | Quadro; Marcadores; | 10 min 20 min | Respondem corretamente |

| | | | | | |
|---|----------------------------------|---|--|-----------|-------------------------------|
| <p>Medir o tempo; Português – Leitura e Escrita e Gramática; Estudo do Meio - A saúde do seu corpo (3º ano) - Os aspetos físicos do meio local (2º ano)</p> | <p>Rever os conteúdos dados;</p> | <p>sala os alunos registam o que observaram e fazem o balanço do tempo que esteve durante a semana, referindo qual foi o estado de tempo que ocorreu com mais frequência e o que ocorreu com menos frequência.</p> <p>De seguida, a professora relembra oralmente com os alunos o que foi dado durante a semana, começando pelas palavras homónimas e homófonas e sinónimos e antónimos. Pede aos alunos que deem exemplos e estes serão explorados oralmente ou no quadro.</p> <p>Depois são lembradas as horas, a professora coloca os ponteiros das horas e dos minutos em várias posições e os alunos fazem a leitura oralmente. Escreve no quadro que 1h são 60 minutos, que meia hora são 30 minutos e que 15 minutos são um quarto da hora.</p> <p>Seguidamente, são recordados os vários estados de tempo que ocorrem ao longo do ano e em que estação do ano são mais prováveis de ocorrer.</p> <p>Para terminar, é feita uma revisão dos vários sistemas do nosso corpo, órgãos e respetivas funções.</p> | | <p>1h</p> | <p>às questões colocadas;</p> |
| <p>Recreio (10:30-11:00)</p> | | | | | |

| | | | | | |
|--|---|---|--|-------------|---|
| | Avaliar as aprendizagens dos alunos; | Os alunos irão realizar uma ficha ^(ANEXO 24) para avaliar as aprendizagens que realizaram ao longo da semana. | | 1h e 30 min | Realiza sem dificuldades; |
| Almoço/ Recreio (12:30-14:00) | | | | | |
| Expressão Dramática – Jogos Dramáticos | Improvisar situações do dia-a-dia; Utilizar linguagem gestual; | Para iniciar a aula será introduzido um diálogo com a turma sobre a rotina do seu dia, a o que fazem antes de chegar à escola, na escola e depois quando vão para casa. Os alunos terão que representar a sua rotina através de mimica. Antes de começarem a professora exemplifica o exercício. Ao longo deste exercício será dado reforço positivo para que os alunos se sintam motivados e que não se sintam com vergonha de realizar o exercício perante a turma. | | 2h | Improvisa situações do dia-a-dia; Utiliza linguagem gestual; |

Questionário- Avaliação diagnóstica

Parte I

1- **Recebes** dinheiro dos teus **pais**?

Sim

Não

2- **Recebes** com muita frequência ou só em datas especiais (como no Natal ou no teu aniversário)?

3- Recebes dinheiro dos teus **familiares**?

Sim

Não

Se sim, quando?

4- Para que **serve** o dinheiro?

5- Tens algum mealheiro onde **guardas** o dinheiro que **recebes**?

Sim

Não

6- **Guardas** o teu dinheiro para comprar alguma **coisa em especial**?

Sim

Não

O que gostarias de **comprar**?

7- Quando **queres** comprar alguma coisa o que fazes:

peço aos meus pais uso o dinheiro do mealheiro

8- Os teus pais:

dão-te tudo o que queres dizem-te para esperares pelas datas especiais

9- Costumas **ver** os catálogos das lojas?

nunca sempre de vez em quando em datas especiais

De que lojas vês?

10- Quando os vês apetece-te sempre comprar alguma coisa?

Sim

Não

O que gostarias de comprar?

Parte II

1- Conheces bem a **moeda oficial** do teu país? Qual é o seu **nome**?

2- Faz a ligação correta:



3- Imagina que tens **20 euros**. Rodeia os objetos seguintes que podes comprar com esse dinheiro. Escreve todos os cálculos que fizeste.



4 €



3 €



10 €



12 €



2 €



1 €



4 €

Questionário- final

Estivemos a trabalhar no tema Educação Financeira, a falar sobre o dinheiro.

1- Para que **serve** o dinheiro?

2- Depois de trabalhares, na Educação Financeira , vários catálogos costumam **ver** os que chegam a tua casa?

nunca sempre de vez em quando

De que lojas vês?

3- Quando os vês apetece-te sempre comprar alguma coisa?

Sim Não

O que gostarias de comprar?

4- Conheces bem a **moeda oficial** do teu país? Qual é o seu **nome**?

5- Faz a ligação correta:



6- Imagina que tens **20 euros**. Rodeia os objetos seguintes que **comprarias** com esse dinheiro. Não precisas de gastar o dinheiro todo. Escreve todos os cálculos que fizeste.



20€



3€



12€



2€



1€



4€



1€



1€



1€

7- O que é que **aprendeste** com a Educação Financeira?

- Os alimentos mais saudáveis são mais baratos que os alimentos que devemos evitar.
- Há produtos muito caros que não podemos comprar sempre que quisermos.
- Que é importante poupar para poder comprar certos produtos mais caros.
- A usar o dinheiro como meio de pagamento.
- Que é importante analisar os folhetos das lojas.
- A analisar os folhetos das compras para decidir o que comprar.

Anexo 4 – Entrevista à professora titular de turma

1- Na sua opinião considera importante abordar a Educação Financeira na escola?

Sim, extremamente importante! Afinal, é no dia-a-dia onde se encontra este tema.

2- Conhece o Referencial de Educação Financeira, editado pelo Ministério da Educação e Ciência?

Sim. Faz parte das nossas programações.

3- Se sim, considera que o referencial está bem estruturado? Os objetivos estabelecidos são pertinentes e facilmente atingíveis?

Considero bem estruturado, já que é transversal e permite uma evolução ao longo do 1º ciclo. Contudo, não é facilmente atingível por um grupo turma heterogéneo, como a maioria dos grupos de alunos por turma. Isto sem falar em alunos com necessidades educativas especiais, onde nós, professores, temos de limitar, evidentemente, competências a desenvolver. Mas os programas são para isso mesmo.

4- Após observar todas as actividades desenvolvidas no âmbito da Educação Financeira, considera que foram relevantes para a educação dos alunos?

Muito relevantes. Foi possível despertar a grande diferença entre o supérfluo e o necessário. Para além disso, a educação neste sentido é paralela às competências necessárias na área da Matemática.

5- Qual das actividades considerou mais pertinente? Porquê?

A atividade da “Lojinha”, já que foi possível envolver a sério todos os alunos na compra e venda de produtos tal e qual como na realidade acompanham ou não os pais fazerem, frequentemente. A alegria e o entusiasmo de cada aluno foram notórios.

6- Que alterações faria nas actividades que foram propostas?

Alterações não faria, pois considero que foram bem planeadas e conseguidas. No entanto, entendo importante referir que, foram atividades também muito importantes para mim, como professora, pois servem de base e de seguimento para futuras atividades e competências a desenvolver.

7- Tem alguma sugestão de melhoria para uma abordagem futura deste tema? Qual?

Não sendo fácil, seria interessante levar os alunos com frequência a locais propícios e tradicionais a esta educação, a financeira, como por exemplo: feiras, mercados, docas, ...onde o cálculo mental, pesagens e medições são efetuados longe de máquinas/computadores, balcões e atendimentos “impessoais”. Contudo, no meu entender, deveriam ser os pais a proporcionar a frequência destas vivências, onde tudo faz verdadeiramente sentido.

Anexo 5 – Pedido de autorização

Estimado(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da minha integração no estágio que realizo com o grupo de alunos em que o seu educando se encontra, pretendo realizar uma investigação centrada na área curricular de Matemática, mais especificamente na Educação Financeira.

Para a concretização da investigação será necessário proceder à recolha de dados através de diferentes meios, entre eles os registos fotográficos, áudio e vídeo das atividades referentes ao estudo. Estes registos serão confidenciais e utilizados exclusivamente na realização desta investigação. Todos os dados serão devidamente codificados garantindo, assim, o anonimato das fontes quando publicado.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe neste estudo, permitindo a recolha dos dados acima mencionados. Caso seja necessário algum esclarecimento adicional estarei disponível para esse fim.

Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Viana do Castelo, 1 de dezembro de 2015

A mestranda

(Luísa Lopes da Silva Tomé)

Eu, _____ Encarregado(a) de Educação do(a) _____, declaro que autorizo a participação do meu educando no estudo acima referido e a recolha de dados necessária.

Assinatura _____

Data _____

Obs.:

Anexo 6 – Notas e moedas



Anexo 7 – Imagens dos alimentos da tarefa 2



Anexo 8 – Catálogo publicitário da tarefa 2

SELECÇÃO DE FRESCOS

POUPE METADE DO VALOR

MÉDIA ÁFRICA DO SUL 4€

GRANDE ÁFRICA DO SUL 4€

À POÇA / FERRAR 4€

CACHAÇO DE PORCO S/OSSO 2,49€

BEANAS DE PORCO 2€

KIM 1,24€

LARANJA 1€

Anexo 9 – Catálogos publicitários da tarefa 3

STAPLES

Conjunto 5 Caixas Armazenamento RUB

2 x 3Lts.
1 x 9Lts.
1 x 35Lts.
1 x 84Lts.

Resistentes, Duradouros e Empilháveis!

50€

28 dezembro 2015 a 19 janeiro 2016

PREPARE-SE PARA O SUCESSO EM 2016

CONSELHOS E PRODUTOS PARA SE ORGANIZAR

GRANDES PROMOÇÕES PREÇOS IMBATÍVEIS

simply Caixa de Papel Simply A4 750rs. 5 reamas

13€

ancor Pasta de Amendoim com Caixa Anacor 800ml Pasta Pasta 3

9€

34 Lojas Online staples.pt Telefone 707 200 656 Click & Collect

O QUE RENDE É IR AO CONTINENTE

www.continente.pt

150 Anos Nestlé

COM A CONFIANÇA NESTLÉ

+ DE 150 PRÉMIOS

HABILITE-SE A GANHAR 50€/DIA EM CARTÃO DA PRESENTES CONTINENTE

12€ + 50€

CAFÉ YUNNAN DOCE GUSTO

5€

BOLEO CREMOSO

2€

CÁPSULAS DOCE GUSTO

2€

LEITE CONDENSADO NESTLÉ

1€

NESTES LEITES DA MARCA NAN

25% SUPER PREÇO

FLOCOS CEREAIS NESTUM

3€

Agão exclusiva nas lojas Continente e em www.continente.pt de 02 a 10 de janeiro 2016. Oferta de 1 cartão Das Presentes Continente com o valor de 50€ por cada 12€ em compras de produtos NESTLÉ para os primeiros 17 participantes diários. As marcas participantes são todas as marcas Nestlé exceto Nestlé Purina Pet Care, Nestlé Togatras, Sobremesas e Bebidas Refrigeradas, Nestlé Waters, Nestlé Lentes para Lentilhas NAN 1, NAN HA 1 e NAN CONFORT 1. Não dispõem consulta de regulamento em https://laboratorio.nestle.pt/posstempool/ para saber como participar. Para mais informações contacte Nestlé Serviço ao Consumidor: 800 803 938 (das 09 às 18:30, 5 dias úteis). © Carão Das Presentes Continente é válido em mais de 1500 lojas em Portugal e Espanha, nomeadamente Carrefour, Worten, Worten Mobile, Tappi, Kibanda, MCO, Sport Zone, Quezibar, Vero's, mais. Bem Sucedida e loja online em www.continente.pt

M mini preço

Em 2016
ao seu lado
com os
melhores preços

Bolo Rei Embalado 700g
Preço Kg = €3,70
35% desconto
AGORA €2,59

Bolo Rei Embalado 500g
Preço Kg = €3,48
30% desconto
AGORA €1,74

Queijo Fresco Santiago 85g
Preço Kg = €7,65
LEVE 2 PAGA 1
AGORA €0,65

Azeitão Agulha Vale Velho 1kg
17% desconto
AGORA €0,57

Maçã Golden
35% desconto
AGORA €0,83

Dia A marca perfeita para si.

Leite Meio Gordo
Leite Magro
Leite Gotas

10% desconto EM TODOS OS LEITES UHT DA MARCA DIA

Fica a €0,42 **Fica a €0,57**

Promoção TV

meu super

SANTOS POPULARES

De 6 a 19 de junho de 2014

Mora! Chorizo CASA DA PRISCA Kg
€8,99

Chorizo Extra PRIMOR
Preço Kg = €0,40
POUPE €0,40

Snack Batatas PRINGLES
Preço Kg = €0,56
POUPE €0,56

Maionese HELMANN'S
Preço Kg = €1,49
POUPE €0,80

Paquetas de Café DELTA
Preço Kg = €1,30
POUPE €1,30

Macaronas HELMANN'S
Preço Kg = €0,89
POUPE €0,30

Carvão Alcool SUPER BOCK
Preço Kg = €1,29
POUPE €0,50

Refrigerante a Gás COCA COLA
Preço Kg = €0,89
POUPE €0,30

ALANDRA
€5,99

Barbecue Instantâneo GRILLOS QUINAS
Preço Kg = €4,99
POUPE €0,52

Limpa Churrasqueira MISTOLIN
Preço Kg = €1,57
POUPE €0,52

Rolo de Cozinha COLHOGAR
Preço Kg = €2,54
POUPE €0,52

Sábado 14 de Junho

1º Aniversário

Descontos até 70%

dedicação e frescura

frutaria tentação

MAIS...no interior da nossa loja!

PROMOÇÕES

POUPE 33%
ANTES 1,49€
AGORA 0,99€
Melão Verde Seleção

Alface Frisada

POUPE 70%
ANTES 0,99€
AGORA 0,29€

Cenoura Nacional

POUPE 30%
ANTES 0,55€
AGORA 0,39€

Pepino

POUPE 50%
ANTES 0,99€
AGORA 0,49€

frutaria tentação
dedicação e frescura na sua loja...

Tel. 91 357 3692 | frutariatentacao@gmail.com
Rua Capitão Herculano Ramalho n.27
4480- 892 Vila do Conde

101 PRENDAS 101 OFERTAS
Compre na Frutaria Tentação e tente a sua sorte!

Couve Portuguesa
0,49€ Kg

Pera Rocha
0,79€ Kg

Uvas Passas
0,99€ Kg

Maçã Fuji
0,79€ Kg

Noz
3,99€ Kg

Cenoura Poveira
0,39€ Kg

Maçã Golden Extra
0,59€ Kg

Promoções limitadas ao stock existente

Época Natalícia com mais promoções no interior da nossa loja...